

PORQUE AMAMOS
LIVROS

REVISTA

conexão

Literatura

Agosto/2021

nº 74

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

A POESIA DE

Yin Xiaoyuan

Autora chinesa de 18 epopéias enciclopédicas,
que somam 70 mil versos

* *Confira* Artigo de Cristiane de Mesquita
Alves: RITA QUEIROZ, a poetisa das águas

* *Confira* Artigo de Gilmar Duarte Rocha:
Lawrence Ferlinghetti, 101 anos de poesia



E MAIS

CONTOS, ENTREVISTAS E DICAS DE LIVROS

SUMÁRIO

AGOSTO DE 2021

Editorial: Por Ademir Pascale, pág. 03
A poesia de Yin Xiaoyuan (Entrevista), pág. 05
Lawrence Ferlinghetti, 101 anos de poesia, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 16
Poema: Nada mais, por Manoel Calixto, pág. 19
Rita Queiroz: A poetisa das águas, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 20
Dicas para leitura, pág. 23
Literatura: Romance: A música do seu coração - Capítulo 18: É solidão que já vem, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 24
Arte: O misterioso livro L'image du monde de Gauthier de Mertz, por Reginaldo Leite, pág. 30
Autora Fatemeh Varzende e a obra Linhas da Vida, pág. 35
Artigo científico: EVASÃO ESCOLAR: a problemática envolvendo família, escola e sociedade, por Fábio da Silva Neto; Adla Makarem Ribeiro; Malinália Inês Rocha Marcião e Marcos Pereira dos Santos, pág. 36
Emílio Figueira, escritor com paralisia cerebral e autor de 90 livros, lança novo romance, pág. 45
Cordel: Lá se vão, por Beatriz C. Mattos, pág. 47
Entre viagens, letras e sons: Memórias de uma bibliotecária inquieta, por Marco Antônio de Almeida, pág. 48
Poemas de Deni Maliska, pág. 52
A angústia como motor da criatividade artística, por Wilson Barreto Fróis, pág. 57
Entrevista com a escritora Aline Gonçalves, pág. 60
Entrevista com o escritor Alisson R. do Nascimento, pág. 64
Entrevista com a escritora Amanda Magri, pág. 66
Entrevista com o escritor André Casagrande, pág. 70
Entrevista com o escritor Caetano Lagrasta, pág. 73
Entrevista com a escritora Cris Ladeia, por Cida Simka e Sérgio Simka, pág. 76
Entrevista com o escritor Fernando Luiz dos Santos Chaves, pág. 79
Entrevista com o escritor Jean Carlos Vieira Santos, pág. 84
Entrevista com o escritor J. C. Zeferino, pág. 87
Entrevista com o escritor Jorge Claudio Ribeiro, pág. 89
Entrevista com o escritor Paulo Cesar Aquino, pág. 92
Entrevista com o escritor Roberto Schima, por Shirlei Pinheiro, pág. 95
Entrevista com a escritora Sheyla Baum, pág. 103
Conto: Autoral, por Bert Jr., pág. 105
Conto: O louco dos relógios - Pequena narrativa fantástica, por Daniela S. Terehoff Merino, pág. 110
Conto: O sonho roubado, por Adayl, pág. 116
Conto: Corboletas azuis, por Fran Pigosso, pág. 118
Conto: A estranha, por Iraci José Marin, pág. 122
Conto: O braço executor de Deus, por Osvaldo Luis Meza Siqueira, pág. 125
Conto: No ar, por Diógenes Carvalho Veras, pág. 134
Conto: Para se pensar, por Géssica Menino, pág. 140
Conto: Lobisomem, por Idicampos, pág. 145
Conto: Libertação, por Miriam Santiago, pág. 149
Conto: Labirinto espacial ou mental?, por Roberto Minadeo, pág. 154
Conto: Os quatro elementos, por Roberto Schima, pág. 160
Conto: Siribeira: A mulher maravilhosa, por Zilmara Soares de Brito, pág. 167
Conto: A chavinha..., por Mónica Palacios, pág. 170
Conto: A cura viaja na carruagem de Quirón..., por Mónica Palacios, pág. 172
Saiba como anunciar, divulgar ou publicar na próxima edição da revista, pág. 174

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068 - A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html - Crédito da foto de capa: by SONG Zuifa, Holder of 1st Class Photographer National Certificate, Editor of "The Face of Chinese Poetry"
Layout da capa, org. e arte: Ademir Pascale - Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura

EDITORIAL

Direto da China, trazemos nesta edição Yin Xiaoyuan, importante autora de 18 epopéias enciclopédicas, que somam 70 mil versos, tendo traduzido e publicado seus textos em 30 países. Manti-ve contato direto com a autora durante alguns dias e agradeço pela gentileza, educação e presteza nas respostas, diferente de alguns autores brasileiros que temos muita dificuldade para entrar em contato, que só trocam mensagens através de assessores (isso quando resolvem responder). Muitos autores brasileiros dizem não ter incentivo, mas antes eles precisam querer ser incentivados. E se crescer no meio literário, seja humilde. Isso faz com que se abram ainda mais portas. Também agradecemos pela parceria com a Paradise Ocean Books, editora que publica autores do Irã no Brasil.

Tenha uma ótima leitura!

Para saber como participar da nossa edição de setembro, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

— revista —
conexão
LITERATURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe

CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook: @conexaoliteratura
Twitter: @ademirpascale
Instagram: @revistaconexaoliteratura



YIN XIAOYUAN - ON THE TOP OF MOUNT HUA

A POESIA DE YIN XIAOYUAN ENTREVISTA

Yin Xiaoyuan (Yīn Xiǎoyuán, “殷晓媛” em chinês) é uma poetisa épica e vanguardista, escritora multilíngue, fundadora da Escola de Poesia Enciclopédica (est. 2007) e iniciadora do Movimento de Escrita Hermafrodita. Ela se formou na Beijing International Studies University. Ela é membro da Associação de Escritores da China, Associação de Tradutores da China e Instituto de Poesia da China. Publicou 11 livros, incluindo 5 antologias de poesia e 6 traduções. Seus trabalhos foram traduzidos para mais de 30 idiomas e publicados em todo o mundo.



Yin Xiaoyuan - Seven Stars Park, Guilin

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Yin Xiaoyuan: Foi através de um antigo jornal chamado Qing Chun Chao (“Os Jovens”) dos meus tempos de colégio (1998-2001). Eu tinha 16 anos quando este trabalho foi publicado, o que despertou uma forte reação, especialmente dos meus pais, e até recebi uma entusiástica carta escrita à mão de um jovem leitor. Essa prosa se chamava "Buraco negro" e foi o começo da minha escrita sobre tópicos científicos, embora tenha sido muito mais tarde do que o primeiro poema que publiquei, quando tinha 7 anos. Não era um tema tão comum na época como é hoje, especialmente na pequena cidade onde fui criada, e parecia um pouco com um pino redondo em um buraco quadrado entre todas as outras obras na mesma página, a maioria das quais eram letras tradicionais. Alguns o chamaram de “um pedaço de tecido estranho do futuro”. Isso me lembra a questão do "Navio de Teseu", você pode se considerar a mesma pessoa que era, quando tudo em você e sobre você mudou? O processo de “mudança” é um salto acionado acidentalmente ou com ele ocorre com velocidade uniforme? Cada escolha que você já fez pode ser explicada com a teoria de multiuniversos, e cada estágio de sua vida pode ser desmontado em cenas estáticas como movimentos lentos? Em caso afirmativo, as peças adjacentes nas sequências são consistentes umas com as outras? A mudança quantitativa leva a uma mudança qualitativa, mas tornar-se um poeta não é nenhuma das duas coisas. A acumulação não faz de você um poeta, ela precisa de um enredo, quanto mais reviravoltas dramáticas, melhor. Mas um começo não convencional é definitivamente

uma vantagem. Foi bem por coincidência que mais tarde eu encontrei em meu mapa natal o sol em Aquário em quadratura com Júpiter em Escorpião, talvez seja por isso que minha estreia foi tão excêntrica e gótica.

Conexão Literatura: Autora de 18 poemas épicos enciclopédicos, que somam um total de 70 mil versos e 24 séries de poemas curtos com temas que variam de física, química, biologia, geografia, geologia, psicologia, caligrafia, fotografia, musicologia, geometria, ciências atmosféricas e ciências da informação. Tornou-se membro da Associação de Tradutores da China, do Instituto de Poesia da China e da Associação de Escritores de Pequim. Seus trabalhos em chinês, inglês, japonês, alemão e francês foram amplamente publicados no país e no exterior, como EUA, Canadá, Japão, Alemanha, Austrália, Tailândia, etc. Escreveu 7 livros publicados até agora. Poderia comentar?

Yin Xiaoyuan: Poesia não é um texto simples, não a restringimos a um papel bidimensional. A poesia trata da reconstrução do tempo e da colagem do espaço. Na poesia, você não se limita à narração de um enredo como na ficção; em vez disso, você cria uma nova lógica que cola palavras e frases não relacionadas umas às outras, como fazer pesquisas em um campo magnético, então o "tempo" em sua poesia é uma parte essencial para tornar o design de causa e efeito persuasivo. Podem ser imagens espelhadas, pontos discretos ou, os mais comuns, fragmentos. Mas em meus poemas épicos você encontra linhas do tempo paralelas umas às outras, em ziguezague ou em espiral. Você deve ter ouvido falar do "Kongming Lock", um brinquedo intelectual chinês tradicional que data de 2.000 anos atrás. Pedacos de madeira estão firmemente agarrados uns aos outros, sem pregos. A poesia deveria ser assim: evite implantar símbolos de tempo, mas manipule o fluxo. Quanto ao espaço, você inspeciona suas próprias obras com os olhos de um arquiteto, nenhuma das palavras, frases ou volumes devem ser baseados em pensamentos aleatórios, você projeta a estrutura e, em seguida, adiciona mais e mais esboços... O espaço deve ser dividido equitativamente, equilibrado de forma aventureira e atualizado de forma sustentável. Nunca permita que seus poemas caiam no clichê da "peça de um ato". Primeiro, estabeleça as bases, a metade inferior na realidade e a metade superior nas nuvens, para que seu trabalho se torne um arranha-céu com quatro paredes de vidro gradiente. Você vai encontrar o espaço na poesia tão infinitamente expansível e extensível, embora a interface que ele compartilha com a realidade seja de uma área definida, que você cava um pequeno buraco e coloca a semente do tempo e vê as videiras crescerem até cobrirem espaços em branco.

Conexão Literatura: Poderia destacar um pequeno trecho do qual você acha especial em um dos seus livros?

Yin Xiaoyuan: A seguir estão dois parágrafos de meu trabalho de gênero cruzado "Twin Flames":

“Ela não sabia que eu havia sido perseguido por eles por um longo tempo, o que eu havia notado - os personagens da prosa nítida eram pálidos e fracos, que passavam rapidamente

pelos meus olhos a partir de caixas de luz de publicidade no metrô ou pop-ups no meu celular, o que me pegou de surpresa, mas se desfez em rostos irreconhecíveis em um piscar de olhos. Mas aqueles que escapavam de longos poemas nunca foram fáceis de lidar: ainda tenho uma nítida lembrança daquele dia em que esbarrei em um homem ao atravessar a rua e fiquei surpreso com sua expressão: uma carranca beligerante, com veias nas veias. testa protuberante, como se ele fosse o portador de alguma maldição fatal. Mais tarde, lembrei-me de que ele não era outro senão Guntram Stötzner, atravessando a cidade a passos largos até L'hôpital de Lyon em busca de Marilène Beaufort.

Dr. Marco Osborne, o ráquis que conecta tudo que floresce em ordem umbelar. Ele funciona como seu arquétipo e meu principal recipiente de energia.”

“Na opinião do Dr. Marco Osborne, a abdicação de Déodat Yin e a súbita transferência de soberania para" a versão feminina de Jean Cocteau "Déodat Yin II foi um comportamento totalmente evasivo, um ato de reclusão das costelas da 'ética e moral'. Ele coloca seus olhos de águia no topo da excelente versão de carne e sangue em seu pináculo biológico, que foi equipado com vigilância constante e percepção aguçada. Pela primeira vez na minha vida estou com medo... Eu me pergunto se ele é uma entidade ou um I.A. disfarçado, que tem evoluído na velocidade da luz e manipulado com sucesso o resultado ideal do teste de Turing por imitação indistinguível. Se for esse o fato, tudo o que posso sentir agora é a humilhação final, já que nunca fui um iniciador como pensei que era, mas um produto de uma A.I .. ”

Conexão Literatura: Como os leitores interessados devem proceder para saber mais sobre você e seu trabalho como escritora?

Yin Xiaoyuan: A seguir estão alguns links:

(Poemas selecionados 2012-2019)

(Publicação Pinyon, EUA)

<http://www.pinyon-publishing.com/cloudseeding.html>

Новая Литература (Russia)



Yin Xiaoyuan - Zhurong Peak is the highest point on Mount Heng



http://newlit.ru/~masterstvo_perevoda/6725.html

Ли terraт у па (Russia)

<https://litteratura.org/perevody/4504-in-syaoyuan-kitay-cikl-stihov-na-temu-fiziki-8-iz-25.html>

Aullido (Spain)

<http://aullidolit.com/parashorea-cathayensis-poema-traducido-yin-xiaoyuan/>

Poesía÷Neón(Academia Nacional de Poesía CDMX)

<http://www.ensentidofigurado.com/esfcontenido.php?esfID=4>

La Macchina Sognante(Italy)

<http://www.lamacchinasognante.com/dallatlante-ornitologico-di-yin-xiaoyuan-merops-orientalis-e-melanochlora-sultanea-trad-di-vasily-biserov/>

<http://www.lamacchinasognante.com/da-un-menu-di-te-dai-gusti-distinti-parte-prima-a-cura-della-scuola-di-poesia-enciclopedica/>

<http://www.lamacchinasognante.com/poesia-dalla-cina-e-terribile-un-deragliamento-inconscio-scuola-enciclopedica-parte-i>

<http://www.lamacchinasognante.com/poesia-dalla-cina-un-fiume-di-nebbia-che-il-paese-deve-attraversare-scuola-enciclopedica-parte-ii/>

Actualitatea Literară (Romania)

<https://actualitatealiterara.ro/AL109.pdf>

Poesis (Romania)

http://www.informatia-zilei.ro/sm/wp-content/uploads/2021/03/Poesis_martie_2021.pdf

Namaashoum : Contemporary Canadian Poets (Canada)

<https://persianradio.net/poets/>

Literarische Blätter(German)

<https://www.literarische-blaetter.de/jahrgang-2021/februar-2021/>

Argo(Italy)

<https://www.argonline.it/misteri-delx-%e2%a5%80-poemetto-di-yin-xiaoyuan-prima-parte/>

<https://www.argonline.it/misteri-delx-%e2%a5%80-poemetto-di-yin-xiaoyuan-seconda-parte/>

Rivista Letteraria (Italy)

[http://www.rivistaletteraria.it/rivista2021/Rivista%20Letteraria%20anno%20XLII%20n.2-3%20\(2020\).pdf](http://www.rivistaletteraria.it/rivista2021/Rivista%20Letteraria%20anno%20XLII%20n.2-3%20(2020).pdf)

Plovdiv Literature(Bulgaria)

<https://plovdivlit.com/en/author/184-yin-xiaoyuan/bg>

L'Ulisse(Italy)

<https://www.lietocolle.com/2020/11/ulisse-numero-23-novembre-2020-metamorfosi-dellantico/>

Sal(Portugal)

<https://zpoluras.bandcamp.com/album/sal>

Bitola Literary Circle: МАНИФЕСТАЦИЈА 2020(North Macedonia)

<https://bkk-pisateli.mk/manifestacija2020/>

الحضاري(Saudi Arabia)

<http://ibdaat.net/wp-content/uploads/simple-file-list/Ebdaat3.pdf>

Diastixo(Greece)

<https://diastixo.gr/logotexnikakeimena/poihsh/14808-yin-xiaoyuan>

Recours au poème(France)

<https://www.recoursaupoeme.fr/yin-xiaoyuan-les-mysteres-delche/>

Adelaide(Portugal)

<http://adelaidemagazine.org/2020/06/20/corrente-alternada-turbulenta-ou-serena-by-yin-xiaoyuan/>

Comhar(Ireland)

<https://comhar.ie/iris/80/7/aeoin-hadean-an-dubhphlumog/>

La Libélula Vaga(Spain):

<http://lalibelulavaga.com/2020/07/06/xiaoyuan-yin-parpadeando-en-la-inmensidad/>

Vallejo & Co.(Latin America)

<http://www.vallejoandcompany.com/1-poema-de-la-serie-ciencias-atmosfericas-de-yin-xiaoyuan/?fbclid=IwAR1tXWgu7pi8gcb4kQGt9glZ1Y9ux2xqBDMSVm20phQ4QiqEl7Re-PNkbTw>

Al Araby Al Jadeed(UK):

(1)<https://www.alaraby.co.uk/texts/2020/6/1/%D8%B3%D8%B1-%D8%A5%D9%84%D8%AA%D8%B4%D9%8A-1>

(2)<https://www.alaraby.co.uk/%D9%82%D8%B5%D9%8A%D8%AF%D8%A9-%D9%84%D9%84%D8%A3%D8%B9%D8%AF%D8%A7%D8%AF-%D8%A7%D9%84%D8%A3%D9%88%D9%84%D9%8A%D8%A9>

Caminos sin fronteras(Spain)

<https://www.editorialnuevosekkos.es/producto/caminos-sin-fronteras/>

Contemporary Dialogue(Republic of North Macedonia)

<https://mnd-bitola.mk/современи-дијалози-contemporary-dialogues/>

Alnaked aliraqi(Iraq)

<https://www.alnaked-aliraqi.net/article/74944.php>

Observatorul(Romania)

<http://www.observatorul.com/default.asp?action=articleviewdetail&ID=21112>

Samaward(Saudi Arabia)

<https://samaward.net/?p=1741>

Contrapuntos VII(US)

<http://www.digitusindie.com/>

Buenos Aires Poetry(Argentina)

<https://buenosairespoetry.com/2019/04/29/%e3%80%8a%e8%87%aa%e4%bb%96%e4%bd%93%e4%ba%8c%e9%87%8d%e5%94%b1%e3%80%8b-diez-poetas-chinos-de-la-escuela-enciclopedia-parte-1/>

<https://buenosairespoetry.com/2019/05/10/%e3%80%8a%e7%99%be%e7%a7%91%e8%af%97%e6%b4%be%ef%bc%88%e4%b8%ad%e5%9b%bd%ef%bc%89%e8%af%97%e9%80%89%e3%80%8b-diez-poetas-chinos-de-la-escuela-enciclopedia-parte-2/>

Revista Excéntrica (Argentina)

<http://www.excentrica.com.ar/poemas-cuanticos-de-yin-xiaoyuan/>



Yin Xiaoyuan - Heaven Lake in Changbai Mountains

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Yin Xiaoyuan: "O Atlas Ornitológico" é uma série de 100 poemas, cada um intitulado após o nome científico de um pássaro, exceto vários pássaros da mitologia. Todos os poemas têm versões em chinês e inglês, e alguns deles foram traduzidos para a Rússia por Vasily Biserov, para o italiano por Claudia Piccinno e para o romeno por Emil Nicolae. Eu compartilho um deles aqui:

[14] Chrysolophus Pictus 红腹锦鸡
(Faisão dourado)

鶡 (hàn), forma alternativa de "翰", um galo robusto. Era uma vez que se realizavam rituais no subúrbio do Lu, com um faisão dourado como sacrifício, e o discurso de felicitações era o seguinte: "Que as penas escarlates desta ave sagrada acabem com todos os desfavoráveis para o nosso senhor." - "" Shuowen Jiezi "[1]

鶡，雉肥鶡者也。鲁郊以丹鸡祝曰：以斯鶡音赤羽，鲁侯之咎。——《说文》

鶡 (hàn) significa um galo do alto. - "Erya: On Birds" [2]

鶉，天鸡。——《尔雅·释鸟》

鶉 (hàn) tem penas escarlates - "Anotação de Guo Xiang para Zhuangzi"

鶉鸡赤羽。——《郭注》

鶉 (hàn) tem listras como as de um faisão comum, o povo Shu costumava enviá-las ao imperador Cheng como tributos. - "O Livro de Zhou"

文鶉若彩鸡,成王时蜀人献之。——《逸周书书

"(Faisões dourados) São pássaros com listras coloridas." - "Coleções de anotações dos 13 clássicos confucionistas"

鸟有文彩者也。——《疏》

No vasto deserto erguem-se os guindastes brancos congelados, enquanto junto ao lago límpido dançam faisões brilhantes como cetim. - [Dinastia Tang] Du Mu "Zhu Po"

迴野翹霜鶴,澄潭舞錦鸡。

—— [唐] 杜牧 《朱坡》

Possui pescoço dourado e dorso carmesim com cauda malhada sempre levantada. É muito egoísta para ser domesticado por enjaulamentos. - [Dinastia Song] Zhu Fu "História das Cinco Tribos Étnicas"

金项火背,斑尾扬翹,志意揭骄,笼之不能驯。

—— [宋] 朱辅 《溪蛮丛笑》

Capability Brown era bom em enquadrar uma vista com sua taça Claude. Mas Literatus Cangshu era muito mais astuto do que isso - ele o aprisionou em um espelho

Quem poderia negar que o pássaro no espelho era uma imagem soberba em si? Você estava tão imaculado que não precisou de uma máquina de fumaça de palco para dançar. Veja! Que névoa de tinta e lavagem subia dos vales! Não foi surpresa que seu próprio reflexo fosse seu parceiro, e a presença dele perturbou os fluxos estratificados monótonos do tempo

No entanto, sua fantasmagoria não era maior do que um trono de lótus [4], destinado a ser demolido por vicissitudes

No começo você foi pintado com cores claras. O que "tinta e cor na seda" significava para você? Já que você estava tão orgulhoso de suas cores deslumbrantes, por que se desonrar com todos esses ascetas em preto e branco? Devíamos tê-lo satisfeito com a paisagem verde-azulada de ouro [5]: marrom-ocre, verde-malaquita, azul-azurita, vermelho-cinábrio, ouro em pó... você não amava nada mais do que esta pincelada fina imperial de duplo contorno pintura decorativa da corte

No alto da plataforma do Templo Xuanhe, o Imperador Huizong de Song agarrou seu pincel e finalizou o último toque em sua obra-prima "Faisão Dourado e Flores de Rosa

de Algodão". Era uma elegante composição triangular e seus olhos seguiram uma borboleta na flor:

"No outono profundo, ele resistiu à geada e à neve, usando sua coroa com um brilho divino. Cinco virtudes eram conhecidas deste pássaro sagrado, enquanto ele se divertia mais do que patos e gaivotas sem dizer uma palavra."

("秋劲拒霜盛， 峨冠锦羽鸡， 已知全五德， ， 安逸胜凫鹭")

Mais tarde, na Dinastia Yuan, Wang Ruoshui [6] decidiu que flores de pêssego da montanha eram sua melhor companhia. Então foi a vez de Ming, e Lu Tingzhen [7] introduziu camélias em suas pinturas com tema de faisão - flores carmim decoradas no papel eram como pontos de referência de esqueleto e osso

Você olhou para um galho mais alto sob a cúpula do céu. Ele tinha padrões K'o-ssu [8]: apenas fios de ouro e prata poderiam expressar a magnificência de suas penas, não é de admirar que houvesse o ditado "uma polegada de K'o-ssu vale uma polegada de ouro". Você apareceu no Buzi [8] de mantos de gola redonda para oficiais de segundo escalão de Ming

Entre a garça e o pavão, você estava em perfeito alinhamento com o ganso selvagem, o faisão prateado, a garça, o pato mandarim, o papa-figo e a codorna: você empoleirou-se ao sol vermelho, pisando nas ondas, dançando febrilmente

Como sua contraparte, o leão rugiu de volta para você - deixe o vento carregá-lo até os céus

Foi uma longa partida, e os longos cabelos de Literatus Cangshu ficaram brancos como amentilhos de junco. Ele olhou para cima, com uma montagem de expressões em seu rosto, e perguntou em que data era

O que você não morreu dessa dança frenética e tempestuosa? Por que a luz foi refletida pelo gelo no lago, como escreveu Yuan Hongdao [10], "como um raio de um espelho em um caixão que se abre lentamente". Caiu na ponta do seu nariz e a fez brilhar como uma capa de neve

Por que você ainda está demorando neste mundo caprichoso de saha
Por que eu deveria admirá-lo como uma flor nas altas montanhas?

* O faisão dourado (*Chrysolophus pictus*), também conhecido como faisão chinês, e faisão arco-íris, é um gamebird da ordem Galliformes (pássaros galináceos) e da família Phasianidae (faisões). O nome do gênero vem do grego antigo *khrosolophos*, "com crista dourada", e *pictus* significa "pintado" de pingere, "pintar" em latim.

Nome científico: *Chrysolophus pictus*

Classificação superior: *Chrysolophus*

Família: Phasianidae

[1] Shuowen Jiezi (chinês: 說文解字; lit. 'discutindo a escrita e explicando caracteres') é um antigo dicionário chinês da dinastia Han. Embora não seja o primeiro dicionário abrangente de caracteres chineses (o Erya o antecede), foi o primeiro a analisar a estrutura dos caracteres e a dar a justificativa por trás deles, bem como o primeiro a usar o princípio de organização por seções com componentes compartilhados chamados radicais (bùshǒu 部首, lit. "cabeçalhos de seção").

[2] Um século depois, Lu Dian (陸佃) escreveu o (1096) Piya ("Aumentou [Er] ya")... Os últimos sete - relativos a gramíneas, árvores, insetos e répteis, peixes, pássaros, animais selvagens e animais domésticos - descrevem mais de 590 tipos de flora e fauna. É um notável documento de história natural e biogeografia histórica.

[3] O Livro de Zhou (Zhōu Shū) registra a história oficial dos chineses / Xianbei governados pelas dinastias Wei Ocidental e Zhou do Norte, e está entre as vinte e quatro histórias oficiais da China imperial. Compilado pelo historiador Linghu Defen da Dinastia Tang, o trabalho foi concluído em 636 EC e consiste em 50 capítulos, alguns dos quais foram perdidos e substituídos por outras fontes.

[4] Na arte asiática, um trono de lótus, às vezes uma plataforma de lótus, é uma flor de lótus estilizada usada como assento ou base para uma figura. É o pedestal normal para figuras divinas na arte budista e hindu, e freqüentemente visto na arte Jain. Originário da arte indiana, seguiu as religiões indianas, principalmente no Leste Asiático.

[5] Jinbi shanshui, (chinês: "paisagem verde-ouro") Wade-Giles romanização chin-pi shan-shui, também chamada de qinglǔbai ou qinglǔ shanshui, estilo de pintura de paisagem chinesa durante o Sui (581-618) e Tang (618–907) dinastias.

[6] Wang Yuan (1746 - 1813) Ruoshui pelo nome de estilo, Danxuan pelo apelido, um nativo de Hangzhou, província de ZheJiang, foi um pintor da dinastia Yuan. Ele se destacou na pintura de paisagens, figuras humanas, flores e pássaros. Ele estudou pintura de figuras humanas com Tang Ren, paisagens com Guo Xi, flores e pássaros com Huang Quan, em um estilo minucioso e brilhante.

[7] Lu nasceu em Ningbo, na província de Zhejiang. Seu nome de estilo era 'Tingzhen'. As pinturas de Lu apresentam dois estilos distintos. Algumas de suas obras usam cores brilhantes em uma apresentação quase inibida, enquanto outras são mais fluidas, mas com tintas e aquarela suaves.

[8] K'o-ssu ou kesi (chinês simplificado: 缂丝; chinês tradicional: 縠絲; pinyin: kèsī) é uma técnica em tapeçaria de seda chinesa, admirada por sua leveza e clareza de padrão. É uma trama de tapeçaria, normalmente usando seda em pequena escala em comparação com tapeçarias de parede europeias. Roupas para a corte eram um dos principais usos. A densidade dos nós é tipicamente muito alta, com um vestido da melhor qualidade talvez envolvendo tanto trabalho quanto uma tapeçaria européia muito maior. Inicialmente usado para pequenas peças, muitas vezes com decoração de animais, pássaros e flores, ou dragões para roupas imperiais, na dinastia Ming era usado para copiar pinturas.

[9] Buzi (褖子):

A decoração quadrada na frente e nas costas do uniforme oficial dos oficiais civis e militares da Dinastia Ming, que foi usada na ocasião do encontro com o imperador e reportagens, etc. O padrão de bordado do Buzi é claramente especificado, que é um sinal

importante para distinguir funcionários em todos os níveis. Os requisitos de qualidade são elevados, independentemente do custo, requintados e requintados.

Emblemas de classificação de civis chineses

Ming (1527-1644)

- 1 guindaste
- 2 faisão dourado
- 3 pavão
- 4 ganso selvagem
- 5 faisão prateado
- 6 garça
- 7 pato mandarim
- 8 oriole
- 9 codornizes

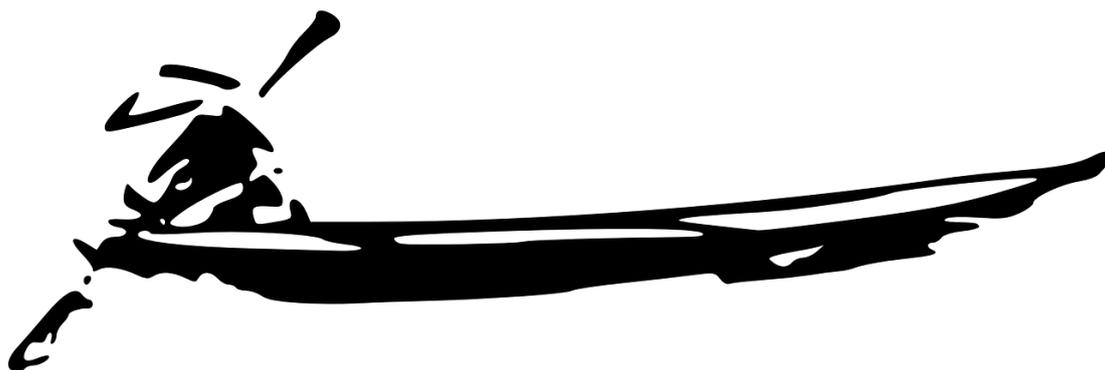
Emblemas militares chineses

Ming (1527-1644)

- 1 Leão
- 2 Leões
- 3 tigres
- 4 leopardo
- 5 urso
- 6 pantera
- 7 pantera
- 8 rinocerontes
- 9 cavalo-marinho



[10] Yuan Hongdao (chinês: 袁宏道; pinyin: Yuán Hóngdào; Wade – Giles: Yüan Hung-tao, 1568-1610) foi um poeta chinês da Dinastia Ming e um dos Três Irmãos Yuan, junto com seus irmãos Yuan Zongdao e Yuan Zhongdao. A vida de Hongdao abrangeu quase todo o período Wanli (1573-1620) da história chinesa.



Perguntas rápidas:

Um livro: Se em uma noite de inverno, um viajante (por Italo Calvino)

Um autor: Júlio Gabriel Verne

Um ator ou atriz: Johnny Depp

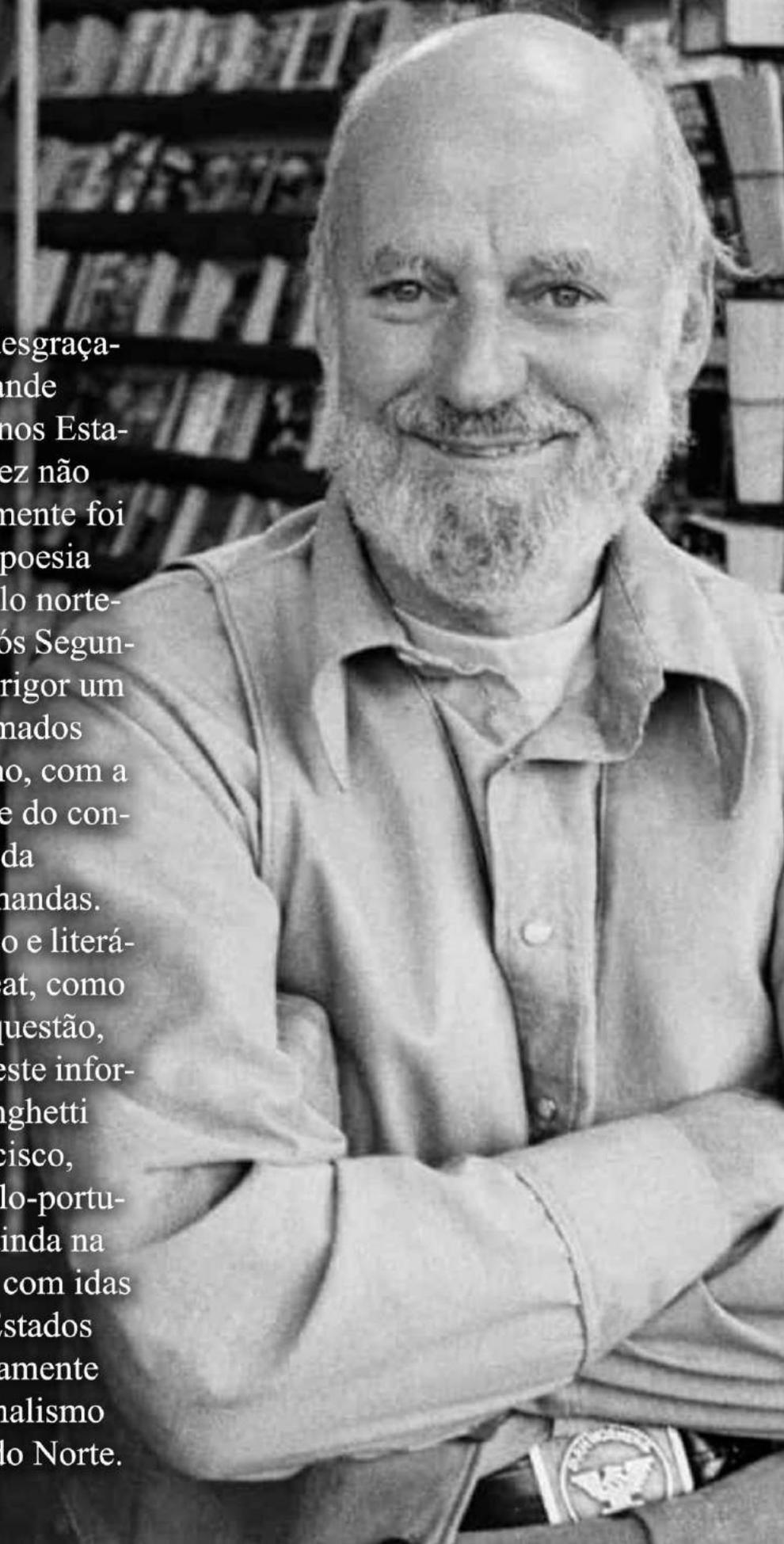
Um filme: The Fall (Diretor: Tarsem Singh)

Um dia especial: 29 de janeiro (meu aniversário)

LAWRENCE FERLINGHETTI, 101 ANOS DE POESIA

POR GILMAR DUARTE ROCHA

Neste ano da graça de 2021, desgraçadamente o segundo ano da grande peste da Idade Digital, morre nos Estados Unidos um poeta que talvez não tenha sido o maior, mas certamente foi um dos grandes expoentes da poesia contemporânea gestada em solo norte-americano a partir dos anos pós Segunda Grande Guerra Mundial, a rigor um movimento de vates inconformados com o establishment americano, com a exacerbação do materialismo e do consumismo e com o surgimento da Guerra Fria, dentre outras demandas. Falamos do movimento poético e literário chamado de beatnik, ou beat, como ficou abreviado. O poeta em questão, que deixou o plano material neste infeliz ano, é Lawrence Ferlinghetti (Nova York, 1919 – São Francisco, EUA, 02/2021), de origem ítalo-portuguesa, tendo perdido os pais ainda na infância e criado por parentes com idas e vindas entre a Europa e os Estados Unidos, firmando-se definitivamente em solo pátrio para cursar jornalismo na Universidade da Carolina do Norte.

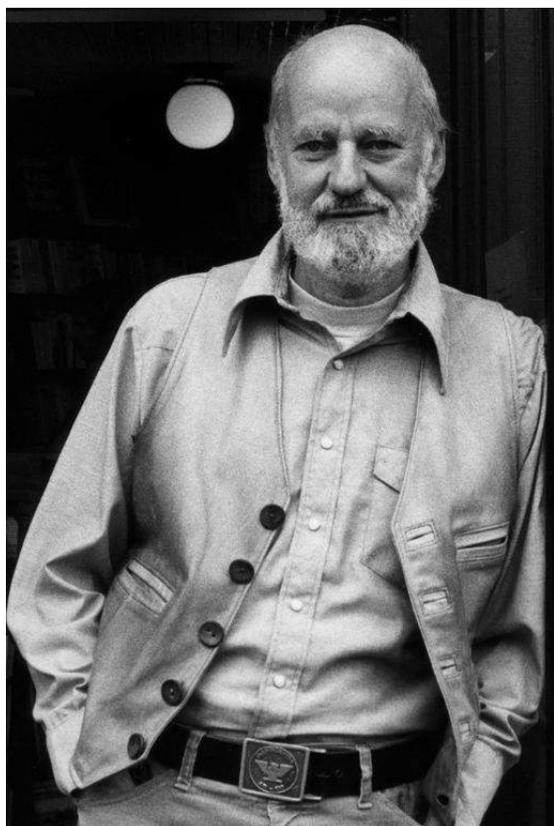


Com a adesão americana à grande guerra alistou-se na marinha daquele país, tal qual muitos intelectuais da sua geração, como J.D.Salinger, entre outros. Após a guerra, voltou ao jornalismo, tendo cursado mestrado na Universidade de Columbia e doutorado em Sorbonne, Paris. Engajou-se então na poesia e já a partir da década de 1950 cria a editora City Lights, onde publica grande parte de sua obra e também dá oportunidade a jovens poetas modernistas, sendo um deles o lendário Allen Ginsberg, que lança a sua obra visceral “Howl” (Uivo) pela Light, sem dúvida alguma o grande trabalho poético do cancionário ianque desde “Waste land”, de T.S.Elliot.

O livro de Ginsberg acende uma espécie de pira para deflagração e consagração do movimento beat (nome alusivo ao jazz), impulsionando escritores do naipe de Gregory Corso, William Burroughs, Jack Kerouac, que escreviam poesias, contos, romances e dramas de forma livre, criativa e com o conteúdo quase sempre contestador. Essa escola literária, segundo críticos, serviu de base para contracultura, movimento culturalmente subversivo, como o próprio nome alude, que transformou a cultura na década de 60, mormente na área musical, inspirando artistas compositores, poetas e compositores-poeta, como o ganhador do Nobel de Literatura de 2016, Bob Dylan, o grande ícone da música americana.

Ferlinghetti foi decisivo e parte importante em toda essa revolução de cultura. Sua poesia transcendia o lugar-comum; abordava temas sociais, políticos; beirava às vezes o anarquismo e brincava com as letras.

Publicou diversas obras, algumas que teve a tradução de “O olho do poeta obscuro”, que reúne uma coletânea de poemas peculiares do autor como este a seguir, em tradução de Nelson Ascher:



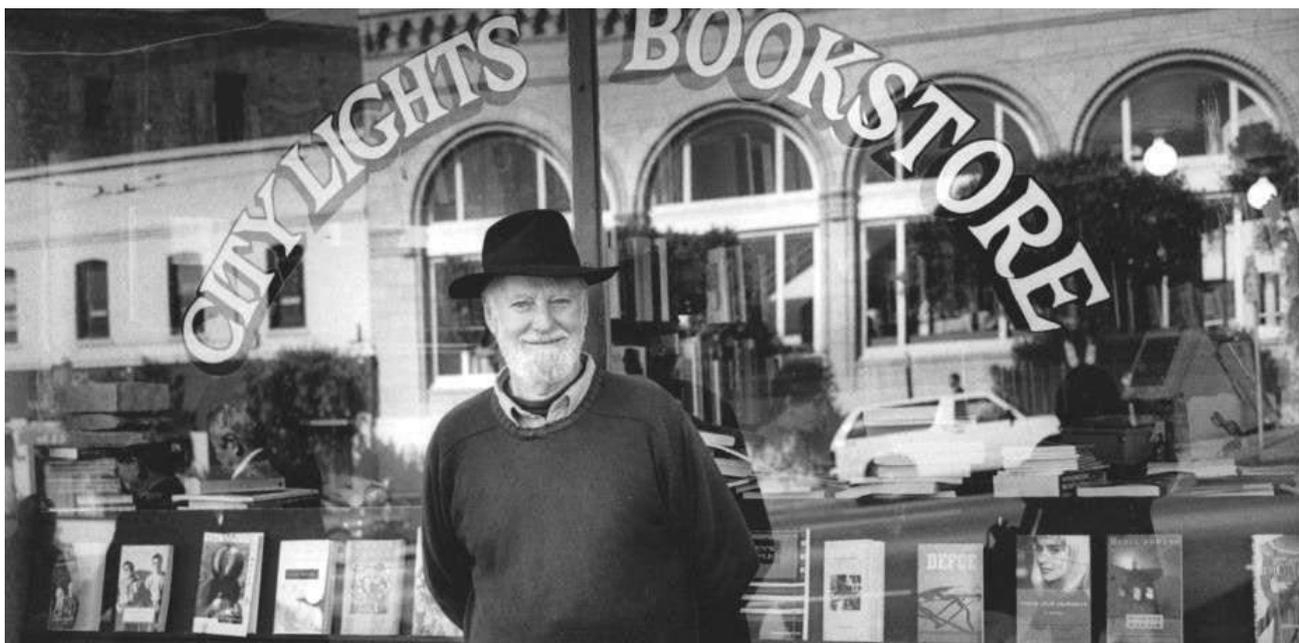
AO LONGE SOBRE UM PORTO CHEIO...

*Ao longe sobre um porto cheio
de casas sem calefação
em meio às chaminés de navio
de um telhado mastreado de varais
uma mulher hasteia velas
sobre o vento
expondo seus lençóis matinais
com pregadores de madeira
Oh mamífero adorável
seus seios seminus
arrojam sombras retesadas
quando ela se estica
para pendurar de alma lavada
seu último pecado
mas umidamente sensual
ele se enrola nela
agarrado à sua pele
Capturada assim de braços*

*erguidos
ela atira a cabeça para trás
numa gargalhada muda
e num gesto espontâneo
espalha então cabelo dourado
enquanto nas inatingíveis paisagens marinhas
entre lonas brancas e enfunadas
sobressaem radiantes os barcos a vapor
para o outro mundo*

Ferlinghetti já havia chamado a minha atenção quando, em 1977, ele participou do show musical de despedida do grupo musical de rock e música tradicional americana “The Band” e recitou uma de suas poesias, uma daquelas em que ele levava o espírito da mensagem para o lado do sarcasmo, cujo início já dá ideia de como ele viu a sacra oração pelo seu prisma “Our father/who art is not in heaven...”

Quem desejar aprofundar-se na obra do saudoso poeta e editor americano pode consultar alguns de seus livros traduzidos em português como o mais famoso deles “A Coney Island of the mind”, vertido com o nome “Um parque de diversões da cabeça”.



Ferlinghetti – Foto divulgação

Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.

Manoel Alves Calixto

Autor de:

1- Sapucaia da Silva na Cidade Fúnebre - 1.981

2- Primaveras Alheias - 1.983

3- Olhares & Janelas - 1.986

4- O Poema que Você não Leu- 1.993

O poema *Depois de...* foi comentado pelo escritor Domingos Pellegrini Júnior

O poema "Sertão Brasil" foi publicado por Teresinka Pereira no Canadá.

E Publicado na França, na revista "Fer de Lance"

NADA MAIS

POR MANOEL CALIXTO

Quanto mais você sabe, menos precisa dizer

Jim Rohn

Acordei de madrugada, pensando na jornada realizada até aqui.

Até agora.

Atravessei ruas, rios e rotas que nunca tracei.

Mas foi assim que cheguei em algum lugar; local que não estava marcado no mapa.

Não estava no mapa.

Um ponto distante de onde sonhei chegar e terminar minha jornada.

Se eu aprendi alguma coisa?

Sim.

Agora eu sei porque os rios desaguam desiguais.

Por quê?

O rio não pode voltar.

Eu também não posso voltar.

Por isso invado as margens dos acontecimentos e estaciono no tempo e quando ganho força, sigo derrubando tudo que ficou do meu passado.

Ficou para trás.

Deixa ficar.

Ficou.

Nada mais ficou.

Fique sem uma refeição, se for necessário, mas não sem um livro

Jim Rohn



RITA QUEIROZ - FOTO DIVULGAÇÃO

FEMINA

Refaço-me em sóis
Na nascente de águas macias
Em que banho minhas lembranças.
Ressurjo das luas que se foram
Enlaçada no azul violeta
Dos sonhos adormecidos.
Fecundo laços de vida
Nas palmas da mão que sangra.
Flores nascem nas minhas noites escuras.
Recolho as sementes infecundas
Sob a chuva fina que costura
As sombras sem memória.
Partilho sinas
No bendito ventre de tantos frutos
Que jorram ausências
E alimentam os ponteiros do destino
(QUEIROZ, 2020, p. 26).

RITA QUEIROZ: A POETISA DAS ÁGUAS

POR CRISTIANE DE MESQUITA ALVES

RITA de Cássia Ribeiro de QUEIROZ nasceu na Bahia. É hoje uma das mais importantes poetisas brasileiras da chamada Literatura da Contemporaneidade. É professora universitária, Pós-doutora em Estudo de Linguagens pela UNEB, Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela USP, ativista cultural, feminista, acadêmica de vários movimentos literários brasileiros, como a Academia Internacional das Mulheres das Letras; ganhadora de diversos prêmios literários em eventos nacionais e internacionais. É organizadora de coletâneas, colunista na Revista Cultural *Evidenciarte*. Possui publicações em muitas antologias, no Brasil e no exterior, bem como em revistas literárias. Integrante dos coletivos: *Confraria Poética Feminina*, *Mulherio das Letras*, *Enluaradas* e *Coletivo de autoras de literatura infantil e infanto-juvenil da Bahia-CALIB*. Baiana apaixonada pelas tradições, pelas músicas de carnaval, Rita é devota de Nosso Senhor do Bonfim; gosta de ouvir *Carinhoso*, de Pixinguinha; de ler *Motivo* de Cecília Meireles – um dos poemas mais bonitos para a escritora. Depois da Bahia, Rio de Janeiro e Veneza são os lugares mais queridos para ela. Espaços envoltos por montanhas e águas são os favoritos dela. (ALVES, 2021).



A poesia de Rita é um hino ao corpo d' água feminino. É um anúncio ao feminismo. É uma escritora que tece cada verso, como uma linha mágica capaz de reproduzir na escrita, seja nos seus textos em prosa, seja nos seus textos em versos uma epifania das águas para descrever o universo da mulher em todas as fases. Não à toa que um dos posfadores de um de seus livros, Souza (2020) caracteriza o lirismo poético de Rita em três momentos: um ato de escrever salgado, doce e 'salobro' para remeter aos diversos momentos em que o corpo, a alma, o coração e a mente feminina são transportados a viver nas diferentes etapas da vida.

Além disso, Rita “é uma poeta de visão lírica abrangente. Ao lermos seus livros anteriores, podemos afirmar que sua poesia é ar, é fogo, é terra e, sobretudo [...] é água primordial.” (FONSECA, 2020, p. 10). Ademais, a escrita de Rita coincide com o temário do feminismo denunciador e reivindicador que encontra na delicadeza e elegância dos versos de uma escritora experiente a manutenção do lirismo poético tradicional que se mescla, equilibradamente, com a novidade estética do contemporâneo.

É uma poesia que educa para o feminismo, a literatura de Rita desmistifica o viés patriarcal e opressor para as mulheres, ensinando que o empoderamento feminino é elaborado desde a infância, no intuito de formar em seus pequenos, suas pequenas leitores/leitoras uma educação consciente no que tange ao feminismo no ambiente social para o desenvolvimento afetivo e cognitivo de uma criança. Isso o leitor/ a leitora de Rita encontra nos seus livros, não somente nas grandes coletâneas que ela escreve e organiza no movimento das Confrarias, dos coletivos feministas, mas também, quando a poetisa apresenta ao público livro como *Grimalda - A lagartixa empoderada*.

Nesse sentido, a obra de Rita traz como temática uma relação diretamente a falar da mulher, da água. Também há um diálogo muito próximo das citações bíblicas. Independente do livro, a escritora leva seu público leitor a inundar em um espaço aquoso, remetendo-o a viver o processo das transformações. São poesias que anunciam e cantam o valor da liberdade, do gênero, do ser humano, do (re) viver, do se oferecer para mudar uma sociedade. Por este motivo, ao se deparar com um texto de Rita Queiroz, a água se torna um elemento natural essencial, tanto para vida, quanto para a poesia.

Dentre as obras da autora, destacam-se:

- Confraria Poética Feminina (Org. 2016)
- *Canibalismos* (2017)
- *O Canto da borboleta* (2018)
- Confraria Poética Feminina II (Org. 2018)
- *Colheitas* (2018)
- *Ciranda, cirandinha: vamos brincar com poesia?* (Infantil, 2019)
- *Confissões de Afrodite* (2019)
- *Velas ao vento* (2020)
- *Confraria em prosa: olhares e vozes femininos* (Org. 2020)
- *Grimalda - A lagartixa empoderada* (Infantil, 2021)
- *A eternidade das águas* (2021)



- Luz dos olhos teus (Org. 2021)
- Outros

Diante dessa premissa, Rita é uma poetisa das águas por tecer cada linha (re) significando o sentido desse elemento natural à vida, tão ligado ao universo feminino. Por convidar cada leitor/leitora a também (re) significar sua vida, principalmente para as mulheres. A poetisa mostra desde a sua Literatura infantil que a figura feminina deve ser para si mesma, como a água, essencial em si só, e não importa como a água se apresenta: salgada, doce ou salobra, para recordar a classificação metafórica escrita por Souza (2020) no concerne à poesia de Rita – em todos os estados da água, ela continua importante, da mesma maneira que a mulher deve se olhar, sentir e ser – em todas as fases, etapas da vida, características de cada uma das mulheres, cada uma é/deve ser essencial para si. A poesia de Rita contém nas entrelinhas dos versos esse chamamento para que a mulher viva e se reconstrua, seja essencial como a água.

Logo, Rita Queiroz se torna uma autora feminina grandiosa no cenário atual da Literatura brasileira, por aumentar a força da voz da mulher em espaços que outrora pouco se dava para ouvir os ecos das que ousaram escrever e falar da mulher, a partir dela mesma. Por este motivo, suas obras precisam fazer parte da biblioteca de vida das que acreditam na luta da mulher, por reivindicar mais espaços sociais, nas academias ou fora delas.

Referências

ALVES, Cristiane db Mesquita. Entre a Filologia da Língua Portuguesa e a Literatura. Entrevista Rita QUEIROZ 16. Abr. 2021. In: **#conversasliteráriaseafins**. Disponível: <https://www.instagram.com/tv/CNvrev8C41O/>. Acesso em: 10 julh. 2021.

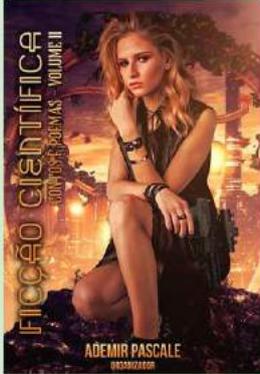
FONSECA, Aleilton. Epifania das águas, o ritual lírico de Rita Queiroz. In: QUEIROZ, Rita. **Velas ao vento**. Guaratinguetá, SP: Penalux, 2020.

QUEIROZ, Rita. **Velas ao vento**. Guaratinguetá, SP: Penalux, 2020.

SOUZA, Antônio Wilson Silva de. Velejando. In: QUEIROZ, Rita. **Velas ao vento**. Guaratinguetá, SP: Penalux, 2020.

Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos. Autora do livro de poesias *Riscos de Mulher* (Editora Todas as Musas).

DICAS PARA LEITURA



Ficção Científica II
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



O assassinato do jornalista suicida
Jorge Claudio Ribeiro

[Acesse](#)



Histórias para ler e morrer de medo VI
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



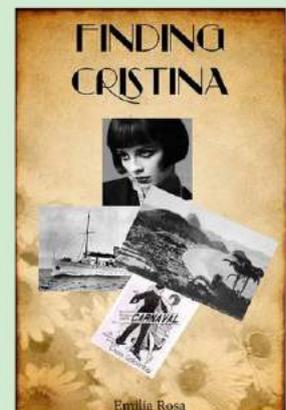
Ventos nas velas!
Emílio Figueira

[Acesse](#)



Tempo de amar III
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



Finding Cristina
Emilia Rosa

[Acesse](#)

“Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca.”

– Clarice Lispector



ROMANCE

A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO: POR RAIMUNDO COLARES RIBEIRO

Capítulo 18: É solidão que já vem

Literatura

Aproximávamos do final de 1983 e a euforia aumentava com a chegada de mais um Ano Novo. A cidade ficava cada vez mais agitada. Na Organização Comercial Agá-Erre as vendas aumentavam com a comercialização de grades de cerveja, de vinho, de refrigerante, sacolas de bombom, caixas de chiclete, pacotes de cigarro e fogos de artifício, principalmente. A alegria se expandia por todos os recantos e bairros da cidade. De hora em hora, a partir do meio dia, a Organização Comercial Agá-Erre sorteava brindes de final de ano entre os seus clientes, o que também favorecia as vendas, pois, quanto maior o valor da compra maior era a quantidade de cupons que recebiam para o referido sorteio.

Em nossos estúdios, o João Batista, conterrâneo tefeense que se formou comigo na mesma turma de Ciências Contábeis da Universidade do Amazonas, em meado de 1982,

fazia-nos visita. Na oportunidade, recordamos momentos de alegria, camaradagem e solidariedade entre todos os colegas da Faculdade. Chegamos a rabiscar os nomes de vários colegas que se formaram conosco. A festa de formatura aconteceu nos salões suntuosos do Ideal Clube, andar superior, na Avenida Eduardo Ribeiro, no Centro Histórico de Manaus. Em ordem alfabética, listo o nome dos formandos que colaram grau em 6 de agosto de 1982:

Alfredo José de Campos Bandeira
 Altevir Magalhães (orador)
 Analice Pinheiro Banega
 Antônio Lopes de Souza
 Antônio Praciano Filho
 Áureo Pereira de Melo
 Clei Pereira Pantoja
 Clemilton Isaias Torres
 Eliana Sarmiento da Costa
 Flávio Andrade de Souza
 Heraldo Guimarães Barreto
 Hermes Galvão Filho
 Hildebrando Alves da Silva
 Iamara Bentes Lobo
 João Batista Mendonça Rodrigues
 José Edno de Lima Moraes
 José Roberto Benchaya
 Júlia Moraes Jardim
 Jussi Soares Caloba
 Karla Liliam Magalhães Pedrosa (juradora)
 Manoel Cornélio da Costa e Silva
 Maria da Conceição Hildete Furukawa Barreto
 Maria da Conceição Monteiro Novaes
 Maria Nelcy Cardoso Palheta
 Mário Cauper Monteiro
 Marta Alves de Souza
 Martin Ruben Barbosa da Cruz
 Otávio Aguiar Pinto
 Raimundo Colares Ribeiro
 Roberto de Almeida Cruz Júnior
 Ruy Carlos Abnader Rodrigues
 Severino Maciel da Costa
 Waldy Lima de Melo



Professores homenageados: Adérito da Costa Penafort, Agnus Carvalho Veloso, Aurélio Coutinho Almeida, Carlos Alberto Cardoso, Fares Franc Abinader Rodrigues, Joaquim Francisco da Silva Corado, José Humberto Michiles, José Jorge de Melo, José Lopes da

Silva, José Rodrigues Cardoso Filho, Lindalva Coutinho da Costa, Luiz Nobre Damasceno, Maria Albanisa C. Marinho, Mário Silvio Cordeiro de Verçosa, Marleno Litaiff Monteiro, Maury de Macedo Bringel, Osvaldo Alves da Silva, Raimundo Gonçalves Nogueira, Renne Hana Melul, Wilson Alves Lopes e Zenaide Lamarão Brasil.

– Acompanhamos mais um som de discoteca que agitou e continua mexendo com a turma que frequentou as boates da cidade: FUNKYTOWN com a banda de studio norte-americana Lipps Inc. Essa música, lançada em 1980, chegou ao primeiro lugar nos Estados Unidos, Alemanha, Canadá e Austrália, entre outros países. Na sequência, mais emoção!!! A próxima música é show!!! O cantor Hermes Aquino é o compositor e intérprete de DESENCONTRO DE PRIMAVERA. Querida assistente, você poderia ler os nove primeiros versos dessa canção?

– Música linda do Hermes Aquino. Sucesso equiparado ao da canção “Nuvem Passageira”, que estourou no Brasil inteiro. Acompanhem os versos:

*Uma andorinha, no céu, passou e disse
Que o amor que eu tinha foi-se embora...
Ai, desacerto que cruza nossas vidas
Tão normais
É solidão que já vem,
É alegria que vai...
Uma tristeza que corta a alma da gente
Antes que a primavera se decida
A por as flores no campo...*



– Nos estúdios da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, de frente a este locutor, mais um dos nossos prestigiados colaboradores. Boa tarde, seja muito bem-vindo e fique à vontade. Você é o Carlos Eduardo que indicou essa linda canção? Por favor, confirme o seu nome, a sua profissão e, logo a seguir, leia a mensagem que nos enviou.

– Boa tarde a todos. Meu nome é Carlos Eduardo, e sou construtor civil. Estou há anos nessa profissão e, agora, trabalhando nesta linda cidade, por alguns dias. A mensagem que encaminhei à coordenação do programa musical está, assim, redigida:

Ah!, a solidão é uma canoa... Vivemos tempos bons em que as músicas falam muito de amor, alicerçadas em pura poesia... Estou de passagem por esta cidade encantadora e hospitaleira. Fiz vários amigos por aqui e até participei de algumas festinhas. Espero voltar muitas vezes a Tefé e, quem sabe, ficar de vez. Quanto à música que indico para o programa, tenho dela boas lembranças. Estará para sempre gravada no meu coração. Inesquecível essa delícia de melodia que marcou minha vida quando ainda morava em Porto Alegre. Mas, a vida continua, não é mesmo? Abraço fraterno a todos e feliz 1984!!!

DESENCONTRO DE PRIMAVERA foi a música indicada pelo Carlos Eduardo. Seu intérprete continua popular e muito querido. Quem não se lembra do Hermes Aquino? A assistente de locução informou: HERMES AQUINO nasceu em Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul. Em 1976, sua música “Nuvem Passageira” foi tema da novela O Casarão, conquistando, na época, enorme sucesso. Outros dois grandes êxitos musicais de Hermes Aquino são “Desencontro de Primavera” e “Chuva de Verão”, este último gravada em 1978.

Perguntei ao sonoplasta se estava tudo em ordem. Com a sinalização positiva, disse que gostaríamos de ouvir DESENCONTRO DE PRIMAVERA com Hermes Aquino; IF YOU COULD REMEMBER, composição de Hammilton, Mark Lee e Williams, com Tony Stevens; e SOU LOUCA POR VOCÊ com Elizabeth.

SONOPLASTIA:

Músicas: DESENCONTRO DE PRIMAVERA (1), IF YOU COULD REMEMBER (2) e SOU LOUCA POR VOCÊ (3).

– Muito bem, estamos de volta!!! Em *begê*, SOU LOUCA POR VOCÊ, composição da própria Elizabeth, que a interpreta. De acordo com as anotações da nossa assistente de locução, a cantora e compositora Elizabeth nasceu na Cidade do Rio de Janeiro. Integrante da Jovem Guarda, sua carreira começou em 1966. Nesse ano, gravou um compacto com as músicas “Que Saudade Que Eu Tenho” e “Tanto Azul”. Na década de 1970, fez tremendo sucesso com “Sou Louca Por Você”.

– Esta é a Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, a Rádio do seu coração!!! Fique ligado nesta notícia: O disco MPB Shell, volume 1, produzido, em 1981, pelo selo Som Livre-RCA, é o LP oficial do Festival MPB 81 da Rede Globo. No Lado A encontramos: “Perdidos na Selva” (Gang 90 e as Absurdettes), “Amizade Sincera” (Renato Teixeira e Dominginhos), “Mordomia” (Almir Guinetta), “Estrela do Mar” (Olivia Hime), “Navega Coração” (Kleiton & Kledir) e “Adeus à Dor” (Tunai). Virando o disco, no Lado B: “No Nosso é Refresco” (Accioly Neto), “O Balão” (Beth Goulart), “Avenida Brasil” (Marina), “Atalho” (Mongol), “Tempo Presente” (Quinteto Violado) e “Londrina” (Tete Espíndola). A supervisão musical do álbum esteve a cargo de Guto Graça Mello.

– Você ouve FUNKYTOWN com a banda de studio norte-americana Lipps Inc. No quadro QUAL O DISCO QUE VOCÊ MAIS OUVIU NESTE ANO DE 1983?, o nosso ouvinte Clemilton, morador da Rua Floriano Peixoto, Centro, indicou o álbum O INIMITÁVEL do “rei” ROBERTO CARLOS, lançado pela gravadora CBS, em 1977. O LP é composto por doze faixas. No Lado A: “E Não Vou Mais Deixar Você Tão Só”,

“Ninguém Vai Tirar Você de Mim”, “Se Você Pensa”, “É Meu, É Meu, É Meu”, “Quase Fui Lhe Procurar” e “Eu Te Amo, Te Amo, Te Amo”. No Lado B: “As Canções Que Você Fez Pra Mim”, “Nem Mesmo Você”, “Ciúme de Você”, “Não Há Dinheiro Que Pague”, “O Tempo Vai Apagar” e “Madrasta”. Com certeza, é disco de sucesso na carreira vitoriosa do “rei” Roberto Carlos!!!

Continuava tocando FUNKYTOWN quando a assistente de locução pediu ao sonoplasta para baixar o som e leu mais um cartão de boas festas:

Afastemo-nos do mal e façamos o bem; busquemos a paz e passemos a segui-la. Há quem se faz sábio por saber calar-se e há quem se torna antipático de tanto falar. Cuidemo-nos para não dar passo falso com a língua, pois cairíamos na armadilha de nosso inimigo. Anote: Um Anjo anuncia a chegada do MENINO JESUS. É Natal!!! Que o espírito natalino se espraie em todos os corações, extirpando as divergências e buscando a paz e a fraternidade para toda a Humanidade. Feliz Natal e próspero Ano Novo de 1984!!!

Esse recado caprichado foi-nos enviado pelo nosso querido ouvinte Israel, residente na Rua Xidaranim, no Bairro da Olaria, a quem agradeço e retribuí os votos de boas festas.

– No momento, somos a sintonia radiofônica mais comentada na cidade!!! Continuem ligados na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, a Rádio que você elegeu como a queridinha do seu coração. Todos estamos adorando este grande musical intitulado A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. Na sequência: IMPOSSÍVEL ACREDITAR QUE PERDI VOCÊ com Márcio Greyck.

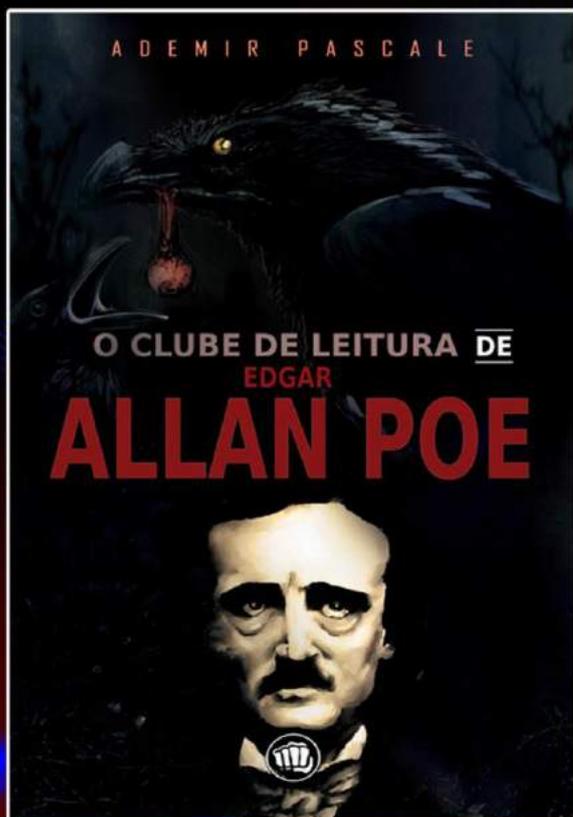
TÉCNICA/VINHETA:

Você está ouvindo A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o supermusical de final de ano da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado gostoso, dia 31 de dezembro de 1983!!! Adivinha de quem é o patrocínio? Isso mesmo, chancela total da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.

***Raimundo Colares Ribeiro** é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.

As canções aqui mencionadas podem ser ouvidas no Canal YouTube A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. Que tal ouvirmos DESENCONTRO DE PRIMAVERA?

<https://www.youtube.com/watch?v=C3ANO8BP6ZU>



Situado numa sala de um antigo prédio do centro da cidade de São Paulo, o Clube de Leitura de Edgar Allan Poe, apresenta personagens intrigantes e problemáticos, iniciando pelo cofundador, um velho caolho de nome Clay, que não vê mais sentido na vida depois da morte trágica da esposa Virginia. Henrico e Marcelo, irmãos órfãos que tentam levar uma vida pacata em um sebo na garagem de casa, mas que eventos sobrenaturais assolam a vida de um deles, que é atormentado por corvos. Samanta é uma jovem gótica e solitária. Rafael, ex-vocalista da banda Nevermore, sente-se rejeitado pela rica família e vive nas ruas e noites paulistanas tentando encontrar um novo caminho. Bernardo e Kátia, casal que discute a relação entre casar ou apenas morar juntos, vivem aventuras perigosas. Mas, todos com algo em comum: a paixão que nutrem pela vida e obra do inigualável mestre do horror: Poe.

DO AUTOR ADEMIR PASCALE

POLICE LINE

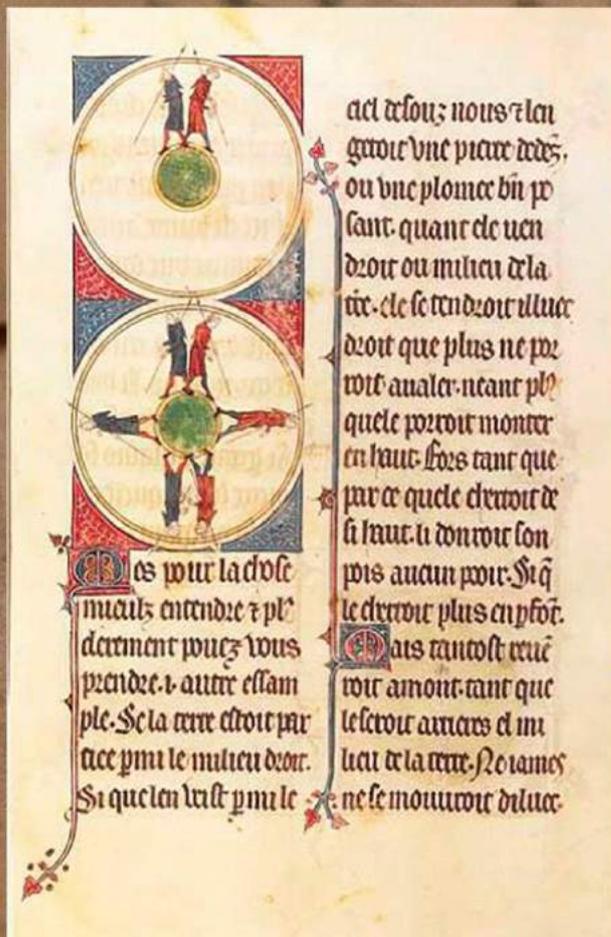
PARA ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE:

www.selojovem.com.br

O MISTERIOSO LIVRO

L'IMAGE DU MONDE DE GAUTHIER DE MERTZ

Por Reginaldo Leite



Gossuin de Mertz – dito Gauthier de Mertz – Página do livro *L'Image du monde* (edição em prosa), com iluminura e escrita gótica sobre o formato circular da Terra, 1247. Versão digitalizada pelo grupo de estudos – *The Mirror of the world* – de Cambridge University (Reino Unido) em 2016.

Sob os mistérios da fé do século XIII e encasurnado entre amplas paredes de cantaria, o “polêmico” e “inquietante” Padre francês Gossuin de Mertz – também citado como Gauthier de Mertz – produz um raro poema em latim e francês, com grafia gótica e intitulado *L'Image du monde*. Após alguns anos, o próprio sacerdote reescreve a obra como prosa e, sem antever o alcance que ela tomaria, pede para que a encadernem com capa em couro vermelho – algo raro para o período, devido ao valor simbólico do pigmento. Seria o “livro vermelho de Gauthier de Mertz”. Portanto, Carl G. Jung não é o único a contar com um “livro vermelho” dentre seus títulos.

Bem rápido, o manuscrito se torna popular entre o clero francês. No entanto, é pelas mãos astutas de um comerciante e diplomata inglês – William Caxton (1415-1491) – que o trabalho alcança outros territórios da fria Europa.

É janeiro de 1245. Sob profundo e austero inverso francês, o Padre Gossuin de Mertz conclui o poema *L'image du monde*. Composto por 6594 versos, o manuscrito conta com um ousado conteúdo que engloba as artes, os aspectos físicos, biológicos e geográficos da França, a criação do universo e uma afirmação inquietante para o âmbito da Igreja – “a Terra tem forma esférica”. A concepção da obra é um misto de fantasia exacerbada, princípios teológicos e leitura visual.

Segundo o autor, o céu é imenso e envolve a Terra como um éter – ar puro que dá forma aos misteriosos anjos (figuras aladas e com brilho inexplicável em sua tamanha grandeza). Só vistos pelos bons cristãos, ao contrário dos pecadores, que caem sob desmaio diante de tanta luminosidade. Do céu nascem meteoros, popularmente chamados dragões de fogo, e que Mertz questiona. Para Ele, os meteoros são descritos como vapor seco que pega fogo, cai e se dilui. Contudo, dentre os aspectos fantasiosos, alguns nomes são citados. Aristóteles – que o Padre francês define como um homem sábio, de infinitas qualidades e que acredita na Santíssima Trindade (ponto totalmente improvável) – e, também, Virgílio – classificado como profeta e dotado de poderes mágicos.

Em 1247, o livro ganha seu formato de prosa e recebe iluminuras, que ajudam a traduzir a visão do *corpus* textual. Porém, o ponto que nos chama a atenção é o receituário proposto pelo Padre francês, contendo as caracterizações fisionômicas e os gestos ideais à construção de imagens. Esse receituário orienta discursos orais e visuais, durante a última fase da Idade Média, e chega ao Renascimento inglês por meio da contribuição do já citado William Caxton, que traduz o texto para o idioma local e muda o título original para *The Mirror of the world*.

Na Inglaterra, o livro se populariza entre companhias teatrais, oradores e profissionais do campo visual, e alcança diferentes localidades, até que em 1527, Laurence Andrewe (1510-1537) imprime a versão que se espalha pela Europa. Ao chegar em Roma, *The Mirror of the world*, é adotado por academias e artistas, um manual na orientação de pintores de cunho histórico, sobretudo, na concepção de telas religiosas e/ou sacras.

Quase seis séculos mais tarde, uma equipe de pesquisadores associados funda, em Cambridge, o grupo de estudos *The Mirror of the world* – composto por historiadores e historiadores da arte, oriundos do Reino Unido, Canadá e de três universidades dos EUA – para examinar a relação entre o livro medieval e as retóricas visuais de atores, pintores e escultores, nos séculos dezesseis e dezessete. Entretanto, ao ter contato com a obra, verificamos que pintores do século dezenove evidenciam uma possível relação com o receituário de Mertz, sobretudo, os ligados à representação das paixões. Com isso, dentre emoções e *pathos*, *L'image du monde* ou *The Mirror of the world* pode estar presente em obras teóricas acadêmicas e em inúmeros registros visuais, nos quais, o escopo é persuadir, iludir, encenar, convencer.

Em agosto de 2016, os pesquisadores William E. Engel (*University of the South Sewanee, Tennessee*), Rory Loughnane (*Indiana University – Purdue University, Indianapolis*) e Grant Williams (*Carleton University, Ottawa*) publicam pela *Cambridge University*, um estudo que apresenta resultados parciais sobre *The Mirror of the world*. No artigo científico, os estudiosos traçam uma apreciação crítica sobre as três partes do original francês. Contudo, tomamos a liberdade de eleger a protagonista das unidades, a que reflete sobre “as artes da memória”.



Nela, o Padre francês aborda princípios de representação, por meio gestual, ao dizer que os profissionais devem usar “imagens corporais”. Outro ponto relevante é a classificação que o autor faz das distintas possibilidades e particularidades dos temas. Segundo Mertz, as cenas de cunho religioso devem ser compostas por gestos propícios, diferentes dos utilizados em encenações profanas e/ou da nobreza. Explicita também, ao atribuir juízo de valor, que não se deve confundir as “imagens corporais”, pois seria uma ofensa ao Divino.

Eliseu d'Angelo Visconti (1866-1944). *Recompensa de São Sebastião*, 1898. Óleo s/tela, 218 x 133 cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Para transladar nosso raciocínio ao campo do concreto, trazemos dois tópicos extraídos do *L'image du monde* e possíveis apropriações de artistas brasileiros. São eles: “E quando falares com suavidade, doçura ou humildade, apóia tuas mãos sobre o peito.” (imagem acima)

“E quando falares de um assunto santo com devoção eleva tuas mãos.”

Pedro Américo (1843-1905). *Judith e Holofernes*, 1880. Óleo s/tela, 229 x 141,7 cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.



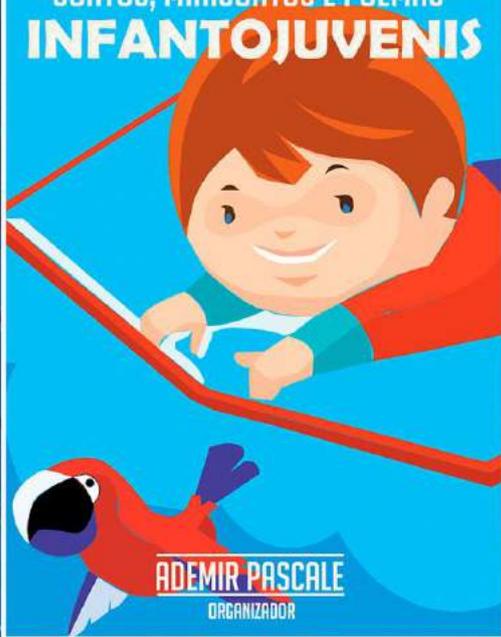
Como os tratados de pintura e iconografia que circulam na Europa são produzidos nos séculos dezesseis e dezessete, o texto de Mertz pode ser uma das possíveis bases da construção de um pensamento teórico europeu, sobre a representação das paixões e, sobretudo, das retóricas visuais. Um livro tão misterioso e esquecido por séculos pode estar bem próximo dos brasileiros que visitam museus, pois inúmeras obras nacionais podem ter no *L'Image du monde* alicerce para edificação de cenas e personagens, um grande exemplo da união milenar entre artes visuais e literatura.



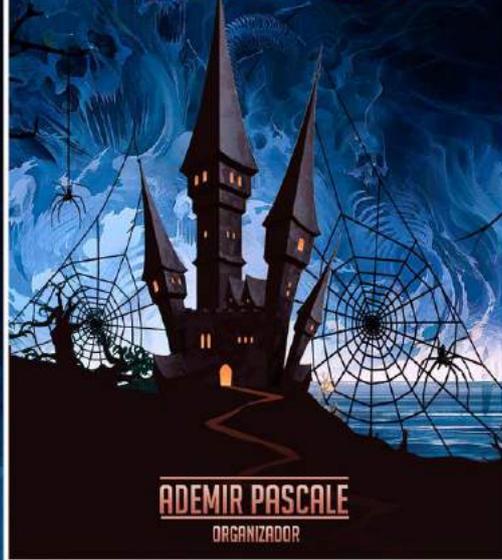
Reginaldo Leite é cenógrafo, historiador da arte e professor universitário. Desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado, em História da Arte, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É Doutor em Artes Visuais e Mestre em História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É autor dos livros “Os Crimes de Platão” (2019) e “A Insanidade que nos une: um mergulho na arte de enlouquecer” (2020).

PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

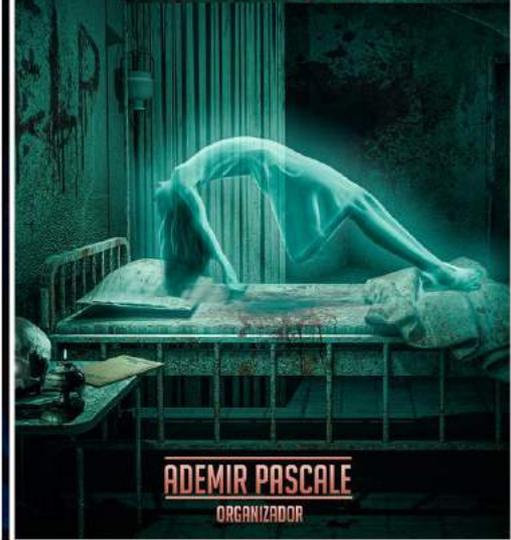
CONTOS, MINICONTOS E POEMAS
INFANTOJUVENIS



CONTOS E POEMAS
ASSOMBROSOS



SOBRENATURAL
CONTOS E POEMAS



LEIA OS EDITAIS E ENVIE
O SEU CONTO OU POEMA

ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



FATEMEH VARZENDEH - FOTO DIVULGAÇÃO

Fatemeh Varzandeh nasceu em 27 de setembro de 1995 (Teerã, IRÃ). Seu bacharelado foi na área de Arte e Arquitetura. Também participou de duas curtas-metragens, atuando em um deles com o nome “A Simple Problem”, e “Death to Death” selecionado no festival Armenia High fest. Ela é uma fotógrafa profissional. Suas fotos foram publicadas na revista Camas (inverno de 2019) e na West Trade Review.

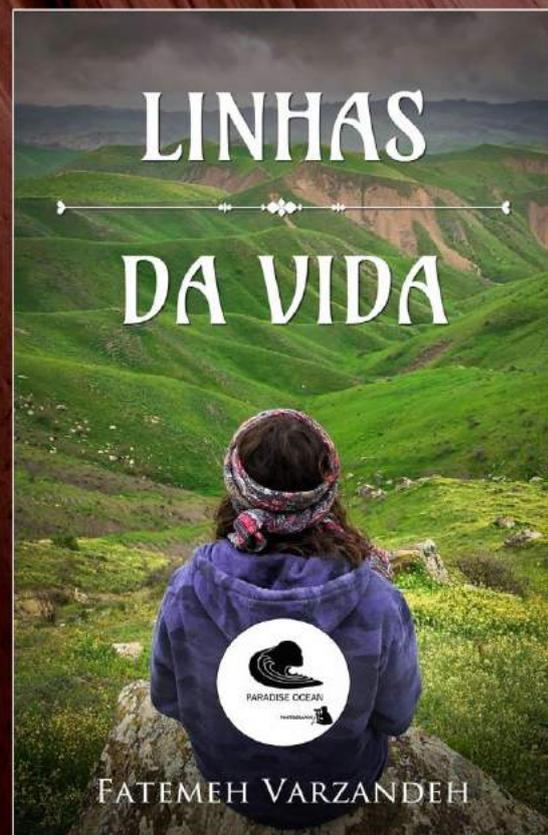
AUTORA FATEMEH VARZENDEH E A OBRA LINHAS DA VIDA

As linhas da vida, por esta não seguir uma receita calculada, não são de todo retas. Muito pelo contrário, as linhas que formam toda a existência física e abstrata são um emaranhado de curvas, voltas, arestas e, em muitos casos, infinitas. É esse o âmago presente nessa coleção de fotografias de Fatemeh Varzandeh.

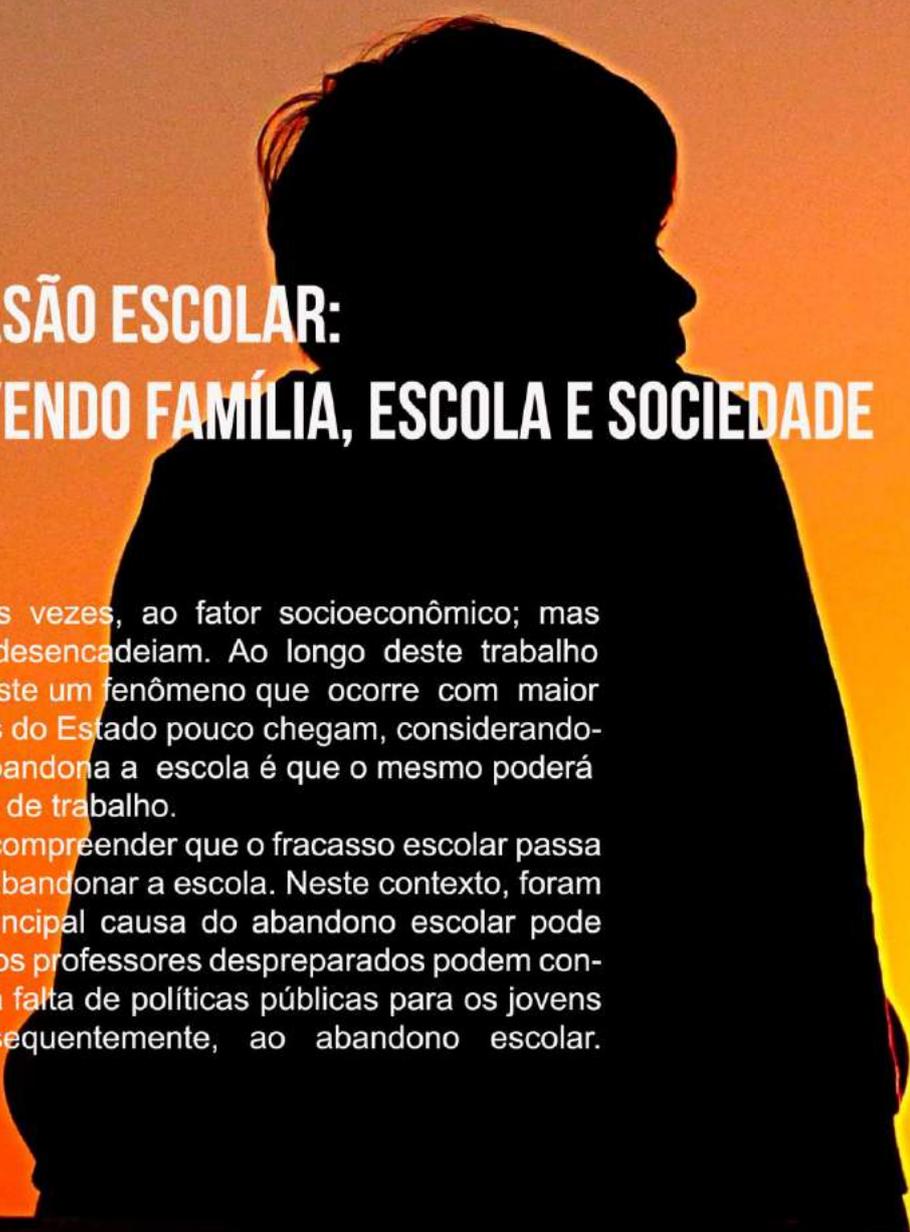
Registradas no Irã – e algumas poucas na Armênia –, as imagens de Linhas da Vida são um retrato das intermináveis ramificações da vida como nós a conhecemos. Ela está presente na humanidade, mas também na natureza, na cultura e na singularidade e mistério que unem todos esses elementos.

A artista, com uma rica mistura de cores, sombras e luz, traz ao observador uma leitura muito mais que cultural de sua região: também retrata a amizade, a beleza natural de seus modelos, a graça e aventura das jornadas em meio à vastidão da natureza, as práticas religiosas e a vida social carregada de significado de um povo envolto com obstinação em sua própria essência.

PARA ADQUIRIR OU SABER MAIS: CLIQUE AQUI.



Por Fábio da Silva Neto; Adla Makarem Ribeiro; Malinália Inês Rocha Marcião e Marcos Pereira dos Santos



EVASÃO ESCOLAR: A PROBLEMÁTICA ENVOLVENDO FAMÍLIA, ESCOLA E SOCIEDADE

INTRODUÇÃO

A evasão escolar é atribuída, algumas vezes, ao fator socioeconômico; mas também existem outros elementos que a desencadeiam. Ao longo deste trabalho científico discutiremos a respeito, sendo este um fenômeno que ocorre com maior frequência nas populações onde as ações do Estado pouco chegam, considerando-se que o mais prejudicial ao jovem que abandona a escola é que o mesmo poderá não ter muitas oportunidades no mercado de trabalho.

Diante de tais questões, é necessário compreender que o fracasso escolar passa a ser um aspecto relevante para o aluno abandonar a escola. Neste contexto, foram levantadas as seguintes hipóteses: a principal causa do abandono escolar pode estar ligada aos fatores internos à escola; os professores despreparados podem contribuir para a má qualidade do ensino; e a falta de políticas públicas para os jovens pode levá-los ao desânimo e, conseqüentemente, ao abandono escolar.

Artigo Científico

Esta pesquisa científica, voltada a estudar os fenômenos que ocorrem no sistema educacional brasileiro e contribuem para os alunos regularmente matriculados a se evadirem da escola, tem como objetivo geral analisar a evasão escolar como uma problemática da família e da sociedade.

Sendo assim, temos como objetivos específicos norteadores da presente pesquisa científica: descrever o perfil dos alunos que abandonaram a escola; explicar os motivos da evasão escolar; e evidenciar a importância da escola e da família no processo de aprendizagem para que não ocorra a evasão escolar. A pesquisa científica envolveu um levantamento bibliográfico para que pudéssemos compor a elaboração do referencial teórico, onde nos embasamos nos pensamentos de alguns teóricos da educação que tratam da temática em foco.

Por questões didáticas e metodológicas, dividiu-se este artigo científico em três tópicos principais, a saber:

O tópico inicial refere-se ao processo de aprendizagem humana e escolar, evidenciando o desenvolvimento do ensino e as condições de aprendizagem que são dispostas aos alunos em sala de aula, bem como isto implica na aquisição de conhecimentos e apreensão de competências.

Seguindo para o segundo tópico, evidencia-se a relevância da família e da comunidade no processo de aprendizagem na escola, destacando o fato de que se houver o envolvimento da família e da comunidade externa nesse processo teremos menor evasão escolar, levando em consideração as novas práticas pedagógicas adotadas e as condições da escola em relação aos alunos, à família e à comunidade.

Finalizando com o terceiro tópico, trazemos a lume os fatores causais de evasão escolar, salientando, dentre eles, os aspectos econômico-financeiros, a ausência de interação entre alunos e comunidade escolar, os fatores de risco social e a falta de diálogo com a família. Busca-se explicitar, assim, como cada um destes elementos leva o aluno a se evadir do sistema de ensino escolar.

Portanto, este estudo científico é deveras importante para o contexto educativo escolar, acadêmico e social, onde professores, pedagogos, acadêmicos e pais podem adentrar nas práticas e situações que levam os alunos a se evadirem das escolas. Com esta pesquisa científica foi possível identificar alguns dos motivos desencadeadores de evasão na escola e ter embasamento teórico para desenvolver possíveis soluções para os casos específicos de evasão escolar de alunos.

REFERÊNCIAL TEÓRICO**Processo de aprendizagem humana e escolar**

Desde o nascimento de um indivíduo, o processo de aprendizagem é algo pessoal e intransferível. Trata-se de uma característica inerente ao ser humano o fato de querer aprender.

Cada pessoa se desenvolve gradualmente de acordo com determinadas motivações e situações, onde são observadas as condições psicológicas, físicas, ambientais e sociais que podem ser favoráveis ou não a esse processo. Tais fatores vão interferir diretamente no aspecto cognitivo do ser humano. A aprendizagem ocorre pelas relações estabelecidas com o mundo físico externo, podendo ser de maneira informal, não formal ou ainda de modo formal (planejada previamente); conforme apregoa Libâneo (1999).

Sabe-se que a aprendizagem se dá em qualquer etapa, momento ou situação da vida de uma pessoa, e que traz como consequência a modificação do sujeito e, conseqüentemente, do mundo ao seu redor. Citando Freire e Horton (2018), temos que os autores nos levam a refletir sobre as formas de abordagem educacional para com os alunos, destacando a importância de cada educando se reconhecer como tal e compreender o seu papel no processo de aprendizagem.

Sendo assim, assevera-se que:

O educando precisa assumir-se como tal, mas assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer o que quer conhecer em relação com o outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador, e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são, assim, momentos de um processo maior – o de conhecer, o que implica reconhecer. (FREIRE, 2018, p.47)

Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), como um dos maiores educadores brasileiros e “Patrono da Educação Brasileira”, traz para nós, em suas obras científicas, a realidade do nosso alunado e o pensar sobre a Educação. Esta é, pois, a realidade escolar que todos sonham ter: uma escola comprometida e responsável, onde se possa perceber o verdadeiro sentido de coletividade, onde o aluno possa perceber que a escola é o lugar dele e que, sendo assim, vai poder transformar o mundo e a sua realidade existencial.

A relevância da família e da comunidade no processo de aprendizagem na escola

Considerando a convivência com a família (pais, avós, tios, etc.), primeiro círculo social ao qual o sujeito está inserido, esta é um dos pilares para o desenvolvimento “saudável” do indivíduo. Na prática escolar, isso também se reflete, sendo um dos contribuintes na decisão de o aluno permanecer ou evadir-se da escola, em ter sucesso ou fracasso escolar.

Tanto a família quanto a escola tem responsabilidade na formação do sujeito. Embora a instituição escolar tenha a função de educar cientificamente o aluno, as atitudes familiares, a escola e a comunidade externa influenciam e estimulam alguns dos comportamentos dos educandos, cabendo, então, à família e à comunidade a intervenção específica no caso. Assim sendo, podemos dizer que a família é responsável pelo acompanhamento da situação do aluno na escola (rendimento ou fracasso na

aprendizagem), adquirindo, em certa medida, o papel de orientadora e ‘facilitadora’ do processo educativo.

Segundo Stimieski (2010, p.11),

Para compreender os desafios da família diante dos processos de socialização escolar na conjuntura atual, é necessário compreender a evolução e o desenvolvimento dessa instituição que há séculos compõe a nossa sociedade. A família é o fundamento básico e universal das sociedades. Como sendo a mais antiga instituição social, possibilita um conjunto de regras culturais e oferece padrões de conduta que orientarão cada indivíduo em cada sociedade.

O papel familiar e escolar não se limita apenas ao acompanhamento da aprendizagem do aluno na instituição educacional. Os pais, responsáveis, tutelares e membros da comunidade externa também realizam um exercício ativo para com o discente, traçando, inclusive, o método educativo a ser trabalhado diante das dificuldades apresentadas pelo aprendiz e compreendendo a situação em que este se encontra para, assim, buscar medidas eficazes e eficientes a serem adotadas.

Fatores causais de evasão escolar

Em linhas gerais, o vocábulo *evasão* significa: operação ou ação de evadir-se, fuga, evasiva, subterfúgio, escapada, impulso de fugir (pela imaginação, pelo devaneio ou por não adaptar-se a algo), deixar alguma coisa para trás, espaço vago ou vazio, saída, desligamento, interrupção, abandono. (ALVES; LAVOR; PEREIRA, 2016; LEITE PAIXÃO *et al*, 2014)

A evasão escolar é uma problemática nas escolas de Educação Básica dos dias atuais, o que indica variadas situações onde o aluno tem que deixar de frequentar as aulas do ensino regular. Portanto, nas palavras de Ferreira e Oliveira (2020, p.39), “a evasão escolar acontece quando o aluno abandona a escola, deixando, assim, de frequentar as aulas e fazendo com que o seu conhecimento não seja construído adequadamente”.

O aluno que abandona a escola traz consigo vivências, experiências e questões que devem ser exploradas e investigadas para melhor se compreender as causas deste fenômeno e as suas implicações na vida estudantil e social do educando evadido da escola.

Sobre tais assertivas, Silva (2018, p.16)

[...] Concluiu que não são apenas fatores econômicos que justificam os altos índices de evasão. A grande maioria dos alunos evadidos da escola aponta a incompatibilidade de conciliar os estudos com o trabalho como sendo a causa de sua evasão, mesmo tendo consciência de que o estudo poderá gerar novas oportunidades sociais e de inserção no mundo do trabalho.

Além disto, a situação financeira precária em algumas regiões brasileiras específicas potencializa os efeitos que levam à evasão escolar. Todavia, os fatores envolvidos são bastante distintos, não existindo apenas uma hipótese para esclarecer o fato. A escola precisa ser um espaço de ensino e aprendizagem que reúna todos os educandos, possibilitando aos mesmos o acesso sem interrupções e desassociadas de qualquer tipo de estigma, principalmente no que se refere ao uso de tecnologias educacionais, as quais têm a função de aproximar as pessoas e ‘facilitar’ o aprendizado.

O trabalho (remunerado) é um dos fatores de afastamento que leva à evasão escolar do aluno, o qual busca o seu sustento – próprio ou familiar – por meio da realização de alguma atividade laboral.

No que tange aos alunos que se evadem da escola, a justificativa para o abandono tem vinculação com *fatores internos*, relativos ao ambiente pessoal do estudante e sua relação com a família e amigos, e também com *elementos externos*, ligados à escola, tais como: incompatibilidade do emprego com o horário de aulas na escola, desinteresse pelos conteúdos curriculares ministrados pelos professores e questões relacionadas ao cotidiano social dos educandos.

Os problemas e transtornos de aprendizagem são um dos outros fatores que causam a evasão escolar, associados ainda à distorção idade-série, havendo estudantes em situação de desnivelamento epistemológico em relação a outros alunos ou que apresentam características de dificuldades de aprendizagem, a exemplo de: dislexia, disgrafia, dislalia, discalculia, transtorno associado à cognição, transtorno do espectro autista, transtorno de *déficit* de atenção e hiperatividade (TDAH), entre outras. Portanto, os alunos que apresentam tais dificuldades podem ter maior propensão a optar pelo abandono da escola.

Associadas a estes elementos, as situações de risco também são outra forma de influência para o aluno se evadir da escola, considerando-se que o cenário vivido em seu interior resulta em ações práticas. Quando o aluno se encontra conturbado com tais situações, isto se reflete em seu comportamento, gerando um desequilíbrio emocional e dificultando o seu interesse em aprender, o que resulta em baixo rendimento escolar, conduzindo assim o aluno à evasão.

METODOLOGIA

A evasão escolar é uma problemática (ainda) presente na Educação, o que contribui negativamente para o abandono da escola pelo aluno.

Considerando-se este problema, a presente investigação científica tem como proposta analisar as causas e consequências de tal ocorrência, utilizando um formato próprio de estudo como metodologia, que se constitui na rotina de tratamento dos dados inseridos na pesquisa científica. Dizemos isto, porque, para Michel (2009, p.35), “metodologia é um caminho que procura a verdade num processo de pesquisa ou aquisição de conhecimento; um caminho que utiliza procedimentos científicos, critérios normalizados e aceitos pela Ciência”.

A coleta de dados deste artigo científico teve como instrumento o método qualitativo de pesquisa, que explora a relação entre a informação e o mundo real, uma vez

que, conforme afirmam Prodanov e Freitas (2013, p.35), “[...] a pesquisa qualitativa é um método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade, pois considera que os fatos não podem ser relevados fora de um contexto social, político, econômico, etc.”

Neste sentido, a pesquisa bibliográfica, composta de fontes primárias e secundárias, abrange total ou parcialmente a bibliografia já tornada pública em relação a um determinado tema de estudo científico, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, ensaios, artigos, monografias, dissertações, teses, materiais cartográficos, etc., até meios de comunicação oral: rádio, gravações em fita magnética, audiovisuais, filmes, televisão, entre outros. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive em conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por algum meio, bem como publicados e/ou gravados. (MARCONI; LAKATOS, 2001)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Descrição do perfil de alunos que abandonaram a escola e explicação dos motivos de evasão escolar

O perfil de alunos que se evadem da escola é bastante distinto, não havendo uma maneira única de tratar este fenômeno em específico. Entretanto, algumas características pessoais dos alunos podem influenciar e levá-los a se evadirem da escola. Dentre tais características, é possível citar: fatores de ordem pessoal, gravidez precoce, baixa renda, atividades ilegais, incompatibilidade do horário de trabalho com o das aulas na escola, violência, *déficit* de aprendizagem e ausência de políticas públicas de inclusão social.

Este perfil também pode estar atrelado às razões sociais, familiares e financeiras. Por vezes, algumas mulheres, em idade jovem ou adolescente, que se encontram grávidas ou já têm filhos pequenos, se evadem da escola; pois estes fatores impedem que as mesmas deem continuidade aos estudos. Outrossim, há casos, também, de adolescentes do sexo masculino em situação de vulnerabilidade social, o que desencadeia a evasão escolar.

Cada aluno, portanto, em sua realidade social, pode se evadir da escola por diversos motivos. Isto ocorre, conforme vimos abordado, quando a mãe adolescente deixa de ir à escola para cuidar de seu(s) filho(s), não estando preparada psíquica, financeira e socialmente para assumir estas duas funções: a de mãe e de estudante. Ou, ainda, quando o jovem rapaz se evade da escola porque necessita trabalhar para conseguir o sustento de sua família, não havendo assim outra opção ou possibilidade, pois o instinto de sobrevivência é maior do que o interesse pelos estudos.

Deste modo, visando minimizar ou solucionar tal problemática, a escola deve cumprir o seu papel educativo na vida de todo cidadão, desenvolvendo ações de interferência ou intervenção pedagógica que permitam a construção da cidadania. Para isto, torna-se de suma importância o apoio de gestores escolares, pedagogos e professores – desafiadores e inovadores – que estejam engajados em atrair os alunos para uma aula mais prazerosa e significativa, tendo em vista a aprendizagem dos mesmos.

Evidências sobre a importância da escola e da família no processo de aprendizagem visando inibir a evasão escolar

O presente tópico tem a finalidade de evidenciar a relevância da escola, tendo em vista que a mesma precisa ser acolhedora aos educandos. Uma família estruturada, servindo como aliada na vida do aluno, é essencial para manter o engajamento com a escola, uma vez que essa união impacta positivamente no desenvolvimento pleno do educando, fortalecendo suas habilidades emocionais e sua empatia; melhorando a capacidade de se comunicar, ser assertivo e escutar ativamente; e formando autoconhecimento nas suas decisões.

Deste modo, o aluno certamente terá a escola como prioridade em suas escolhas. A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei federal nº 9.394/96, estabelece que:

Art. 2º – A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996)

Portanto, a Lei educacional supracitada é bem clara acerca do papel da família, do Estado e, por conseguinte, da escola na educação dos alunos, haja vista que estes três órgãos sociais têm compromissos parecidos, os quais se interligam e se complementam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito do que foi apresentado ao longo deste artigo científico, pode-se concluir que a evasão escolar está atrelada, inclusive, aos fatores sociais e econômicos, afetando com maior intensidade as pessoas que estão mais vulneráveis por serem praticamente “esquecidas” pelos governantes. Desta forma, fica constatado que o jovem que abandona a escola, seja este do sexo masculino ou feminino, terá menos chances de conseguir uma vaga de emprego no (competitivo) mercado de trabalho.

Não há dúvida de que a motivação, no sentido educacional, é de extrema importância para que o sucesso escolar possa acontecer e que, assim, o insucesso deixe de fazer parte do vocabulário da escola. Além disto, os professores devem saber como motivar os alunos para a aprendizagem, pois seu papel será fundamental neste processo.

O problema da evasão escolar é atribuído, na maioria das vezes, ao fator socioeconômico. Entretanto, também existem outros elementos causadores; conforme discorreremos ao longo deste estudo científico.

Do Estado chegam poucos recursos financeiros, deixando seus cidadãos praticamente à margem do abandono. Logo, conclui-se que o mais prejudicial ao jovem que abandona a escola consiste no fato de que ele não terá muitas oportunidades na vida profissional.

Esta pesquisa científica, grosso modo, buscou analisar as causas e consequências da evasão escolar em suas múltiplas facetas e contextos, enfatizando-se a problemática envolvendo família, escola e sociedade. Assim, no decorrer deste trabalho investigativo foi possível compreender as razões que motivam os alunos a se evadirem da escola e como os fatores de evasão são constituídos.

Diante do exposto, podemos concluir, em última instância, que a evasão escolar é um fator ligado à figura do aluno em relação ao seu aspecto pessoal e social. Contudo, torna-se possível reverter ou impedir tal situação quando o incentivo, a interação e as metodologias educacionais levam o educando a se sentir valorizado e respeitado, tendo a certeza de que as suas atribuições, competências e habilidades são necessárias à escola, ao ensino e ao aprendizado.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. C.; LAVOR, L. A. M.; PEREIRA, H. P. Evasão escolar: um desafio para a educação na atualidade. In: **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**. Cajazeiras: Editora da UFCG, v.1, n.1, p.70-78, jan./jul., 2016.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. 3.ed. Brasília: Senado Federal/Coordenação de Edições Técnicas, 1996.
- FERREIRA, E. C. S.; OLIVEIRA, N. M. Evasão escolar no ensino médio: causas e consequências. In: **Revista Scientia Generalis**. Patos de Minas: Editora da Faculdade Patos de Minas, v.1, n.2, p.39-48, fev./2020.
- FREIRE, P. R. N. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- FREIRE, P. R. N.; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudanças sociais**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2018.
- LEITE PAIXÃO, E. *et al.* Transição escola-trabalho e perfis de estudantes evadidos e diplomados na educação profissional técnica no Brasil. In: HEIJMANS, R. D.; ARAÚJO, A. C.; MENDES, J. S. (Orgs.). **Evasão na educação: estudos, políticas e propostas de enfrentamento**. Brasília: IFB/CEPROTEC/RIMEPES, p.315-341, 2014.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2001.
- MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SILVA, M. C. **As sementes que não germinaram: um estudo de caso sobre evasão escolar**. Recife, 2018. 105 f. (Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas – Universidade Federal de Pernambuco). *mimeo*.
- STIMIESKI, I. T. **A importância da família no processo de alfabetização do educando**. Porto Alegre, 2010. 35 f. (Monografia de Curso de Licenciatura em Pedagogia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul). *mimeo*.



(*) Fábio da Silva Neto – Graduando concluinte do curso de Licenciatura em Pedagogia da Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM) - Manaus/AM. E-mail: fabionettolimaa@hotmail.com

() Adla Makarem Ribeiro** – Especialista em Gestão em Políticas Públicas. Pedagoga e Assistente Social. Docente do Ensino Superior, atuando na Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM) - Manaus/AM. E-mail: adla_makarem@yahoo.com.br

(*) Malinália Inês Rocha Marcião** – Doutora em Psicologia. Docente do Ensino Superior, atuando na Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM) - Manaus/AM. E-mail: malinalia@hotmail.com

(**) Marcos Pereira dos Santos** – Pós-doutor em Ensino Religioso. Docente do Ensino Superior, atuando na Faculdade Rachel de Queiroz (FAQ) - Ponta Grossa/PR. E-mail: mestrepedagogo@yahoo.com.br



Emílio Figueira - Foto divulgação

Com os dois primeiros capítulos gratuitos, em “Ventos Nas Velas!” o leitor perceberá que a vida precisa ser um eterno movimento sem medo rumo ao futuro e ao inesperado, onde as histórias frustradas também podem ter finais felizes

EMÍLIO FIGUEIRA, ESCRITOR COM PARALISIA CEREBRAL E AUTOR DE 90 LIVROS, LANÇA NOVO ROMANCE

Personagens de perfis diferentes, interligados, mostrando que ter desilusões, perdas físicas, materiais ou problemas de saúde é algo que ninguém pode evitar. O importante será o que fazemos a partir delas. Podemos passar a vida lamentando, ou reagir, sair da zona de conforto, tendo atitude para mudar nosso próprio destino.

Esse é o foco do livro VENTOS NAS VELAS - QUANDO A VIDA NOS CHAMA PARA VIVER, cujo dois primeiros capítulos podem ser baixados e lidos gratuitamente em www.emiliofigueira.com.br

“O ano passado, no início da pandemia, escrevi e lancei a primeira parte deste romance, uma estória mais solta, experimental, numa linguagem quase cinematográfica, que foi muito bem recebida pelo público. Só que uma segunda parte continuou a perseguir em minha mente, saltou-se para o papel e agora está nesta segunda edição completa”, revela o escritor Emílio Figueira (assista ao vídeo).



Um dos pontos principais do enredo é o que o autor chamou de “TOC do Sofrimento” (Transtorno Obsessivo Compulsivo Do Sofrimento), termo cunhado por ele, onde, inconscientemente, uma das personagens centrais se culpa erroneamente pelo que passou em sua infância e não quer se livrar dessa carga emocional, cheia de desculpas tranquilizantes, apontando todos a sua volta pelas coisas que não deram certo.

A personagem precisará criar coragem e romper com esse círculo vicioso no presente, partindo rumo às suas raízes em busca de sua essência, encontrando sua verdadeira razão de viver.

A mensagem central do livro é que como nunca sabemos de que lado virão os ventos, metaforicamente, as coisas acontecem sempre que permitimos que eles batam nas velas de nossos barcos e navegamos sem traumas ou amarras do passado. A vida precisa ser um eterno movimento sem medo rumo ao futuro e ao inesperado, onde as histórias frustradas também podem ter finais felizes.

“Há dois tipos de se viver. Os Essencialistas, acreditando que todas as coisas já estão pré-determinadas, que nascemos com uma essência que não vai mudar. O que tiver que ser, será e com isso nos acomodamos diante da vida, sem se arriscar, usando essa postura comodista. Outros são os Existencialistas, acreditando que nossa essência é construída com a possibilidade de ser. Pessoas que correm atrás de seus objetivos e sonhos. Buscam oportunidades, não temem em se arriscar nas mais diversas ocasiões. Fazem das frustrações acúmulos de experiências para não errarem nas próximas tentativas. Fazem das vitórias motivações para sempre progredir. Deixe o vento soprar, bater em sua vela. Parta sem medo. Seja existencialista.” (Trecho do romance VENTOS NAS VELAS de Emílio Figueira)

SOBRE O AUTOR

Por causa de uma asfixia durante o parto, Emílio adquiriu paralisia cerebral em 1969, ficando com sequelas na fala e movimentos. Nunca se deixou abater por sua deficiência motora e vive intensamente inúmeras possibilidades. Nas artes, no jornalismo, autor de uma vasta produção científica, é psicólogo, psicanalista, teólogo independente. Como escritor é dono de uma variada obra em livros impressos e digitais, chegando a noventa títulos lançados. Com cinco graduações e dois doutorados, Figueira foi professor e conferencista de pós-graduação, principalmente de temas que envolvem a Educação Inclusiva. Atualmente dedica-se a escrever Romances, Roteiros e projetos audiovisuais.

“Quando ainda muito pequeno, alguns médicos chegaram a dizer que eu nem seria alfabetizado. Só que meus pais não acreditaram nisso, ensinando-me a ler e escrever aos cinco anos de idade. E, ao descobrir o mundo das letras, se minha vida fosse uma fábula, eu começaria assim: Era uma vez um menino que, aos cinco anos, já escrevia seus primeiros textos e dizia que seria um escritor”, conta Emílio em um dos posts em seu Instagram @emilio.figueira

ONDE ENCONTRAR O LIVRO

Leia gratuitamente os dois primeiros capítulos em www.emiliofigueira.com.br

O livro pode ser encontrado na versão digital na Amazon, Livraria Cultura ou na versão impressa em www.agbook.com.br

LÁ SE VÃO - CORDEL

POR BEATRIZ C. MATTOS

João da Silva Damião

Nascido na colônia de funcionários

Numa casinha com luz de lampião

Numa fazenda de mercenários

Filho da caseira com o cocheiro

Que mesmo com pouco dinheiro

Para formar o menino, trabalhavam além do horário / a mãe ajudava o padre no confessionário

Investiram de tudo na educação de João

Que adorava estudar sobre os templários

E preferia a biblioteca à qualquer integração

Ficava tão concentrado que perdia o horário

Queria ser engenheiro e juntar dinheiro

Para tirar seus pais daquele atoleiro

Era um rapaz muito solitário

A paixão era seu violão

Que ganhou de aniversário quando cursava o primário

Seu melhor amigo, um cão

Que encontrou abandonado na rua e deu-lhe o nome de Romário

E em pouco tempo virou seu fiel companheiro

Dormia na metade de seu travesseiro

João e Romário faziam juntos trabalho voluntário

Depois de muito estudo, a comemoração

O rapaz conseguiu a vaga e uma bolsa universitária

Pai, mãe e filho riam e choravam em comoção

Mas nunca haviam se separado, era algo extraordinário

O dia de sua partida chegou ligeiro

Chovia muito, lá fora e no coração da mãe, trancada no banheiro

Era longo e demorado seu percurso até a barca no estuário

Ao se despedirem a mãe dá ao filho sua medalha de São João

Os três se abraçam e João corre pra cumprir seu itinerário

Por fim a mãe lhe entrega a marmitta direto do fogão

Feliz e triste, a mãe deixou semi-aberta a porta do armário

Pelo reflexo do espelho via ao longe seu engenheiro

Com o cão e o violão, andando faceiros

Pai e mãe calados, sem nenhum comentário

De repente um clarão e o barulho do trovão

O nó da garganta dos pais se desfez com aquela força dissipatória

Nada foi em vão... especialmente sua boa educação....

O pai olhou no relógio e já estavam no horário

Ambos respiraram fundo, compartilhando a sensação em parceria

As coisas vão e vêm, ainda bem.... tudo é passageiro

Já não chove mais, volta a reinar a paz

Beatriz Cochrane Mattos nasceu em São Paulo, SP, em 25 de junho de 1971. Estudou no Colégio Madre Alix e no Colégio Santa Cruz. Formou-se em Direito pela PUC/SP em 1993. Fez mestrado em Direito Bancário na Boston University, EUA. Trabalhou em grandes escritórios de advocacia em São Paulo, Brasília e Atlanta, EUA. Formou-se em tradução (ing/port/ing) pela Associação Alumni e em mediação de conflitos. Atua como mediadora no CEJUSC/Jabaquara. É casada e tem duas filhas. Aproveitando sua experiência com a linguagem escrita começou a escrever poemas em 2020.



ENTRE VIAGENS, LETRAS E SONS: MEMÓRIAS DE UMA BIBLIOTECÁRIA INQUIETA

MARCO ANTÔNIO DE ALMEIDA

Resenha de CUNHA, Miriam Vieira da. *Distensos verões: memórias*. Florianópolis, SC: Insular Livros, 2020, 242 p.

Distensos verões: memórias, de Miriam Vieira da Cunha é um conjunto de textos evocativos – narrativas, descrições, devaneios – que compõem um mural significativo do que a autora confidenciou serem suas “estrepulias pelo mundo”. Livro de leitura fluente e agradável, mas que para além de sua superfície nos proporciona material para refletir acerca de questões humanas, demasiado humanas.

Em primeiro lugar, não se trata de uma autobiografia, pelo menos no sentido convencional do termo. Geralmente uma autobiografia busca, por meio da organização cronológica de eventos da vida de uma pessoa, construir uma “trajetória”, um percurso quase sempre linear e ancorado num “sentido” objetivo. Uma pretensão que muitas vezes resvala para a autoidealização, quando não para a autopromoção (até o Justin Bieber tem autobiografia!). Quase sempre as autobiografias carregam uma certa dose de cabotinismo, de presunção.

Já a escrita memorialística, embora não flerte necessariamente com o compromisso da objetividade, com o “sentido” das coisas, pode ser uma excelente oportunidade de debruçar-se sobre si mesmo, de recuperar trajetórias e incidentes, de avaliar escolhas (e talvez desculpá-las), de rever – ainda que mentalmente – algumas das pessoas que foram determinantes em aspectos de nossa vida. Como observou Walter Benjamin, “a memória

não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas.” Em sintonia com essa perspectiva, *Distensos verões: memórias* nos convida a passear pelas vivências da autora, a escavar com ela o solo de suas reminiscências. Nessa arqueologia recuperamos sons, cheiros, pessoas, captadas em quadros que se sucedem na forma de capítulos do livro, recompensas que a escavação de Miriam nos proporciona, aquilo que Benjamin descreve como “as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador.”

O livro alterna passagens evocativas, que descrevem ou enumeram pensamentos, músicas, cheiros ou paisagens, evocando climas e ambientes, com passagens mais propriamente narrativas, que encadeiam ações mais localizadas ou um conjunto de acontecimentos com ligação entre si. Um bom exemplo do primeiro tipo de passagem encontra-se no capítulo “Sampa, um dia qualquer, anos 80”, onde ela se pergunta “Onde o equilíbrio? As coisas mais bonitas estão nos limites? As que não chegam a lugar nenhum, mas se sustentam entre dois mundos, como nós?” Já os capítulos com características mais narrativas nos brindam com histórias vividas, singulares ou banais, com aquele ar de “causo” que os bons contadores sabem emprestar ao seu texto: de driblar o bilheteiro do trem em Estocolmo; de dormir na praia, em Salvador; de tentar entrar de penetra numa festa de indianos em Moçambique – tudo ganha certo ar de aventura.

O painel que emerge desses trechos vai compondo um quadro de época mais amplo que remete a uma dualidade explorada por autores que se ocuparam do tema da memória, como Maurice Halbwachs e Ecléia Bosi: a articulação entre a memória individual e a memória coletiva. Assim, essa memória pessoal que a autora vai tecendo só tem sentido no contexto de uma memória social mais ampla.

Nesse sentido, o livro possui marcas de uma determinada geração, a da autora e de muitos de seus amigos, que vivenciaram o ambiente opressivo da ditadura no Brasil, independentemente ou não de militância política, e que fizeram da viagem, da exploração de outras terras, uma oportunidade de respirar mais livremente e viver mais plenamente. Mas esse clima de época não era exclusivamente restritivo – havia toda uma produção artística e cultural que envolvia as pessoas e os ambientes retratados por Miriam, que possuía um elemento de vibração própria, ampliada pelas trocas afetivas e intelectuais entre os amigos.

Estas trocas afetivas e intelectuais são também a chave para leitores de outras gerações construírem suas “afinidades eletivas” com a autora. Em muitas passagens, me senti saboreando os mesmos pratos que a autora descreve, ou participando das conversas *nonsense* que brotam nas conversas com amigos – quem nunca? A descrição das comidas servidas nas festas de Maputo, das danças e ritos, são registros privilegiados de uma convivência cultural onde as fronteiras se fazem permeáveis. Mas pessoalmente o que mais me marcou em termos de construção de uma empatia existencial foi a música – elemento sempre presente nas memórias evocadas. Nesse sentido, Miriam é uma apreciadora de amplo espectro e muito bom gosto (vai aí uma certa presunção de quem se identificou com o repertório): Gismonti, Piazzola, Pink Floyd, Milton Nascimento,

Marley, Caetano, Chet Baker, Djavan, Keith Jarrett, Dylan, Melodia ... a lista é grande, e garante ao livro uma “trilha sonora” de primeira linha.

Finalmente, vale lembrar que um livro de memórias também é um gesto de generosidade: a autora compartilha conosco seus tesouros pessoais, flanqueando-nos o acesso as suas reminiscências. Saímos da leitura de *Distensos verões: memórias* com a nostalgia do que não vimos nem vivemos pessoalmente, mas como se as paisagens e os amigos de Míriam também fossem nossos, com a vontade de também vivenciarmos experiências semelhantes.



Marco Antônio de Almeida é professor universitário, doutor em Ciências Sociais, pesquisador das áreas de política cultural, comunicação, novas tecnologias e informação.

VISITE A NOSSA PÁGINA



www.leituraparahoje.com.br
Livros Cristãos e Livros Motivacionais

Sutil tempestade

**Sutilmente
Escrevia versos
Sobre política, chacina e sacanagem
De um assalto aqui
Carne e sangue pra lá**

**Tudo se transformando
Num redemoinho infernal
Era o quartinho cinza
E Dostoiévski já berrou
Profanas intensas
Aos que gritam**

Pânico

Autor: Deni Maliska

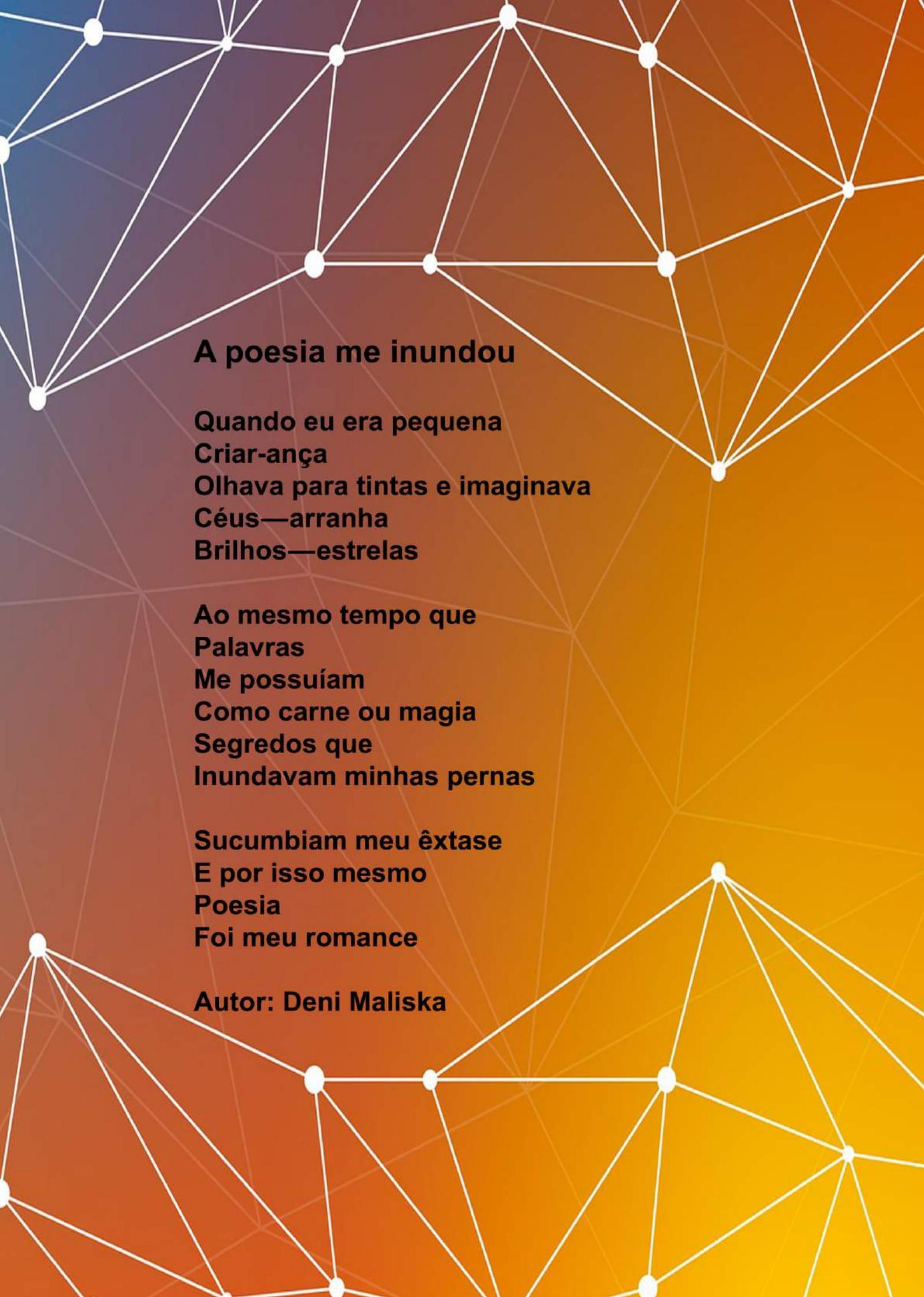
Se houve um dia poeta

**Já houve um dia
Um poeta por aí
Meio melancólico
Meio Lispector com Leminski**

**Cheio de metades
Até no amor, ele foi ao meio
Era metido a fazer versos
Tocar um samba
Dizer política**

**Se um dia houve livre-arbítrio
O mesmo não desistiu
E até pra morrer
Sorriu
Declamando poesia**

Autor: Deni Maliska



A poesia me inundou

**Quando eu era pequena
Criar-ança
Olhava para tintas e imaginava
Céus—arranha
Brilhos—estrelas**

**Ao mesmo tempo que
Palavras
Me possuíam
Como carne ou magia
Segredos que
Inundavam minhas pernas**

**Sucumbiam meu êxtase
E por isso mesmo
Poesia
Foi meu romance**

Autor: Deni Maliska

Estrofes imperfeitas

**Eu preciso fugir
Eu preciso fugir
Eu preciso fugir**

Diga

**Como eu fujo dessa fugaz onda
O bate-volta do mar conforme se aguenta
Não colhe frutos
Sou o retrato falido de meus pais
A herança é simplesmente derrota de causalidade do esperma
A vida vai além de todas as flores**

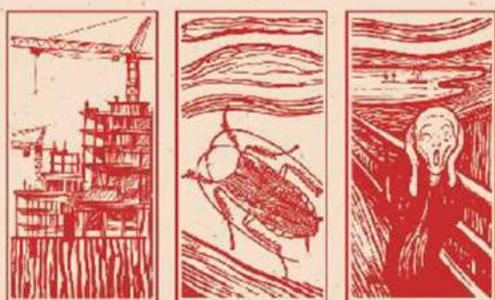
**Germinam no outono
Mas a semente é plantada na colheita ventosa
Que então a tempestade desperte o pranto lírico!
Trovões criem a orquestra caótica
Sublime em cada nota torta**

Deni Maliska é carioca residente em Porto Alegre, muito além de ser uma escritora é também poetisa. Começou a publicar na internet seus poemas em meados de 2017 e atualmente participa do grupo de sarau Gente de Palavra, Coletivo Movimento em Gravataí-RS e também do maior coletivo de poesia contemporânea do Medium Brasil que é a Fazia Poesia. Também escreve para outras revistas independentes como a Subjetiva de São Paulo.

Além da poesia também se insere no meio da literatura erótica com poemas eróticos, minicontos e contos.

A Expressividade da Angústia: Rubião, Kafka e o Expressionismo

WÍLSON BARRETO FRÓIS



A EXPRESSIVIDADE DA **ANGÚSTIA**

RUBIÃO, KAFKA E O EXPRESSIONISMO

Appris
editora

O livro *A expressividade da angústia: Rubião, Kafka e o Expressionismo* analisa de forma comparativa a obra de Murilo Rubião e a de Franz Kafka: os romances *O processo* e *O castelo* e as novelas *Na colônia penal* e *A metamorfose*. Para quem se propõe a investigar a suposta influência do autor tcheco na obra do contista brasileiro, a pesquisa, enriquecida de contribuições do campo da crítica literária, da filosofia e da psicanálise, traz respostas interessantes sobre o tema em função do percurso atento pela ficção dos autores, pontuando a especificidade da poética de cada um.

Compre com desconto no site:
www.editoraappris.com.br

Insira o código:

AEXP20

no campo "vale desconto"

Appris
editora



A ANGÚSTIA COMO MOTOR DA CRIATIVIDADE ARTÍSTICA

POR WÍLSON BARRETO FRÓIS

À **Angústia**, a semântica confere-lhe sentidos como: redução de espaço, ansiedade, inquietude, sofrimento. No contexto de crise da aurora do século XX, em especial, o homem, destituído de fé em Deus, cercado de incertezas, irrealizado em seus anseios, excluído da condição de ator no teatro do mundo, intensifica sua sensação de angústia. Atento a essa situação, o teólogo e filósofo dinamarquês Kierkegaard, enxerga a vida humana como um conjunto de expectativas frustradas, o que a faz desembocar no vazio existencial, no nada. Dessa condição negativa, segundo o pensador, nasce a angústia.

Todavia, esse estado de aflição pode ter um aspecto positivo, quando ele pode se transformar num componente estético, dado que a angústia é capaz de criar um desejo pujante de reconfiguração da vida, o qual potencializa a imaginação e transforma a linguagem artística. A estética de vanguarda expressionista foi a que melhor explorou essa peculiaridade da angústia. Nesse movimento, o artista a escolhe na formulação de sua linguagem. Assim, ela deixa de ser apenas tema e se torna uma ferramenta estética que mobiliza intensamente o desejo de transformação do mundo.

Em decorrência disso, cria-se uma forma inusitada de percepção social. Nesse novo *modus operandi* do trabalho artístico, explora-se todo o potencial linguístico, otimizando, assim, a densidade do signo. Dessa maneira, a pluridimensionalidade expressiva da linguagem se concretiza consistentemente. Em função do seu elevado valor revolucionário, o Expressionismo se faz presente praticamente em todas as manifestações artísticas. Nenhuma arte ficou indiferente às formulações da estética expressionista. Seu alcance foi acentuado, reorientando os rumos das faculdades criativas. Qualquer estudo sobre a influência expressionista nas diversas modalidades artísticas tende à inesgotabilidade. A revisão profunda de parâmetros estéticos, além de éticos, espirituais e sociais, que o Expressionismo proporcionou, preencheu significativamente o universo da elaboração da beleza formal.

Nesse espaço em que a arte trafega, a angústia se coloca como motor da ação criativa, criando uma forma diferente de leitura da realidade, centrada no sujeito. Consequentemente, esse método concebe uma visão subjetiva do mundo em que a representação do sentimento sobrepõe-se às impressões do real. Não se fotografa mais o objeto, como os realistas-naturalistas tentaram, mas também não *doura a pílula*, como fizeram os românticos; o expressionista redimensiona, deforma, cria. Nesse processo, o artista altera e distorce, e por meio dele, revela aspectos que são invisíveis por meio da óptica da objetividade. O pintor Edvard Munch, em suas imagens da angústia e da solidão humanas, transpunha a leitura superficial da realidade. O artista norueguês, segundo a pesquisadora Alice Brill (2002, p. 35), tinha a capacidade de sentir “o inusitado, o estranho e o secreto do cotidiano.” Nessa mesma perspectiva, o austríaco expressionista Georg Trakl, em seus versos, distorce a imagem da natureza, descrevendo seus elementos em sintonia com o cenário de hecatombe da Primeira Guerra Mundial.

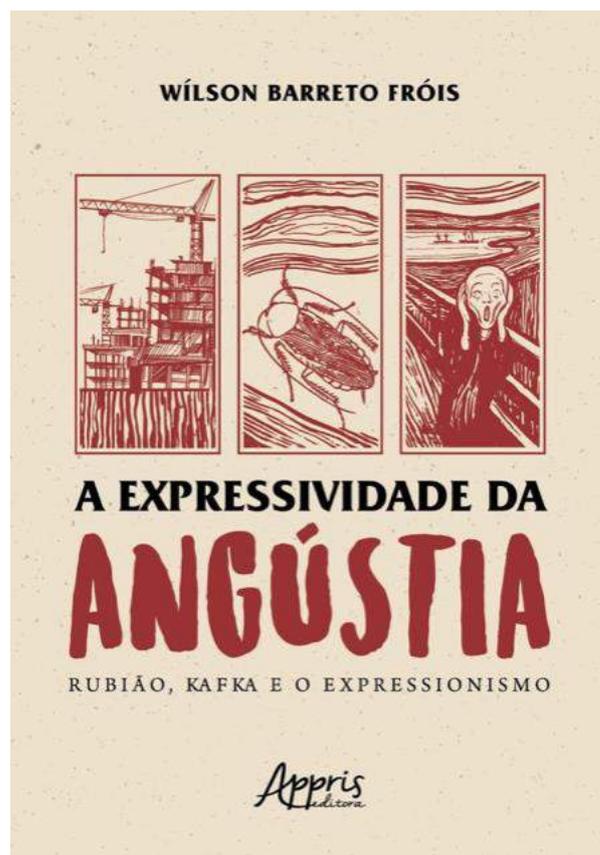
Dentro dessa dinâmica, a arte, em sua essência, nunca se sentiu tão à vontade, tão irreverente; livra-se da tutela da formalidade. Em nenhum movimento que antecede o Expressionismo, segundo o pesquisador Aguinaldo Gonçalves (2002, p. 680) “a forma encontrou uma coragem de ser forma tão profundamente sem pedir desculpas do mundo.” O Expressionismo libertou a arte da padronização e, no universo das letras, fortaleceu a literariedade do texto.

Em função da força desse movimento vanguardista, há razoabilidade na ideia de que Franz Kafka e Murilo Rubião não ficaram indiferentes em relação à estética em discussão. O primeiro, nascido em Praga, um dos principais centros de disseminação do Expressionismo, começou a escrever no período de efervescência das vanguardas. O escritor tcheco, inclusive, quando indagado sobre a suposta estranheza em quadro de Picasso, respondeu: “Ele só acentua as deformidades que ainda não chegaram até nossa consciência.” (JANOUC, 2008, p. 168). Já Rubião, que teve Mário de Andrade como referência, mesmo distanciado geográfica e historicamente do referido contexto, não deve ter ignorado o processo revolucionário nas artes. Sua produção, inclusive, insere-se no contexto dos desdobramentos da Semana de Arte Moderna, apresentando, segundo alguns críticos, algumas afinidades com os procedimentos da estética expressionista. Arrigucci Jr (1987, p. 163), por exemplo, afirmou que em Rubião existe uma “deformação fantástica que, várias vezes, tende a aproximar a arte de Murilo de certas vertentes expressionistas e, com mais frequência ainda, de Kafka.”

Ambos, Rubião e Kafka, dessa maneira, operacionalizam a deformação em seus textos, buscando abrir janelas mais eficientes para observar a realidade. Essa transfiguração, germinada no terreno da angústia, que é recorrente nos seus personagens, traduz não só a inquietação e a ansiedade deles, como também dos respectivos autores. O personagem José Ambrósio, do conto “Marina, a Intangível”, é a imagem do próprio autor na sua busca angustiante pelo vocábulo preciso para elaborar o seu artesanato poético. Em Kafka, a aflição e o desespero de seus personagens têm a capacidade de fazer, simultaneamente, a leitura de seu mundo e de si mesmo. O personagem K. sugere não só a infinitude de indivíduos vítimas do sistema totalitário, mas também a si próprio. Marthe Robert chegou a dizer que “a despeito de seu tom impessoal e objetivo, é só de si, é de si em primeiro lugar, que Kafka fala nos seus livros.” (1963, p. 61).

Discutida no livro *A expressividade da angústia: Rubião, Kafka e o Expressionismo*, essa transfiguração do real, promovida pelo artista e experienciada por seus personagens, estabelece novos ângulos para se enxergar a realidade. Dessa forma, é capaz de promover a revisão de conceitos, a desestabilização de “verdades” e a renovação do nosso senso de beleza. Além disso, essa transmutação é competente para despertar-nos a sensibilidade, muitas vezes, adormecida, no reino de relações mecanizadas.

Para adquirir o livro, acesse: <https://www.editoraappris.com.br/produto/5203-a-expressividade-da-angstia-rubio-kafka-e-o-expressionismo>



SOBRE O AUTOR:

Formou-se em magistério (nível médio), Escola Municipal de Itaobim (1977) e em Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Teófilo Otoni), 1981.

Especializou-se em língua portuguesa (FAFITO), 1989; e em literatura brasileira (PUC-MINAS), 2002.

Fez o mestrado (2009) e o doutorado (2018) em literaturas de língua portuguesa na PUC MINAS.

Trabalhou como escriturário no Matadouro Itaobim S/A - MAISA (Itaobim), como professor e diretor na rede pública estadual e professor na Escola Municipal de Itaobim.

ENTREVISTA COM A ESCRITORA

ALINE GONÇALVES

POR ADEMIR PASCALE



Aline Gonçalves, mineira, especialista em Direito Civil, escritora, autora dos romances: Anjo Proibido, A Distância dos Íntimos e do infantil: Bebelle em O Mundo Azul Contra o Gigante Invisível, além de diversos contos publicados em periódicos mineiros e na sua página @intimismosalinegoncalves. Teve seu texto selecionado para integrar o livro “Cartas de uma Pandemia” da editora Claraboia, lançado em 2021. Curadora do projeto MOLIE TE (instagram: @mostraliterariamoliete).

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Aline Gonçalves: Escrever sempre foi uma necessidade. É a forma com que melhor consigo me expressar, além do encanto que as palavras, o brincar com a linguagem escrita acarretam e as diversas vidas que podemos vislumbrar e, de certa forma, vivenciar neste processo. Comecei publicando contos e foi assim até ter coragem de publicar o Anjo Proibido, meu primeiro livro, escrito aos 17 anos.

Conexão Literatura: Você é autora dos livros "Bebelle em O Mundo Azul contra O Gigante Invisível" e "A Distância dos Íntimos". Poderia comentar?

Aline Gonçalves: Sim, também sou autora do romance Anjo Proibido (publicado anteriormente). A Distância dos Íntimos narra a trajetória de uma mulher que abandona os filhos pequenos e o marido, uma vida, aparentemente perfeita, sem razão aparente e parte para um destino incerto, desprovida de documentos, de pertences, de nome; mas será ela capaz de se despir também de seu passado? Deixar mulher e filhos para trás é um ato costumeiro e aceito socialmente, mas quando uma mulher segue por este caminho, todos os questionamentos são incisivos, a condenação social é implacável. Já o “Bebelle...” foi uma surpresa, nunca imaginei escrever um infantil, daí veio a pandemia e aquele insight de retratar o novo cotidiano construído em um universo inóspito, um mundo que se torna completamente restrito da noite para o dia e, mais uma vez, acaba por focar na rotina feminina, inclusive através da personagem Bebelle que se transporta

da infância para a adolescência em meio ao caos. O enfoque do livro é realmente mostrar a nova realidade, para ajudar neste momento caótico e para, posteriormente, eu espero, termos este registro de um tempo sombrio, sob uma ótica otimista. Contudo, mais uma vez, não podemos deixar de frisar a desigualdade entre os sexos e o quanto a pandemia vitimou, de todas as formas, muito mais as mulheres, campeãs nas perdas de empregos, consumidas por jornadas duplas, triplas, sem apoio legal ou social.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Aline Gonçalves: Sou muito sinestésica. Geralmente um cheiro, um som, uma lembrança me trazem uma sensação e daí vem uma frase, um verso ou um parágrafo que é como costume iniciar meus romances e contos. E o resto, costume pensar caminhando, correndo... para escrever pela madrugada e depois guardar por um certo tempo até reler e ver se ainda sinto da mesma forma.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

Aline Gonçalves: Claro! Vou citar um trecho, bem atual, do Bebelle em O Mundo Azul Contra o Gigante Invisível:

(...)No novo normal, havia motoboys entregadores de alimentos e utensílios, sempre que preciso, e não apenas para remédios urgentes e pizzas nos finais de semana especiais. A escola era em casa, on-line, e, nessas ocasiões, não adiantava a testa da Bebelle enrugar, onde quer que fosse, da maneira que fosse, ela iria estudar. No anormal, mamãe era rígida igual. Sair de casa, só para o essencial. Os clubes e cinemas fecharam, as festas foram proibidas, as praças impedidas e todos os seres humanos colocaram máscaras de super-heróis: brancas, pretas, azuis, coloridas "

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Aline Gonçalves: A Distância dos Íntimos está à venda nas livrarias: Leitura Pátio Savassi (BH), Livraria Café Itatiaia (Tiradentes), Mania de Ler bookstore (Gramado), Linna (C. Lafaiete) e o Bebelle... está disponível na Leitura (BH shopping), Linna (C.Lafaiete), em e-book, pelo Amazon (<https://www.amazon.com.br/dp/B08W5HYBND>) e ambos, diretamente comigo através das minhas redes sociais, (Instagram: @aline.alvesgoncalves.escritora , e-mail: alinealves2d@gmail.com).

Convido todos a me seguirem no Insta: @aline.alvesgoncalves.escritora, onde estou postando as novidades, onde acontecem bate-papos culturais, lives literárias, enfim, uma troca bastante rica com grandes escritores, artistas, blogueiros, amantes das artes em geral e também a visitar minha página no facebook a @intimismosalinegoncalves.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Aline Gonçalves: Tem uma frase de Beauvoir que diz tudo: “Não se pode escrever nada com indiferença.” É isso aí, escrevam sem amarras, sem censura e, depois sim, procurem por uma revisão crítica, muito cuidado com as propostas da editoras para autores iniciantes e “mão na massa”.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Aline Gonçalves: Sim! O plano é termos novidades envolvendo a personagem Bebelle, além de uma sequência de A Distância dos Íntimos e, quem sabe, mais adiante, uma coletânea com os contos. Além do movimento cultural em torno da MOLINETE (instagram: @mostraliterariamoliete), onde o objetivo é divulgar a arte.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Idade da Razão (Jean-Paul Sartre)

Um ator ou atriz: Juliette Binoche

Um filme: A Liberdade é Azul

Um hobby: Correr

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

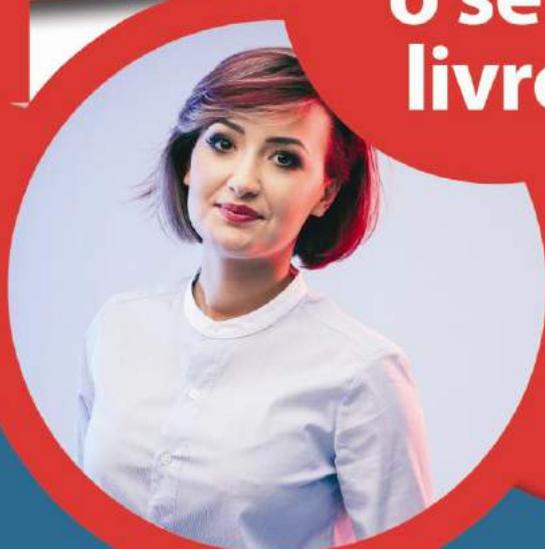
Aline Gonçalves: Espero que um dia as pessoas valorizem a arte como a arte valoriza todas as miúdas individualidades do ser. Nesse dia, todos os escritores (com ou sem marketing) serão lidos, os artistas (famosos ou anônimos) bem vindos e teremos, sem dúvida, um mundo infinitamente mais humano.





REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**Divulgue
o seu
livro**



**PACOTE DIVULGAÇÃO
PARA AUTORES**

**POR APENAS
R\$100**

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura

Bônus:

Você ainda ganha a
publicação do
release no site
da revista



agilidade



público-alvo



apareça



novas ideias

DESTAQUE O SEU LIVRO

Somos especialistas em divulgação de livros e autores. Conheça o Pacote Divulgação Para Autores e veja o custo/benefício em divulgar o seu livro conosco.

SAIBA MAIS. ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Ou escreva para: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

ENTREVISTA COM O ESCRITOR ALISSON R. DO NASCIMENTO

POR ADEMIR PASCALE



Alisson é casado com Gislaine e é pai de Arthur Emanuel. Converteu -se ao cristianismo em 2017. Alisson é formado no curso de especialização em teologia pelo seminário teológico Cristo para as nações, atualmente chamado casa de profetas, e é bacharelando em letras pela Uninter. Amante dos livros, Alisson destaca a bíblia sagrada como a maior obra literária.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Alisson R. do Nascimento: Creio que a literatura sempre fez parte da minha vida, mesmo confessando a falta de interesse na leitura por livros, sempre tive uma grande admiração por escritores de todos os gêneros. Após minha conversão em 2017, o interesse pela leitura foi surreal, pois passei a ser totalmente dependente da bíblia, e, assim, o interesse pela leitura e escrita foram crescendo gradativamente até tomar conta dos meus hábitos.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Uma Ode ao Criador". Poderia comentar?

Alisson R. do Nascimento: Sim. Como eu disse antes, a bíblia foi a responsável por despertar em mim esse mundo espetacular da literatura. Logo que comecei a estudar letras, o conhecimento e o desejo de escrever foi tomando conta de mim, e então seria justo de minha parte homenagear aquele que tem transformado minha vida segundo a sua palavra nas escrituras sagradas. Uma ode ao criador revela de forma poética o amor e os cuidados de Deus para com os seus. Foi uma ferramenta que eu tinha em mãos para homenageá-lo.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Alisson R. do Nascimento: confesso que não fiz nenhum tipo de pesquisa para escrever este livro. O conhecimento que adquiri nesses quatro anos de conversão

juntamente com o amor e a submissão de minha parte pela bíblia, foram suficientes para serem arremessados para o papel como forma de poesia. Escrevi este livro com exatos quinze dias.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Alisson R. do Nascimento: Claro. Na primeira estrofe do primeiro poema eu digo: As pessoas se perguntam como ele veio ao mundo, se a nós ele criou, e a ele que fez tudo? Faço essa pergunta todos os dias para mim mesmo. Creio que essa pulga atrás da orelha persegue não somente a mim, mas a muitos kkkk.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Alisson R. do Nascimento: O livro encontra-se disponível somente no site da editora Autografia do Rio de Janeiro. Lá, o interessado terá o livro em mãos.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Alisson R. do Nascimento: Sim. Uma ode ao criador é o marco inicial de uma carreira que apenas se inicia.

Perguntas rápidas:

Um livro: A bíblia sagrada

Um (a) autor (a): Patativa do Assaré

Um ator ou atriz: Toni Ramos e Giovanna Antonelli.

Um filme: O milagre da cela 7

Um dia especial: O dia que nasci novamente pelas águas do batismo.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Alisson R. do Nascimento: Sei que existe vários meios de nós seres humanos adquirir o conhecimento. Mas, assim como a literatura mexeu com o meu intelecto, fica o meu incentivo para todos, inclusive os mais jovens. Degustem livros como se fosse sua comida favorita. Fica meu abraço.

Alisson R. do Nascimento

**Uma ode
ao
Criador**

*A história do herói dos séculos
narrada em uma poesia lírica*



ENTREVISTA COM A ESCRITORA

AMANDA MAGRI

POR ADEMIR PASCALE



Amanda Magri de Abreu é uma artista, escritora e tradutora de 26 anos, formada em letras com especialização em tradução e interpretação, pós-graduada em Psicanálise e Arte, que atualmente cursa pós-graduação em História da Arte, tendo já realizado diversos cursos voltados para a área das artes no geral, como desenho, pintura, fotografia e moda. Encontra-se atuando na área da tradução literária há quatro anos, e possui onze livros traduzidos publicados até o momento. Entre seus trabalhos estão grandes obras como “Orgulho e Preconceito”, de Jane Austen, “A Mulher de Branco”, de Wilkie Collins e “Noite e Dia”, de Virginia Woolf.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

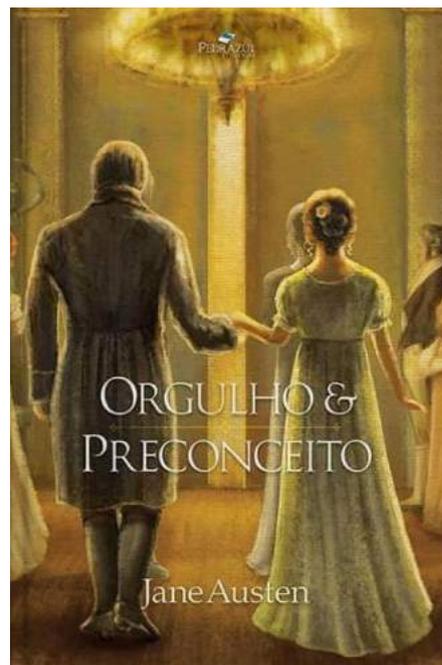
Amanda Magri: Assim como muitos escritores, comecei a ler desde criança e não parei mais. Também escrevo histórias desde os treze anos de idade e sempre soube que gostaria de trabalhar com o mundo dos livros, não somente graças ao meu amor pela literatura, mas também meu amor pela arte. Sendo assim, resolvi cursar a faculdade de letras, já com foco em tradução literária, para que pudesse “vestir a pele” de meus autores favoritos. E, enquanto estava na faculdade, logo fui em busca do meu sonho de trabalhar em editoras.

Conexão Literatura: Você é tradutora e já traduziu excelentes e importantes obras, como *Orgulho & Preconceito*, de Jane Austen (Editora Pedrazul). Poderia comentar?

Amanda Magri: Eu acabei caindo no mundo dos clássicos logo na adolescência, e a Era Vitoriana sempre me chamou muito a atenção, por conta disso, quase que naturalmente Jane Austen se tornou uma de minhas autoras prediletas desde essa época, tendo pesquisado incansavelmente sobre sua vida, e escrito diversos ensaios a respeito de sua obra durante a faculdade, foi um verdadeiro sonho poder traduzir Austen. Bem, não somente Austen, mas também Virginia Woolf, Lucy Maud Montgomery e tantos outros.

Conexão Literatura: Você participou recentemente da antologia **Bruxas II**, organizada pela Revista Conexão Literatura. Poderia comentar sobre o seu conto e sobre a importância em participar de uma antologia?

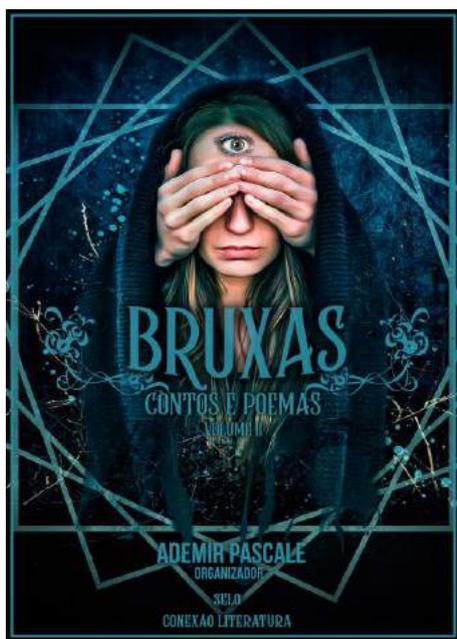
Amanda Magri: Bom, como tudo o que escrevo, é um processo extremamente orgânico e também repentino, a inspiração recai sobre mim de maneiras inesperadas, e sou obrigada a atender a esse chamado, sempre foi assim. Eu me deparei com a publicação sobre a antologia **Bruxas II** em um momento em que estava bastante reflexiva, graças também ao contexto pandêmico, sendo forçada a olhar para o meu eu interior, senti algo forte que me impelia a lançar produções autorais, um sonho que eu tinha tanto receio em realizar, e essa é a importância da antologia para mim.



Conexão Literatura: Logo você irá publicar um livro infantil. Você já pode mencionar o título e mais detalhes sobre o lançamento?

Amanda Magri: Talvez inspirada pela temática da antologia, produzi um livro infantil com a temática de bruxinhas, a fim de promover novas heroínas, a quebra de estereótipos e a diversidade de maneira simples, leve e divertida. Será uma obra lançada pela editora Palavra e Verso, mas infelizmente ainda não posso revelar mais detalhes.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para saber mais sobre você e o seu trabalho literário?



Amanda Magri: Confesso que não sou uma pessoa tão focada nas redes sociais, mas sempre busco atualizar o meu Instagram (@amandamagrideabreu), falando principalmente sobre a minha vida profissional e meus projetos no geral.

Conexão Literatura: Além do livro infantil, existem outros projetos em pauta?

Amanda Magri: Sim, além de um material extenso produzido ao longo dos anos, e que recentemente venho os observando com uma nova visão e possibilidades, estou também escrevendo algo totalmente novo e do zero, assim como estou envolvida em um projeto em parceria com meu grande amigo e

ilustrador Carlos Eduardo Dardis. E espero que minhas produções possam vir a público em breve.

Perguntas rápidas:

Um livro: Emily de Lua Nova

Um (a) autor (a): Arthur Conan Doyle

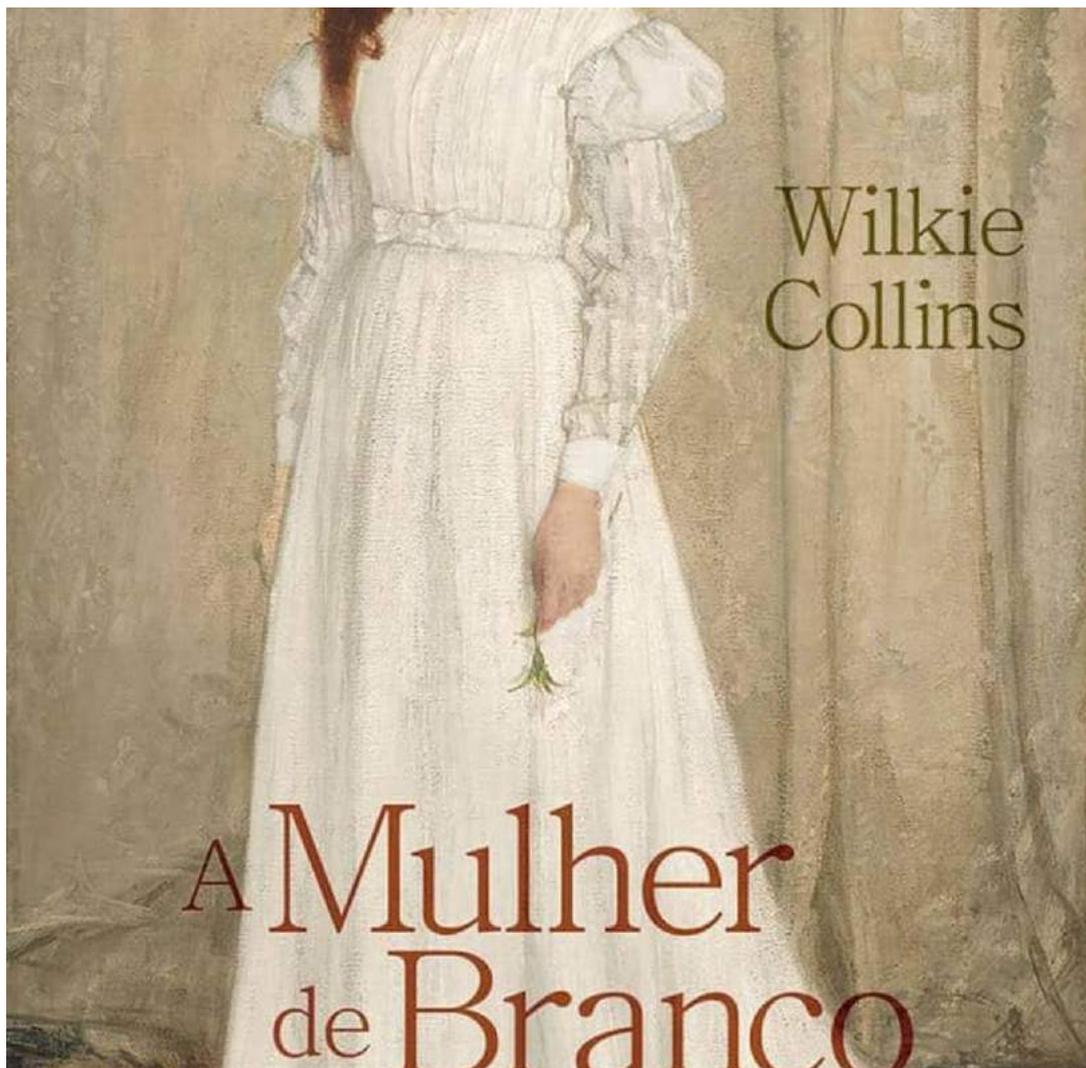
Um ator ou atriz: Marilyn Monroe

Um filme: Clube dos Cinco

Um dia especial: 20 de Novembro

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Amanda Magri: Gostaria de deixar uma mensagem para que sempre valorizemos a leitura, mesmo quando não é erudita. A leitura também é prazer, sonhos e arte; e nós podemos apreciá-la de diversas formas.





agilidade



apareça



público-alvo

PACOTE DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

POR APENAS R\$ 100

Somos especialistas em divulgação de livros e autores.

Conheça o Pacote Divulgação e veja o custo/benefício

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura.

BÔNUS: Você ainda ganha a publicação do release no site da revista

SAIBA MAIS, ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

ENTREVISTA COM O ESCRITOR ANDRÉ CASAGRANDE

POR ADEMIR PASCALE



André Casagrande é doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e mestre em Ciências da Religião pela mesma instituição. Estudou teologia no centenário Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas, licenciando-se, posteriormente, em Letras. Casado com Marcela, a quem conheceu no curso de Letras, cujo nome foi eternizado na literatura por Machado de Assis. Além disso, é um leitor voraz de literatura brasileira contemporânea.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

André Casagrande: Minha primeira publicação foi *Jesus na ótica da literatura* (2011), um ensaio sobre o Cristo presente na literatura brasileira contemporânea. Após um interregno de cinco anos, publiquei *A utópica Tereseville* (2016), romance histórico que retrata a implantação de uma cidade solidária no interior do Paraná em meados de 1847, por Jean-Maurice Faivre, médico francês da corte do imperador Dom Pedro II. Em 2017, por ocasião das comemorações dos quinhentos anos da Reforma Protestante, escrevi *Uma outra herança reformada* (em co-autoria), o livro traz reflexões a partir de Sébastien Castellion, a quem o escritor Stefan Zweig denomina “o apóstolo da tolerância”. Meu trabalho mais recente é *Sansão na ótica da literatura* (2021), uma tentativa de ler a Bíblia com as ferramentas das Teorias Literárias.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Sansão na ótica da literatura". Poderia comentar?

André Casagrande: Este livro surgiu da constatação de que praticamente inexistia bibliografia disponível sobre Sansão no Brasil. Embora seja um personagem que continue vivo no imaginário ocidental, a narrativa sansoniana permanece envolta em mistérios, sendo uma das histórias mais polêmicas, complexas e controversas do cânon bíblico. O livro lança luzes sobre aquela, que, possivelmente, seja uma das narrativas mais estranhas da Bíblia.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

André Casagrande: Ênfase aquilo que torna Sansão tão complexo e, ao mesmo tempo, tão especial, quando comparado às demais personagens bíblicas: “Não há nas Escrituras Sagradas, pensando-se aí tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, história paralela e similar a essa. Sansão é único. Não há nos registros bíblicos outro personagem com façanhas lendárias como a dele. O escritor russo Wladimir Jabotinsky, no romance *Sansão*, propõe constatação semelhante à que fazemos, quando, em determinado momento da narrativa ficcional, um dos príncipes filisteus diz a Sansão: ‘Conta-nos lendas de Creta e de Troia, sobre heróis que talvez tenham sido seus irmãos. Mas nunca se ouviu falar de tais homens na tribo de sua mãe ou nas tribos de Israel’” (pg. 22).

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

André Casagrande: O livro pode ser adquirido pelo site da Editora Reflexão. Segue o link para aquisição: <https://www.editorareflexao.com.br/teologia/pre-venda-sansao-na-otica-da-literatura>.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

André Casagrande: A leitura e a escrita caminham de mãos dadas. À medida que leio, escrevo. Quero escrever mais ficção. Esse foi, inclusive, o conselho que Frei Betto me deu quando lhe entreguei em mãos meu primeiro romance: “André, não pare de escrever ficção”. Tenho formação protestante. Nasci em uma família protestante. Tornei-me pastor protestante. Existe, no Brasil, a meu ver, falta de romancistas de raiz e tradição protestantes. Talvez, o único seja Josué Montello (1917-2006), escritor maranhense, cujo romance *Os degraus do Paraíso* estou lendo.

Perguntas rápidas:

Um livro: *A arte de semear estrelas* (Frei Betto)

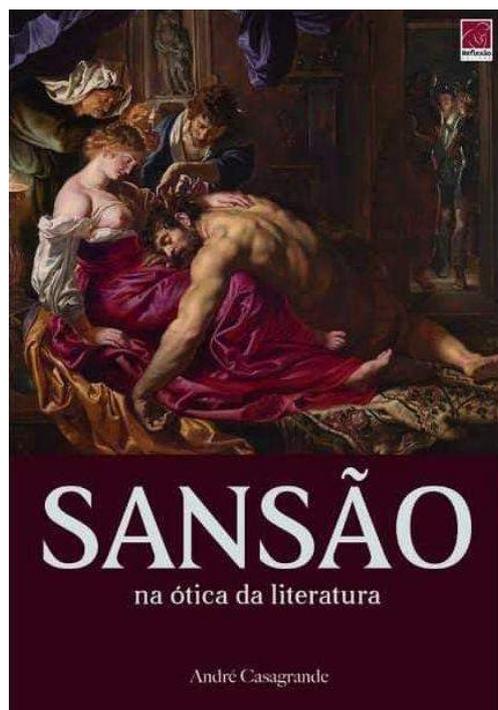
Um (a) autor (a): Miguel Sanches Neto e Raduan Nassar

Um cantor ou cantora: Oswaldo Montenegro

Um dia especial: Todos os dias são especiais

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

André Casagrande: Agradeço a oportunidade concedida pela revista Conexão Literatura para divulgação de meu trabalho literário. Desejo sucesso e vida longa a esse importante veículo de disseminação da literatura brasileira.



Cinza no Céu



**HORROR
FANTASIA
NOSTALGIA
FICÇÃO CIENTÍFICA**

Roberto Schima

CINZA NO CÉU

NOVO LIVRO DE
ROBERTO SCHIMA

SINOPSE:

A EXEMPLO DA MINHA COLETÂNEA ANTERIOR, "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" REÚNE HISTÓRIAS QUE FORAM PUBLICADAS NA REVISTA DIGITAL "CONEXÃO LITERATURA", EDITADA POR ADEMIR PASCALE. DESTA FEITA, A PARTIR DO Nº 49 DA PUBLICAÇÃO. OS CONTOS AQUI REUNIDOS ABRANGEM FANTASIA, HORROR, FICÇÃO CIENTÍFICA, NOSTALGIA. TAMBÉM INCLUI ALGUMAS CRÔNICAS, POESIAS E MÁXIMAS/REFLEXÕES. SE ESTÃO DISPONÍVEIS NAS VÁRIAS EDIÇÕES DA REVISTA CUJO DOWNLOAD É GRATUITO, MINHA MOTIVAÇÃO PARA O LANÇAMENTO EM LIVRO É IGUALMENTE PELO DESEJO DE NÃO SOMENTE VER AS HISTÓRIAS REUNIDAS EM LIVRO, MAS TAMBÉM PODER MANUSEÁ-LO, FOLHEÁ-LO, GUARDAR NA ESTANTE. ADEMAIS, COMO JÁ ME REFERI CERTA VEZ AO EXEMPLIFICAR A QUESTÃO DO E-BOOK E DO LIVRO FÍSICO, AMBOS SÃO COMO UMA PESSOA QUERIDA, ENTREMENTES, NO PRIMEIRO CASO A GENTE VÊ ESSA PESSOA PELA INTERNET, ENQUANTO QUE, NO SEGUNDO, PODEMOS ABRAÇÁ-LA. E TOCAR UM LIVRO QUE A GENTE ESCREVEU É COMO ABRAÇAR O PRÓPRIO SONHO. "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO" E, AGORA, "CINZA NO CÉU" SÃO RETALHOS DE MUNDOS DIVERSOS QUE PREENCHERAM MINHA MENTE, NOS QUAIS MERGULHEI, ME PERDI, ME ACHEI, POR VEZES COM RELUTÂNCIA EM VOLTAR. PARA MIM, ELES EXISTEM DE VERDADE. ESTOU NELES. ESTÃO EM MIM. E SÃO AQUILO QUE DEIXAREI PARA TRÁS.

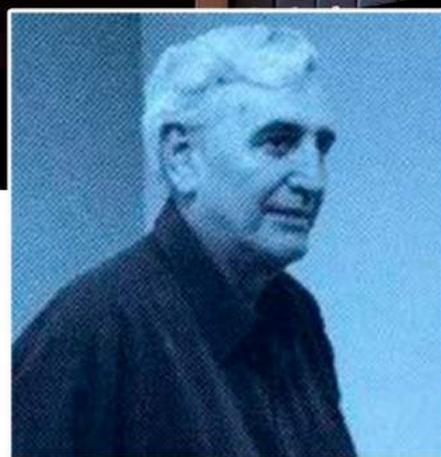


Para saber mais ou adquirir:

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua2785/> e <https://clubedeautores.com.br/livro/cinza-no-ceu>

ENTREVISTA COM O ESCRITOR CAETANO LAGRASTA

POR ADEMIR PASCALE



Caetano Lagrasta – Neto de italianos, paulistano do Brás; ocupa a Cadeira Graciliano Ramos da Academia de Letras das Arcadas; menção no Prêmio Governador do Estado, 1967; corroteirista, ator e autor de comentário musical, em longa e curtas metragens; fotógrafo; Desembargador. Livros: O Fazedor, 2001; Livro de Horas, 2004, Ópera Bufo, 2007, Diário do Fim do Mundo (Scenarium, 2019), A Poemática da Terra (Org, Desconcertos, 2020) – poemas; 1968 e outras estórias (Le Calmon, 2013); Abecedário (Scenarium, 2016); Príncipe Nerso: incunábulo do mito do nascimento do herói (Desconcertos, 2021) – contos; e Fábricas Mortas, romance (Desconcertos, 2018).

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Caetano Lagrasta: Atrevo-me a conselhos (dos quais o Inferno tá cheio): sempre permaneci afastado do meio literário e de suas panelas, ao obedecer ao Poeta Mário Faustino: “Envaidece-nos o que afirma o próprio poeta: que esta página lhe abriu novos caminhos, fazendo-o evitar outros, sempre tentadores a qualquer de nossos jovens escritores: facilidade diluidora, a autocomplacência, o café-society subliterário dos mútuos elogios, da publicação amistosa, das glórias logo fabricadas e tão logo esquecidas”. E que venha o leitor de epígrafes, apresentação, documentos e notas explicativas, ufa!

Escrevo, desde os anos 50, início tortuoso com poemas para o jornal do Colégio Paes Leme (SP), depois, finalmente cansado das rimas medíocres e pobres, investi em contos, até que, ao início de 1962, arrisquei enviar o conto, “Oração para um lixeiro”, para a Revista LEITURA, do Rio de Janeiro e, pasmem, foi publicado no exemplar dos meses outubro e novembro daquele ano. Insisti escrevendo e consegui juntar contos durante os anos 60 para montar “O Príncipe Nerso” e que me perseguiu até outro dia, quando publicado.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "PRÍNCIPE NERSON: incunábulo do mito do nascimento do herói". Poderia comentar?

Caetano Lagrasta: O Príncipe é um ser pantagruelisco, rabelesiano, macunaimense, um mito, que sobrevive num tempo tão boçal e agressivo como este em que vivemos, às

vezes com um esgar de desprezo nos beijos. O nó sem ponto deste livro é um texto repleto de armadilhas conceituais, palavras, estilos e imagens sempre renovadas para que tudo permaneça igual. Se àquele tempo éramos engolidos por imprensa, cinema ou revistas de fotonovelas mentirosas e medíocres, hoje nos contentamos com nuvens e fakes virtuais repletos de estrume político, visual e cultural, por primeiro, digitados pelo ignorante maluco e genocida que nos governa (?).

O livro tem que ser lido observando notas, linguagem, as palavras porque elas constroem a personalidade do Príncipe, e que se desenvolve desde os anos 60. É um livro, à primeira vista, antigo, mas que se modernizou pela vontade do tempo; nele, tento mostrar o que acontece quando a gente lê demais e acredita que pode mudar o mundo.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Caetano Lagrasta: Esse livro me persegue desde os anos 60 em suas pesquisas e modificações embuçadas em epígrafes, até que Adriana Aneli praticamente me obriga a arrancá-lo ao baú de minha tia louca, ilustra-o e assim vem a lume e se vão pra lá de cinquenta anos.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Caetano Lagrasta: *(Todo homem traz em si o germe do Odisseu – disse-me – alguns de imponente, outros de triste figura; uns cobertos de glória, outros, isolados e cobertos de excremento... Oh, perdão, encerrou ele).*

(...)

Querer mentir sobre entrevista de possível emprego, que ficou prometida para amanhã, mas que não existe. Engolir o café que nunca é tão gostoso quanto a gente imagina ao dizer que o café do bar está uma merda e o que lá de casa é muito melhor. Sentar na poltrona enebada da sala, sentindo o empuxo das molas querendo furar nossas calças. Relancear os olhos pelo jornal sem notícias, que junta letras grandes e pequenas para não dizer o que realmente acontece, mas que nos envolve em comentários calhordas. Correr os olhos pelos anúncios de sapatos onde se destacam as pernas lisas e bem torneadas e a gente deseja comprar daquela marca pois acha que nossas pernas vão ficar iguais; anúncios de televisores incrivelmente maiores do que o daqui de casa, geladeiras suntuosas que só depois da entrega a gente descobre que não tem com que a encher. Dobramos o jornal, após correr a lista de cinemas, o convite para uma exposição de “boca livre” e nos despedimos com um timbre de voz, arrastado e ridículo. Passo sob a janela da casa da mulher que mora em frente ao cinema, não uma, mas diversas vezes, com passos apressados ou vagarosos, sonhando que ela irá abrir e aceitará o convite para nos acompanhar no cinema. Nada.

(...)

Oh! Como é bela a Democracia! Dela qualquer energúmeno pode ter o sábio ao seu alcance (seja na sala para saboreá-lo, seja na latrina para função menos nobre); lembrem-se: o que a cultura faz, ninguém faz, ainda que virtualmente

(...)

Nessa altura do jogo, o país já tinha sido descoberto por tudo que era imperialismo, fantasiado de democracia e protecionismo pras nossas riquezas, e os políticos começaram a gritar que o “petróleo ERA nosso” e nunca entendi: se era não precisa gritar, vai gritar no ouvido da avó, vê se recupera pra nós e encerrei essa questão, dando o nome de Petrolina Minâncora para uma excelente loção anti calo, ruga, espinhas e cravos.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Caetano Lagrasta: o livro está à venda no site da Desconcertos Editora: <https://desconcertoseditora.com.br/produto/principe-nerso-caetano-lagrasta/>; um pouco mais sobre o trabalho literário está aqui: <https://comoeuescrevo.com/caetano-lagrasta/>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Caetano Lagrasta: Hoje, dos baixios de meus 77 anos, depois de ter escrito livros jurídicos; de poemas, contos e um romance, berro que é chegada a hora de me arriscar nas memórias (vastíssimas), em Cadernos manuscritos, que conservei, apesar de conselhos excelentes para que os queimasse, junto com a foto do atual governante e seus ministros. Modestamente, insisto em arrumar dinheiro para publicação tão vasta e cuja inutilidade será – quem sabe – percebida por meus filhos, enteadas, netos, genros e noras.

Perguntas rápidas:

Um livro: **Dois:** *Diários do Cárcere*, de Antonio Gramsci e *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos

Um (a) autor (a): **Dois**, os citados acima

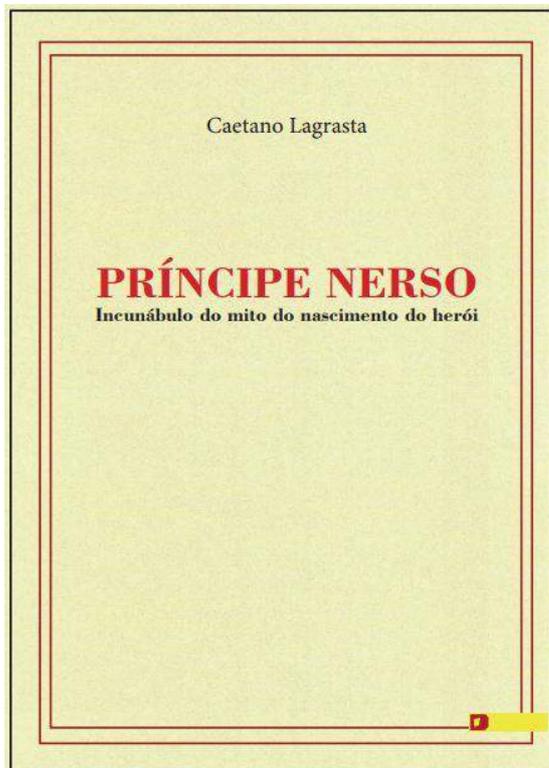
Um ator ou atriz: Paulo José e Anna Magnani (Roma, cidade aberta)

Um filme: O Leopardo (baseado no romance de Lampedusa)

Um dia especial: O do lançamento do livro em que colaborei: “As Arcadas no tempo da ditadura” quando conheci Adriana Aneli.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Caetano Lagrasta: Apenas que, diante de notas, citações e epígrafes amontoadas sem descanso, penso sempre na de Heráclito quando afirma: “Por que quereis levar-me a toda parte, ó, iletrados? Não escrevi para vós, mas para quem me pode compreender. **Um, para mim, vale cem mil, e a multidão nada**” e em Gramsci, na citação de Hellewell, ao encarar o capitalismo global: “**quem domina a língua, domina o poder**”.





ENTREVISTA COM A ESCRITORA

CRIS LADEIA

POR CIDA SIMKA E SÉRGIO SIMKA

Fale-nos sobre você.

Amante dos livros desde que passei a entender o poder que eles tinham. Escrevo por puro prazer. Sou professora e procuro despertar nos alunos o gosto pela leitura. Quando paro para escrever, me esqueço de mim, me torno criança, homem, flor, personagem. Sempre escolho três livros para iniciar a leitura, geralmente um referente à minha área de atuação, um clássico e um romancelzinho. Leio 30 páginas de um, paro. Leio 20 do outro. Paro e leio um pouco mais do outro. Esse é um hábito que tenho há anos.

Entrevista

Fale-nos sobre o livro. O que a motivou a escrevê-lo?

O quadro na parede se trata de um sonho antigo que reúne os contos que as pessoas liam e diziam: esse eu gostei... Aí eu já separava o conto para compor o livro. Tem de tudo um pouco, gente de todo jeito, cenários do campo e da cidade, pessoas com personalidades distintas e marcantes. O que mais me motivou a reunir esses contos num livro foi a vontade de dividir com as pessoas minha paixão pela escrita.

Como analisa a questão da leitura no país?

Acredito que se as crianças fossem incentivadas desde cedo à leitura, o país não seria tão carente de pessoas reflexivas. Sempre falo para os meus alunos que quem lê não desenvolve apenas habilidades em língua portuguesa, mas também consegue compreender um enunciado em Matemática, entender uma questão de Ciências e assim sucessivamente.

Que dicas poderia fornecer a quem deseja escrever?

Às vezes as pessoas me perguntam como eu escrevo. Sempre respondo que não existe receita pronta, mas se eu pudesse dar um norte a quem gostaria de enveredar pela escrita



eu diria para observar... Observar as pessoas, os comportamentos, as situações, o ônibus que passa, a criança conversando sozinha, o moço esperando a namorada, o canteiro de flores, a mensagem no muro... Enfim, tudo pode virar história. O que a gente faz é dar nome, criar o enredo e ir enfeitando com detalhes.

Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro?

Os interessados em adquirir meu livro podem entrar em contato pelo e-mail: crisladeia@yahoo.com.br



CIDA SIMKA

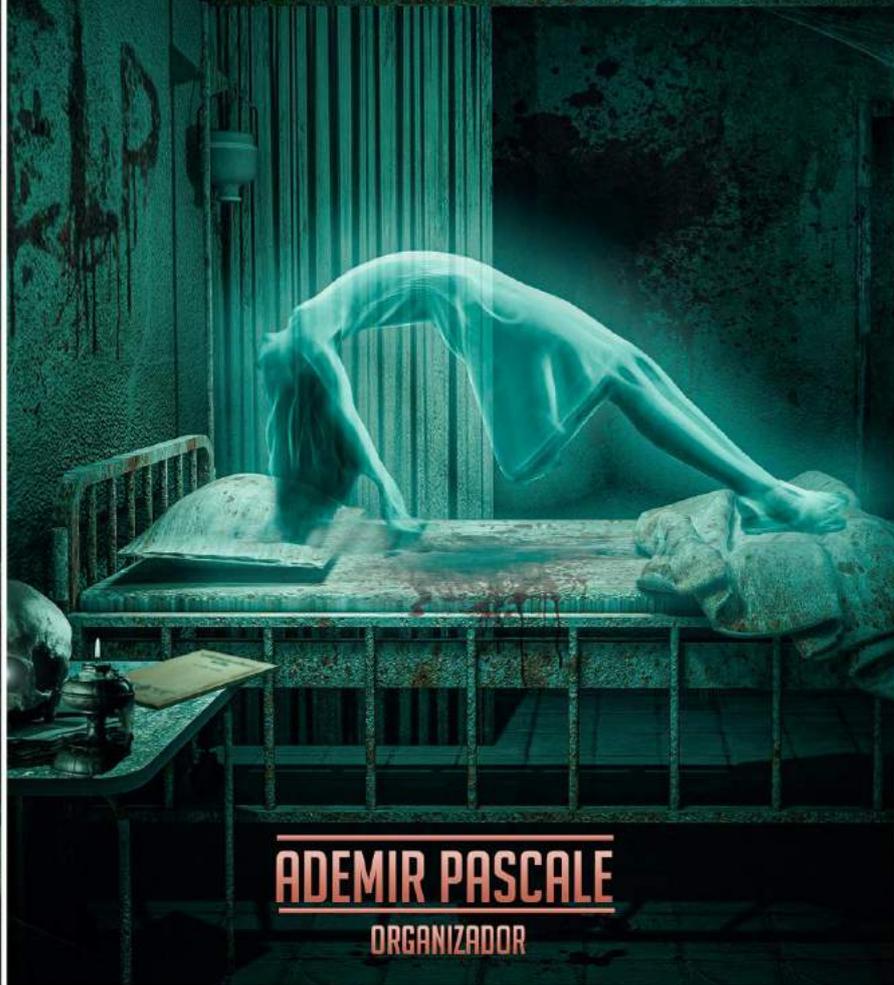
É licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Autora, dentre outros, dos livros *O enigma da velha casa* (Editora Uirapuru, 2016), *Prática de escrita: atividades para pensar e escrever* (Wak Editora, 2019), *O enigma da biblioteca* (Editora Verlidelas, 2020), *Horror na biblioteca* (Editora Verlidelas, 2021) e *O quarto número 2* (Editora Uirapuru, 2021). Organizadora dos livros *Uma noite no castelo* (Editora Selo Jovem, 2019), *Contos para um mundo melhor* (Editora Xequê-Matte, 2019), *Aquela casa* (Editora Verlidelas, 2020), *Um fantasma ronda o campus* (Editora Verlidelas, 2020) e *O medo que nos envolve* (Editora Verlidelas, 2021). Colunista da revista *Conexão Literatura*.

SÉRGIO SIMKA

É professor universitário desde 1999. Autor de mais de seis dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série *Mistério*, publicada pela editora Uirapuru. Colunista da revista *Conexão Literatura*. Seu mais recente trabalho acadêmico se intitula *Pedagogia do encantamento: por um ensino eficaz de escrita* (Editora Mercado de Letras, 2020) e seu mais novo livro juvenil se denomina *O quarto número 2* (Editora Uirapuru, 2021).

PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

SOBRENATURAL
CONTOS E POEMAS



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

LEIA OS EDITAIS
CLIQUE AQUI

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



ENTREVISTA COM O ESCRITOR FERNANDO LUIZ DOS SANTOS CHAVES

POR ADEMIR PASCALE



Fernando Luiz dos Santos Chaves, nasceu em 1955, na cidade do Rio Grande - RS. Aos três anos de idade passou a morar com seus pais, na cidade de Porto Alegre - RS. Em 1986 se tornou empresário no ramo da Engenharia Elétrica, e passou a morar em Fortaleza - CE. Em 1989 se transferiu para Campinas - SP. Meses após, na cidade de Itu, próxima de Campinas - prestou vestibular na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, “Nossa Senhora do Patrocínio”, e foi aprovado em 1990.

Fernando é estudioso, no campo da eletricidade e magnetismo e é diplomado Técnico em Eletrotécnica, e autor de várias obras.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Fernando Luiz dos Santos Chaves: Na minha infância adorava escrever histórias e novelinhas. Mas somente no ano de 2005 escrevi e publiquei o meu primeiro livro: Os caminhos de Luan, - Consciencialismo um mundo de luz. Depois fiquei quase dez anos sem escrever, e me dedicando exclusivamente para trabalhos relacionados no campo da eletrotécnica. Quando me aposentei voltei a escrever livros de romance e ficção científica. Em 2019 escrevi e publiquei o meu segundo livro: O homem é ou não é um animal racional? Romance contemporâneo. Em 2020 publiquei o meu terceiro livro: A matemática da eternidade e dos encontros. Ficção científica. Nesse ano de 2021 publiquei um quarto livro: Trilogia – Um terráqueo rumo ao planeta Htrae. Pretendo, até o final da minha vida, continuar escrevendo.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “A matemática da eternidade e dos encontros”. Poderia comentar?

Fernando Luiz dos Santos Chaves: Sim! A matemática da eternidade e dos encontros – (Segunda edição). Trata-se de uma obra de ficção científica onde o protagonista após perder tudo que lhe é mais caro na vida, parte em uma viagem com um grupo de pesquisadores para uma ilha inabitada do oceano Pacífico e, lá, ele é surpreendido por um

extraterrestre . Luan então, parte em uma viagem espacial rumo a um planeta localizado em um outro sistema estelar. Nesse planeta, de nome Htrae, o protagonista Luan, é recepcionado com uma fraterna e emocionante surpresa.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?

Fernando Luiz dos Santos Chaves: Levei aproximadamente cinco anos pesquisando e escrevendo essa obra.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Fernando Luiz dos Santos Chaves: Capítulo I

A nova família de Luan

Quatro anos depois da adoção

Luan já estava com 13 anos de idade e, assistindo a uma aula de física na escola, sentado na primeira fila, levantou o braço perguntando:

— Professor, quantos anos têm o planeta Terra?

— 4,5 bilhões de anos! — respondeu o professor.

Um colega de Luan, gostando dessa aula de perguntas e respostas, também levantou o braço, perguntando:

— Professor! Quantos quilômetros têm um ano-luz?

O mestre, ensinando detalhes sobre as perguntas dos alunos, aproximou-se do quadro branco da sala de aula e escreveu as seguintes respostas:

a) Idade do planeta Terra: 4,5 bilhões de anos.

b) Um ano-luz equivale a: 9.461.000.000.000 quilômetros.

A Alfa Centauro, que é a estrela mais próxima do nosso sistema, está apenas 4,37 anos-luz de distância. Andrômeda, a galáxia espiral mais próxima da Via Láctea, está a cerca de 2,5 milhões de anos-luz daqui. Já o Kepler-186F, que é um planeta que foi recentemente descoberto e que a Nasa acredita existir vida nele, está a 500 anos- luz da Terra, ou seja, esse planeta está a 500 X 9,46 trilhões de km distante da Terra.

— Você tem noção do que é essa distância? — interrogou o professor para o aluno que lhe havia feito a pergunta.

O aluno pensou, refletiu, pegou a sua calculadora portátil na mão, calculou e respondeu:

— Sim! Isso significa que se nós viajássemos a uma velocidade da luz, demoraríamos 500 anos para chegar nesse planeta que a Nasa diz ter vida! E nós teríamos que percorrer uma distância de aproximadamente 4,73 quatrilhões de quilômetros.

— Isso mesmo! — disse o professor. — Perfeito! Mas continuando no assunto e, para título de curiosidade, agora prestem muita atenção nisso que vou informar a vocês! Vejam só, como isso é curioso! — disse o mestre escrevendo no quadro o seguinte:

A revista científica “Astrophysical Journal Letters” informou: “Existem 60 bilhões de planetas habitáveis na Via Láctea orbitando em estrelas anãs vermelhas.” Observação:

“Centros oficiais de estudos científicos dizem que, para efeitos de cálculos, para cada ser humano que habita o nosso planeta Terra, existem 8,5 planetas possivelmente habitáveis, soltos e girando por aí, na nossa Via Láctea!”

— Para os cálculos — disse o professor — foram levados em conta pelos cientistas, que as estrelas anãs vermelhas são menores e mais fracas do que o sol que conhecemos e possuem temperaturas relativamente baixas na sua superfície, existindo zona habitável em planetas em torno delas. Baseado na equação de Drake (o pioneiro na pesquisa de vida em outros planetas), ele estimou que, na Via Láctea, neste momento, podem existir 1 milhão de civilizações que tenham tecnologia para se comunicarem conosco, embora até hoje nunca conseguimos encontrar sinais oficiais de comunicação. Mas seguindo no assunto — disse o professor, escrevendo no quadro branco da sala de aula:

Se pegarmos o número de habitantes existentes no nosso planeta Terra, que atualmente está em torno de 7,8 bilhões de habitantes, e multiplicarmos por 8,5 planetas possivelmente habitáveis para cada habitante, vamos obter um resultado equivalente a 66,3 bilhões de possíveis planetas habitáveis espalhados em nossa Via Láctea.

Luan aproveitou o assunto e, tentando esclarecer uma dúvida que lhe atormentava, perguntou:

— Professor, o que acontece ao corpo humano em uma viagem na velocidade da luz?

— Acompanhem comigo! — disse o professor escrevendo o seguinte no quadro:
Velocidade da luz: 300.000 km/segundo

$300.000 \text{ km/seg.} \times 60 \text{ segundos} = 18.000.000 \text{ km/minuto}$

$18.000.000 \text{ km/min.} \times 60 \text{ minutos} = 1.080.000.000 \text{ km/hora}$

Portanto, se viajássemos a uma velocidade de 1,08 bilhão de km/hora, segundos após estaríamos todos mortos.

— Ou seja — disse o professor —, se viajássemos a essa velocidade, baseado na teoria da relatividade de Albert Einstein, o hidrogênio que está no espaço interestelar seria transformado em uma intensa radiação que poderia em segundos matar a tripulação e destruir os equipamentos eletrônicos. Existe também uma outra dificuldade que mostra que é impossível um ser vivo resistir à aceleração, desaceleração e à realização de curvas e manobras, viajando na velocidade da luz. Portanto, mesmo que fosse possível, ainda assim, teríamos mais um outro inconveniente: o fator tempo de vida. Isso significa que vidas espalhadas em nosso sistema, repleto de galáxias, estrelas e planetas, existem em grande número, mas o tempo de vida dos homens é muito pequeno.

— Mas então, qual é a velocidade máxima que nós, seres humanos, podemos suportar, viajando através do espaço? — perguntou Luan.

— Essa velocidade máxima suportável — respondeu o professor —, está variando, até os dias de hoje, em torno de 32.000 a 40.000 km/hora, sendo que em 1969, um trio de astronautas na missão Apolo 10 da NASA atingiu 39.897 km/hora. O exemplo que posso lhe dar é o seguinte: se viajarmos a uma velocidade suportável de 40.000 km/hora, chegaríamos ao planeta Kepler-186f em aproximadamente 13,5 milhões de anos, tempo calculado por técnicos astrônomos! — disse o professor escrevendo os cálculos no quadro branco da sala de aula:

— Antes dos cálculos quero esclarecer o seguinte: — disse o professor. — Um ano corresponde ao intervalo aproximado de tempo que a Terra demora para completar uma volta em torno do Sol. Os anos têm uma duração de 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 48 segundos aproximadamente. Portanto, os cálculos que devemos fazer são os seguintes:

Cálculos

Velocidade que já foi suportada pelo corpo humano = 40 mil km/hora

40 mil km/hora x 24 horas = 960 mil km/dia.

960 mil km/dia x 365,2425 dias = 350,6 milhões km/ano.

— Portanto — disse o professor —, se viajarmos a uma velocidade já suportada pelo corpo humano (40 mil km/hora), em um ano conseguiríamos viajar 350,6 milhões de km. Aplicando este valor na fórmula, teremos:

Distância = Velocidade x Tempo

Tempo = Distância / Velocidade

Tempo = 4,7 quatrilhões de km / 350,6 milhões de km/ano

Tempo = 13,4 milhões de anos aproximadamente.

— Ou seja — disse o professor concluindo o assunto —, levaríamos 13,4 milhões de anos para chegarmos ao planeta Kepler-186f, que está a 4,7 quatrilhões de quilômetros distante da Terra. Portanto, se vocês, por acaso, estão pensando em visitar este novo planeta descoberto recentemente, podem perder as esperanças, pois vocês teriam que viver 13,4 milhões de anos para essa visita acontecer! — disse o professor aniquilando por completo o sonho que Luan tinha de algum dia se tornar um famoso astronauta, para poder viajar e conhecer um outro planeta distante e parecido com o da Terra.

Nisso, tocou a sirene da escola anunciando o término da aula.

Luan colocou os livros e o caderno dentro da mochila e rumou direto para casa. Entrando em casa, deparou-se com Sara e o Dr. Eliseu na sala conversando um assunto que, em parte, tinha algo a ver com a aula que o rapaz havia assistido hoje. E Luan, gostando do assunto que eles estavam conversando, aproximou-se e os cumprimentou, pediu licença para escutar e participar daquela conversa e sentou-se no sofá ao lado de Sara.

Sara olhou para Luan e, sorrindo, perguntou:

— Você é tão jovem, meu filho! Se interessou por esse assunto por quê?

— Porque hoje eu tive uma aula de física e o meu professor disse, nos provando com cálculos matemáticos, que era impossível um homem chegar a um outro planeta civilizado em condições parecidas com as nossas aqui do planeta Terra, em menos de 13,4 milhões de anos, ou seja, teríamos que viajar durante todo esse tempo para alcançarmos um outro planeta habitável!

— Mas acontece — retrucou Eliseu —, que talvez o seu professor não saiba que, querendo ele ou não, o homem viajou e aqui chegou não se sabe como! Mas que ele chegou, ele chegou [...]

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Fernando Luiz dos Santos Chaves: O livro se encontra a venda nas seguintes livrarias: PlayGoogle, Fnac, Livraria Cultura, Bertrand, Apple, Amazon, Simplíssimo, Top leituras.com, Kobo e muitas outras livrarias a disposição no Google.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Fernando Luiz dos Santos Chaves: Sim! Já estou escrevendo mas ainda não tem um título.

Perguntas rápidas:

Um livro: Iracema

Um (a) autor (a): José de Alencar

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: O planeta dos macacos.

Um dia especial: Ainda está por vir.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Fernando Luiz dos Santos Chaves: Sim! Desejo uma boa leitura para todos.



ENTREVISTA COM O ESCRITOR JEAN CARLOS VIEIRA SANTOS

POR ADEMIR PASCALE



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Jean Carlos Vieira Santos: Essa descoberta ocorreu no seio acadêmico, com influência direta dos professores/pesquisadores do curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A importância da autoria e das publicações era sempre ressaltada na instituição, ao considerar que as produções escritas são literaturas que nutrem o processo de criação de novos trabalhos e projetos científicos. Tal realidade me encorajou a pesquisar e escrever, sempre ciente da enorme responsabilidade e do compromisso com a sociedade e todos os segmentos.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Vidas Oleiras – uma viagem pela tradição e arte”. Poderia comentar?

Jean Carlos Vieira Santos: Trata-se de um livro sobre a memória do trabalho artesanal de municípios mineiros e goianos na bacia hidrográfica do Rio Paranaíba, em que proponho uma viagem pela tradição e arte de vidas oleiras do cerrado. Nesse ambiente rico em história, há um cenário geográfico marcado por relações de trabalho familiar que radicam o sujeito histórico na cultura oleira. Investigar tal realidade leva ao reconhecimento da criatividade dos referidos trabalhadores na esfera cultural cerradeira, reveladora do talento e da aptidão em transformar o barro em produtos para a construção civil, o uso doméstico e até mesmo a atividade turística. Penso que o maior relevo do livro é não deixar lacunas históricas e culturais de uma geração de oleiros paranaibanos extremamente rica.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Jean Carlos Vieira Santos: Os primeiros contatos científicos com o modo de vida oleiro ocorreram durante a investigação de doutorado apresentada ao Instituto de Geografia da UFU, de 2007 a 2010. Tal envolvimento com a arte e a cultura oleira teve sequência nas pesquisas desenvolvidas na Universidade Estadual de Goiás (UEG), entre 2011 e 2020,

com entrevistas para ouvir as histórias de antigos oleiros mineiros e goianos. Entretanto, de 2014 a 2015, com o propósito de aprofundar os conhecimentos sobre a olaria, realizei o curso de pós-doutorado em Turismo na Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, em Portugal, concluído com a pesquisa “Arte Oleira, um patrimônio cultural a preservar nos destinos turísticos do Algarve e Alentejo” – essa experiência internacional foi fundamental para o avanço das leituras e da escrita sobre o tema. Vale ressaltar que todos os estudos citados constituem um caminho essencial para chegar à publicação do livro em 2021.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Jean Carlos Vieira Santos: De maneira geral, foi um trabalho prazeroso que me proporcionou conhecimentos extraordinários. No entanto, considero o segundo capítulo especial, pois deixa uma forte marca centrada completamente na figura dos irmãos Pacífico e Elviro, das irmãs Maria Luíza e Erondina e de seus familiares que contribuíram sobremaneira com a arte oleira do Vale do Paranaíba no século XX. Essa seção do livro mostra que o vocábulo “olaria” remete a sentimentos que traduzem um modo de ser, uma identidade, uma saudade, elementos estruturantes do sujeito enquanto ser oleiro que se propôs a residir, a produzir artesanalmente e a viajar por diferentes paisagens do cerrado.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Jean Carlos Vieira Santos: A All Print Editora comercializa o livro em seu site e no de outras livrarias, além de ser responsável pela inserção do trabalho em bienais e feiras. Para conhecer o meu trabalho, o leitor pode acessar o Currículo Lattes, no qual está registrada a minha trajetória profissional acadêmica: <http://lattes.cnpq.br/7542926208646393>.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Jean Carlos Vieira Santos: Não tenho nada definido e planejado. Tenho ideias, mas irão depender dos resultados das pesquisas em desenvolvimento nos cursos de mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER/UEG/Anápolis) e mestrado em Geografia (PPGEO) da UEG – *Campus* Cora Coralina. Como o foco principal de tais programas é o cerrado, o próximo trabalho provavelmente irá englobar a referida temática e o turismo, visto que as investigações caminham a partir dessa categoria teórico-metodológica.

Perguntas rápidas:

Um livro: *A Viagem: caminho e experiência* (Luiz Gonzaga Godói Trigo).

Um (a) autor (a): O Geógrafo Aziz Nacib Ab'Saber.

Um cantor ou cantora: Paula Toller.

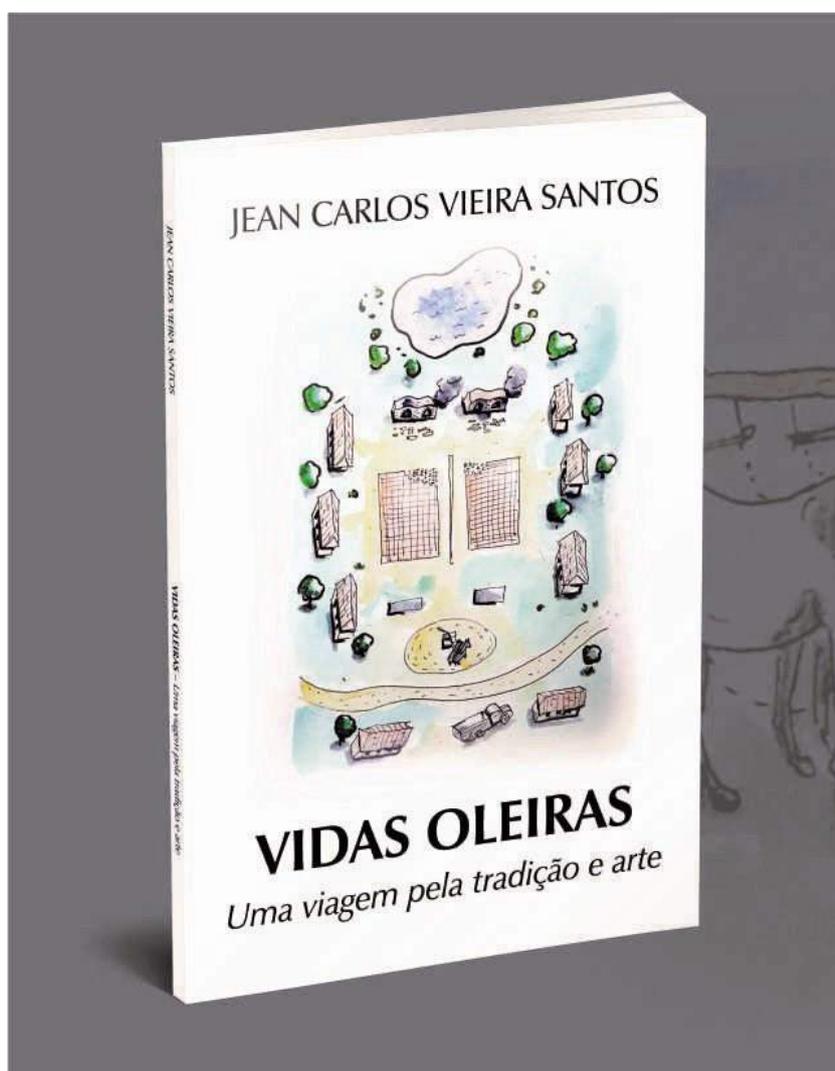
Um filme: Central do Brasil (Walter Salles).

Um dia especial: Penso que é difícil escolher apenas um dia marcante, pois tenho vários momentos com a minha família, as viagens e a trajetória profissional. Mesmo diante de várias possibilidades, considero que hoje, nesta entrevista para a Revista Conexão Literatura e com a divulgação do livro “Vidas Oleiras – uma viagem pela tradição e arte”, é também um dia especial.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Jean Carlos Vieira Santos: Quero expressar meus sinceros agradecimentos à Revista Conexão Literatura, por me ter facultado o acesso a esse espaço de comunicação que considero uma valiosa componente de divulgação do meu trabalho. De fato, isso me encoraja a seguir pelos caminhos da pesquisa e escrita.

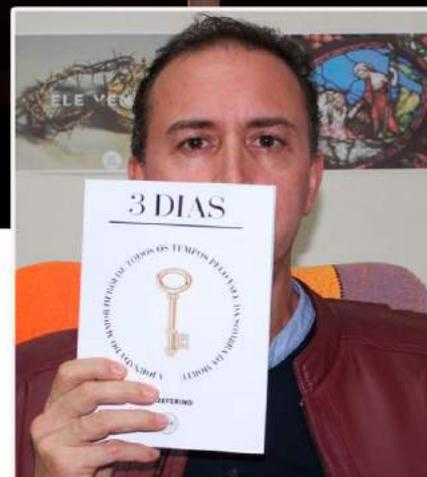
Para adquirir o livro: <https://www.allprinteditora.com.br/vidas-oleiras-uma-viagem-pela-tradicao-e-arte>



ENTREVISTA COM O ESCRITOR

J. C. ZEFERINO

POR ADEMIR PASCALE



Começou a ser alfabetizado em casa pelo pai, **João Zeferino** aos quatro anos e meio. Sua paixão pelas histórias começou pelos quadrinhos depois pelos livros de Júlio Verne. Os aviões eram e são até hoje máquinas fantásticas que o autor ama. Diz a lenda que falou a palavra avião antes de papai e mamãe.

Com gênio inventivo e curiosidade sem limites, estudou eletrônica e mexeu muito com computadores. Só conseguiu extravasar sua criatividade em profundidade, escrevendo e filmando, livros como Nirvana Viagem ao Centro da Alma, Zizz e a Mulher em Pó e filmes como A Bailarina e Esperança a Última Estrela.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

J. C. Zeferino: Comecei participando de concursos, fazendo cursos de redação, escrevendo para jornais. Como comecei a ganhar prêmios interessantes como uma viagem para Londres, isso me motivou a escrever ainda mais e melhor.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "3 Dias". Poderia comentar?

J. C. Zeferino: 3 Dias foi um grande desafio para mim, pois se trata de um livro que conta uma história “jamais escrita” sobre uma das partes mais importantes da história de Jesus Cristo. Fui amando esse ser iluminado cada vez mais a medida que estudava sua vida e isso me transformou.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

J. C. Zeferino: Desde o “início” até a conclusão do livro foram dez anos. Fui muito resistente em escrever este livro pois achava que por não ser um religioso convencional eu conseguiria escrevê-lo. Só depois percebi que justo por isso, por ter essa liberdade dogmática eu poderia escrevê-lo como ele é.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

J. C. Zeferino: Sim, a história leva a uma reflexão e renovação na esperança do que Jesus fez por nós. Foi muito além do que muitos imaginam a lembrar de Jesus. Um pequeno trecho que gosto muito: “(...) Passado algum tempo, Jesus abre os olhos após sua oração para ver o mesmo cenário, um deserto de gelo a perder de vista e a sensação de queimar os seus ossos castigando o seu ser. Sede e cansaço pareciam ser seus únicos companheiros. Nisto, novamente, um vento maligno moveu o gelo cortante sob seus pés e Lúcifer reapareceu:

- Não compreendestes ainda que foste abandonado, tal qual eu fui? Doravante teu Pai não te envia para a Terra para ensinar aos homens a amarem-se uns aos outros? E o que te fizeram? Crucificaram-te! (...)

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

J. C. Zeferino: Podem comprar um exemplar (tenho uma quantidade realmente limitada a algumas dezenas) diretamente comigo, pagando por PIX no email: jczefir@yahoo.com.br enviando o comprovante e eu enviarei um exemplar autografado diretamente para a sua casa. Valor com Frete grátis para todo o Brasil R\$50,00. (48) 996744176 somente Whatsapp

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

J. C. Zeferino: Sim, a continuação do Nirvana Viagem ao Centro da Alma e de Zizz e a Mulher em Pó e alguns livros de contos.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Guia do Mochileiro das Galáxias

Um (a) autor (a): Júlio Verne

Um ator ou atriz: Zoe Saldanha

Um filme: Star Wars

Um dia especial: Meu nascimento

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

J. C. Zeferino: Acredite em seus sonhos, planeje e vá conquistá-lo, não importa quantos digam que você não poderá conseguir. Você tem o poder de incontáveis vencedores de sua família em seus gens. Acredite mais em si mesma(o)!



Valor especial
de Pré Lançamento
R \$ 5 0 , 0 0

Chave pix:
jczefir@yahoo.com.br

Frete grátis
para todo Brasil

3 DIAS

MELHOR HERÓI DE TODOS OS TEMPOS PELO FLE DA SOMBRA DA MORTE
A JORNADA DO

J.C. ZEFERINO

Enviar **comprovante**
do pix e **endereço**
por **Whatsapp**

(48) 99674-4176

Aproveite,
tiragem limitada

ENTREVISTA COM O ESCRITOR JORGE CLAUDIO RIBEIRO

POR ADEMIR PASCALE



Jorge Claudio Ribeiro é professor, escritor, editor e jornalista. Nasceu em 1949, carioca, casado, três filhos. Formado em Filosofia, Jornalismo, Teologia, Educação e Antropologia. Lecionou 45 anos na PUC-SP, sendo Livre-docente e Titular em Ciência da Religião. Atuou nos jornais Porandubas, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. Autor de dez livros, tanto acadêmicos – “A festa do povo, pedagogia de resistência”; “Sempre Alerta” (jornalismo); “Religiosidade jovem” – como romances: “Ela me tira pra dançar”; “O assassinato do jornalista suicida”. Fundou a editora Olho d’Água, desativada em 2019, tendo publicado 150 obras em ciências humanas.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Jorge Claudio Ribeiro: Sempre li muito. Nas férias, meu avô me olhava a dar risada sozinho, imerso num livro, e profetizou: “Esse menino vai ser escritor”. Mais tarde, durante minha estada de sete anos no seminário jesuíta, escrevi centenas de cartas e poemas dirigidos a minha mãe, a amigos e (sobretudo) amigas. Após deixar o seminário, em 1976, como uma retomada do período anterior, estreei com “A Véspera do Milagre” (Ed. Loyola), reunindo 16 contos de fundo bíblico, mas com uma pegada antropológica. Desde então vieram mais nove livros, acadêmicos e literários. Mais adiante, trabalhei na Editora FTD e fundei a Olho d’Água.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "O assassinato do jornalista suicida". Poderia comentar?

Jorge Claudio Ribeiro: em 1994, defendi meu doutorado em Antropologia pela PUC-SP intitulado “Sempre Alerta – condições e contradições do trabalho jornalístico”, meu “Opus Magnum”. O trabalho – que chamei de “repor-tese” (*uma reportagem que virou tese, e vice-versa*) virou livro e teve muito boa receptividade: a primeira edição se esgotou em um mês. Desde então senti que essa “laranja” poderia ser espremida mais um pouco, já que eu tinha reunido mais material do que o apresentado na tese. Eu tinha feito entrevistas e

escrito valioso diário relatando detalhes do trabalho nas redações da *Folha* e do *Estado*. Dar um formato de ficção foi a melhor forma que encontrei de esgotar o suco da outra metade da laranja.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Jorge Claudio Ribeiro: Então... a pesquisa para a tese de doutorado levou nove anos e, quando decidi fazer o romance, a coleta já estava pronta. Senti que estava pronto para esse desafio quando, ao longo de minhas caminhadas diárias até a Olho d'Água, vinham-me à mente diálogos, personagens. “Preciso redigir isso”, eu me dizia. E assim, fiz. A escrita da primeira versão do livro, propriamente dito, durou oito meses. Daí veio mais um ano de revisões, acréscimos, envio para várias editoras, participação de concursos.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Jorge Claudio Ribeiro: Sem dar *spoiler*, houve várias cenas. Quando o personagem Loro espia por dentro do vestido de Halina, a viúva do jornalista suicida, e se encanta com o panorama que ela discretamente lhe exhibe. O cumprimento trocado entre Loro e o Velho, dono do jornal *O Liberal*, e que deixou o redator profundamente emocionado. O registro indignado, em seu diário, das duas demissões que Loro sofreu nos jornais. A última página/capítulo, em que...

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Jorge Claudio Ribeiro: O leitor pode adquirir de três formas. Buscar nos sites da Submarino, Magalu, Lojas Americanas, Carrefour, Mercado livre, Google Books. Na Amazon:

1- Livro impresso- R\$39,00 (+ correios)

https://www.amazon.com.br/Assassinato-do-Jornalista-Suicida/dp/6586180805/ref=sr_1_2?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=o+assassinato+do+jornalista+suicida&qid=1623696915&s=books&sr=1-2

2- E-book (tem um capítulo de brinde) - R\$21,00

https://www.amazon.com.br/Assassinato-do-Jornalista-Suicida-ebook/dp/B0964DQ553/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=O+Assassinato+do+Jornalista+Suicida&qid=1622826435&s=digital-text&sr=1-1

3- Caso se interesse por adquirir seu exemplar com **dedicatória e autógrafo**, o leitor deposita R\$ 47,00 (livro + correio) no PIX (CPF: 375.658.007/59), ou na conta do autor (Itaú, ag 4091 cc 05189-8), informando o próprio endereço completo (via e-mail: jorgeclaudio@olhodagua.com.br).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Jorge Claudio Ribeiro: Neste momento escrevo episódios semanais da série “Filosofia Miúda”, de podcasts, em colaboração com a Radio Migrantes (radiomigrantes.net/multimedia/podcasts). Além disso escrevo contos e poemas, enquanto aqueço os neurônios que vão provocar a fagulha para o próximo romance.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Grande Sertão: Veredas”

Um (a) autor (a): Homero

Um ator ou atriz: Lima Duarte, Audrey Hepburn

Um filme: “Asas do Desejo”

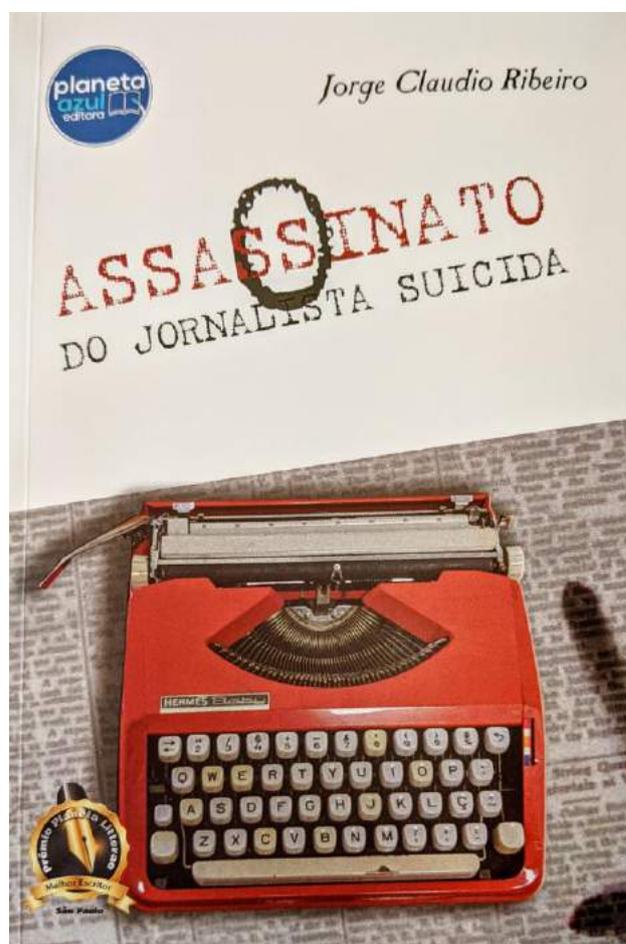
Um dia especial: sempre que nos amamos

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Jorge Claudio Ribeiro: Quero destacar o trabalho da editora Zélia Guerra, da Planeta Azul Editora, do Rio de Janeiro. Corajosamente, ela lançou o concurso *Planeta Litterae*, que contemplaria 26 autores, um por cada estado brasileiro. Apesar de carioca, moro há mais de 50 anos em São Paulo e concorri com outros 54 candidatos desse estado. Fui escolhido, eis-me aqui.

Embora ambientado em 1987, “*O Assassinato do Jornalista Suicida*” trata de questões atuais, que devem interessar a todo tipo de leitor. São abordados os embates da imprensa com a ditadura, a construção da democracia brasileira, amores num contexto de epidemia (no caso, a Aids), identidades de gênero, o trabalho romântico numa indústria de notícias.

Espero que tenha boa acolhida, as avaliações de quem já leu são animadoras.



ENTREVISTA COM O ESCRITOR PAULO CESAR AQUINO

POR ADEMIR PASCALE



Paulo Cesar Aquino é paulistano da Moóca, casado e tem 65 anos. Bacharel em Sociologia, tem licenciatura plena para lecionar em Ciências e Estudos Sociais. É graduado em Administração de Empresas e pós-graduado em Marketing e Negociações Internacionais. Trabalhou como principal executivo em importantes companhia no Brasil e no exterior. Atualmente dedica-se à profissão de escritor com 17 títulos editados, sendo seis técnicos, duas novelas e nove contos. Venha para o Meu Mundo, a ser lançado em julho/ 2021 é seu 18º livro, sendo o décimo de contos.

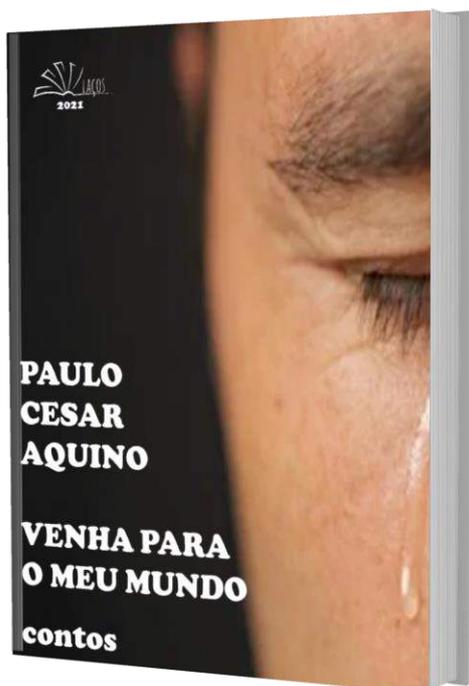
Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Paulo Cesar Aquino: Meu contato com a literatura veio desde a infância, pois sempre adorei ler qualquer tipo de literatura, não importando o estilo, porém minhas preferências são crônicas e contos. Quando comecei a escrever me orientei pelo fato de que, se o livro fosse como uma luta de boxe, num romance você vence por pontos, ao passo que, em um conto, você tem que vencer por nocaute.

Conexão Literatura: Você é autor dos livros "Venha para o meu mundo"; "Dramas causados por deduções baseadas em nada"; "Mania de ser humano"; "Zunmira e outros contos", entre outros. Poderia comentar?

Paulo Cesar Aquino: Os livros citados fazem parte de um processo de aprendizado que começou alguns livros antes. Mania de Ser Humano é temático e navega pelas diversas manias que os seres humanos têm, onde para cada mania existe um conto para descrevê-la. Zunmira é um livro de contos já situado no “meu mundo” que e a cidade de Ponta Parda, cujo foco principal são situações vividas em uma cidade, vistas sob o ponto de vista de uma abelha. Dramas Causados por Deduções Baseadas em Nada é uma novela que faz uma análise sobre as consequências trazidas pela aplicação de medidas, algumas bem fortes, cuja base para a tomada das decisões foi absolutamente nada, como muitas vezes ocorre na realidade; puro achismo. Venha Para o Meu Mundo trata de um tema



sobre o qual eu me dedico muito: relações interrompidas. Os laços, quando se desfazem, muitas vezes não podem ser reatados e o final da estória, nem sempre, é feliz.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu novo livro “Venha para o meu mundo”?

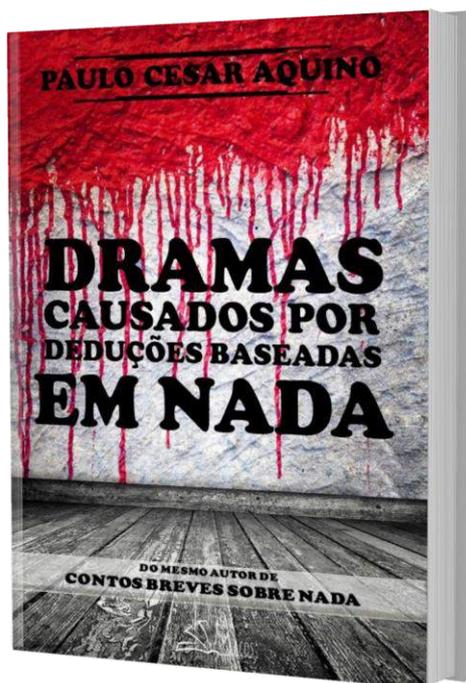
Paulo Cesar Aquino: Todos os meus livros, e este não é exceção, tratam de pessoas comuns, vivendo situações cotidianas. Eu sempre fui muito observador da natureza humana e tento enxergar os fatos com os olhos dos atores da situação

para entender exatamente o que os motivou a fazerem o que fizeram. Os contos, embora não se desenrolem todos em Ponta Preta, não deixam de ser contos, mas se assemelham muito à vida ao nosso redor. É quase um choque de realidade surreal. Meu tempo de produção, não só para este, mas para todos, é sempre pequeno, pois escrevo rápido. A elocubração para começar a fazê-los é que levou minha vida toda.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Paulo Cesar Aquino: “Já haviam me dito que, certas pessoas possuem uma aura que emite tanta luz, que seu brilho chega a ofuscar os outros e que esses, uma vez ofuscados, não conseguem enxergar, nem entender direito, o que está acontecendo. Dessa forma, muitas vezes, as pessoas que têm essa aura, são mal interpretadas, exatamente porque fazem tudo às claras. Parece um paradoxo, mas não é. Muita luz, às vezes, não torna as coisas claras, apenas confunde mais e dá falsas impressões, como a miragem de avistar água no deserto, causada pela luz do Sol no viajante sedento”.





Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Paulo Cesar Aquino: Para adquirir meus livros, basta acessar www.bazarfabuloso.com.br Para saber mais sobre mim, basta ler os primeiros livros de contos, Contos Breves Sobre Nada e Nada a Ver, pois eles são autobiográficos. Se quiser falar comigo o what's app é 011 971529787.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Paulo Cesar Aquino: Sim; pretendo iniciar uma novela que terá como fundo ocorrências passadas na cidade de Ponta Parda. Será uma estória de realismo completamente surreal.

Perguntas rápidas:

Um livro: Demian – Hermann Hesse

Um (a) autor (a): Anton Pavlovitch Tchecov

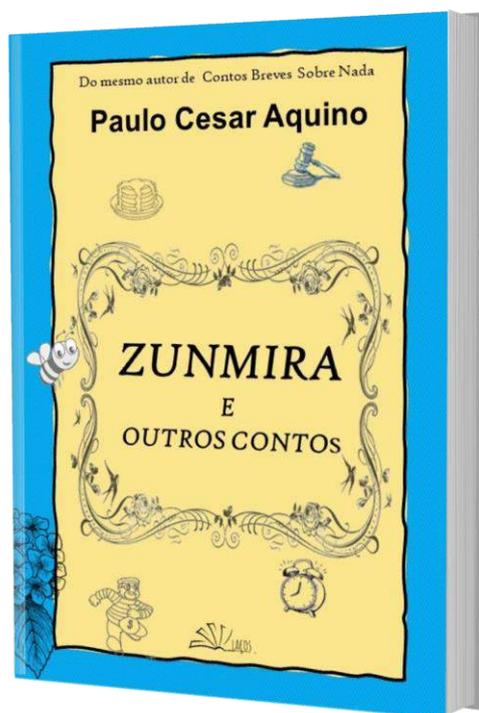
Um ator ou atriz: Vicentini Gomez

Um filme: Re-cycle, dos irmãos Danny e Oxide Pang

Um dia especial: O nascimento do meu filho, Bruno.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Paulo Cesar Aquino: Gostaria de dar parabéns a todos que apoiam os trabalhos literários. Para mim, escrever é como um ato de realização pois, os momentos que estou escrevendo são os únicos em que me sinto verdadeiramente livre. Que os livros continuem sendo nossas verdadeiras “janelas”.



ENTREVISTA COM O ESCRITOR

ROBERTO SCHIMA

POR SHIRLEI PINHEIRO



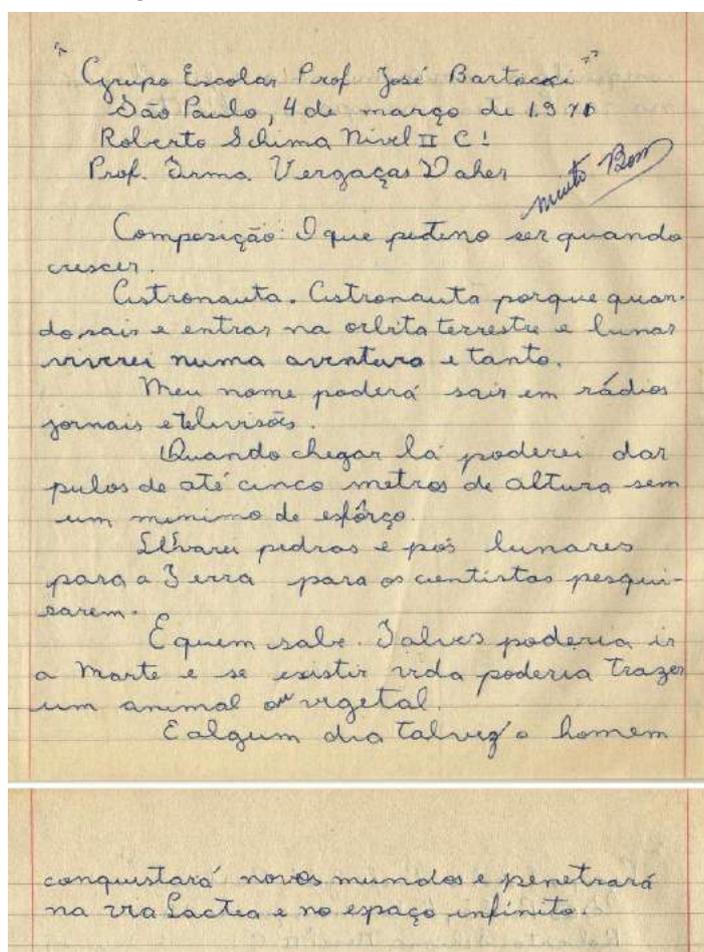
Nascido em 01/02/1960 na cidade de São Paulo/SP. Escreve contos, poemas e crônicas. Ilustrador de fanzines nos anos 90. Vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela extinta "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio". Escreveu os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos), entre outros. Autor do conto "Abismo do Tempo", um dos vencedores do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista "Conexão Literatura" e publicado em sua edição nº 37, de Julho de 2018, a partir do que tornou-se um colaborador regular da revista.

Entrevista

Quando e como foi seu início na literatura?

Roberto Schima: Em 04 de março de 1971, aos dez anos, tive que escrever uma redação para a escola – na época chamava-se “composição” – cujo tema era: “O que pretendo ser quando crescer”. Uma baita responsabilidade para uma criança sem dúvida. Fascinado pelo clima da “Conquista do Espaço” e de seriados como “Jornada nas Estrelas”, coloquei no papel: astronauta “... porque quando sair e entrar na órbita terrestre e lunar viverei numa aventura e tanto...” Bem, isso jamais aconteceu, mas eu tirei um “Muito Bom” da professora Irma Vergaças Daher e para sempre vivi no mundo da lua. Por volta dos onze anos, ganhei uma agenda daquelas que os bancos antigamente costumavam distribuir aos clientes ou funcionários nos finais de ano. Nela, passei a anotar de tudo um pouco: horário de aulas, algum desenho, resultado de um jogo de baralho etc. Embora jovem, já via na escrita algo de mágico, uma maneira de perpetuar as ideias, de prender os pensamentos, memórias, banalidades e coisas importantes. Esse tipo de reflexão acompanhou-me a vida toda. Na adolescência eu gostava de trocar correspondências. Anotava acontecimentos do dia-a-dia ou algum pensamento. Inventava histórias. Eventualmente, no início dos anos 80, acalentei o desejo de ter um livro publicado, estimulado pelas leituras de livros como “Os Frutos Dourados do Sol” e “As Crônicas Marcianas”, de Ray Bradbury. Eu conhecera o trabalho do escritor ainda garoto, ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto “O Lago”, desenhada por Joe Orlando. Admirara a mistura de lirismo, fantasia e nostalgia de suas narrativas. Na segunda metade da década, travei contato com o Sr. João Francisco dos Santos, o qual publicara o seu

livro de poemas de forma independente. Isso fortaleceu em mim a ideia de ter meu próprio livro em mãos. Provavelmente através de um correspondente, tomei conhecimento da editora Scortecci e, através dela, publiquei a coletânea “Pequenas Portas do Eu” em 1987, reunindo dez contos. Pouco tempo depois, através de um panfleto afixado em um sebo, soube da existência do “Clube de Leitores de Ficção Científica” (CLFC), idealizado por Roberto César do Nascimento, que reunia admiradores do gênero e editava o fanzine “Somnium”. Neste, dei continuidade ao exercício da escrita, dando vazão através dos contos ao sonho infantil de viajar pelo espaço. Em 1990, tive a felicidade de ser contemplado com o “Prêmio Jerônimo Monteiro”, promovido pela “Isaac Asimov Magazine” (Ed. Record), pela história “Como a Neve de Maio”, publicada em seu nº 12. Em 1993, participei da antologia “Tríplice Universo” (Ed. GRD) com a noveleta “Os Fantasmas de Vênus”. Após isso houve um longo hiato. Então, a vontade de lançar novamente um livro começou a formigar e, felizmente – graças aos avanços na informática e o surgimento da Internet -, acabei conhecendo a agBook e o Clube de Autores. Assim, reunindo ou remodelando velhas histórias, em 2013 lancei a antologia “Limbographia” e, no ano seguinte, o romance “O Olhar de Hirosaki”. Em meados de 2018, através de uma postagem no Facebook, fiquei ciente de um concurso de contos com o tema “Os Viajantes do Tempo”, promovido pela revista digital “Conexão Literatura” (<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/>), editada por Ademir Pascale. Meu ânimo para escrever fenecera fazia mais de vinte anos, mas eu tinha uma história engavetada que poderia adequar-se ao concurso e, após uns ajustes, enviei-a, afinal, o que tinha a perder? Foi uma surpresa maravilhosa quando, um mês depois, tive a notícia de ter sido contemplado. Isso representou um estímulo enorme e, a partir de então, retornei à escrita. Meu conto, “Abismo do Tempo”, foi publicado no nº 37 da revista e, desde então, colaboro com ela regularmente. Ufa! Perdoem-me. Minha resposta foi muito além da pergunta. Mas é um defeito meu: escrever demais da conta...



De onde busca a inspiração para seus textos?

Roberto Schima: Qualquer coisa pode servir de inspiração para um conto. Não sei se posso dizer que é algo premeditado. Não levanto pensando algo como: hoje vou procurar

um assunto que me motive a compor um texto. As musas não operam assim. Para compor “*Como a Neve de Maio*”, por exemplo, lembrei-me do romance de ficção científica “*A Noite dos Tempos*”, de René Barjavel, cuja leitura apreciara, seja por ser ambientado na Antártida (sempre fui atraído pelo continente gelado), seja por tratar de um amor impossível. “*Abismo do Tempo*” surgiu com base em um desenho que eu fizera havia mais de vinte anos. Ele mostrava uma mulher em pranto, tendo ao fundo uma nave que partia para as estrelas. Um dia, olhei para ele e pensei na dor da despedida, no mergulho da nave no desconhecido. Indaguei-me quem estaria a bordo da nave e o que essa pessoa reencontraria ao retornar. Nesse contexto, surgiu o conto. Aliás, esse é um ótimo exercício: observamos uma imagem que nos agrada e aguardar para ver o que ela nos diz, buscar uma história que a retrate. Às vezes, assistindo a algum vídeo isso também pode acontecer. Ou alguma reflexão de momento. A inspiração surge das coisas mais corriqueiras. Se atentarmos para uma abelha em sua luta diária e infatigável, sua vida e a da colmeia daria um épico. Certa feita, avistei uma abelha moribunda em meu quintal. Penalizado, coloquei-a sobre uma flor no jardim. Imediatamente, ela tentou obter o néctar. Mesmo morrendo, não deixou de cumprir o seu dever. Achei isso admirável e levou-me a refletir. Anos depois, compus a noveleta “*A Solidão de uma Rainha*”. Por outro lado, nunca fui um autor produtivo, todavia, ao começar a participar de antologias a partir de fins de 2019, vi-me pressionado a escrever com base em temas pré-determinados, limitações de caracteres e prazos a cumprir. Comecei a usar isso como um exercício literário, disciplinando-me a seguir uma certa rotina para atingir um determinado objetivo.

Na sua opinião o que falta para a cultura no país?

Roberto Schima: Talvez o que mais falte seja o hábito, a vontade e a capacidade de enxergar o quão importante é a cultura tanto para o crescimento individual quanto – e especialmente – para a formação da nação enquanto um todo e reagir contra isso. Há uma frase atribuída à Isaac Asimov que diz o seguinte: “*Se o conhecimento pode criar problemas, não é através da ignorância que podemos solucioná-los*”. Um eficiente sistema de ensino é o alicerce fundamental para qualquer nação. Exemplos comparativos disso não faltam. Quanto os governos dos países desenvolvidos investem na instrução de seu povo? Quanto isso é feito por aqui? Como são tratados os professores em ambos os casos? E os investimentos na Ciência? Quais os estímulos para se manter as melhores mentes dentro do próprio país? Não é preocupante que o Brasil seja apontado entre as nações mais ignorantes do mundo? O incêndio ocorrido em 2018 nas dependências do Museu Nacional no Rio de Janeiro, além da catástrofe em si, simbolizou a forma como a cultura não vinculada a interesses políticos é tratada no Brasil, ou melhor, não é cuidada. Foi de uma nação sem memória para uma nação lobotomizada. Além disso, há a questão da carência de programações adequadas na televisão que estimulem o gosto pelo saber em vez de saturar com banalidades. Fico imaginando quão diferente seria, por exemplo, se uma emissora como a TV Cultura (SP) fosse tomada como modelo e houvesse uma preocupação genuína das demais emissoras em enriquecer e acrescentar, em vez de priorizar a audiência sem se importar com o que fosse ao ar. Mas, é claro, muito também depende de cada um de nós, do desejo em querer aprender e aprimorar-se. Fala-se muito,

por exemplo, no quanto os livros são caros. Ora, isso não é desculpa para não ler, ainda mais agora, com todas as facilidades disponibilizadas pela tecnologia e pela Internet. Nunca o acesso a informação esteve tão disponível às pessoas. Livros digitais podem ser obtidos gratuitamente ou a preços acessíveis e serem lidos em *smartphones*. Ademais, há muito tempo, os livros físicos podem ser adquiridos mais em conta através dos “sebos”. Existem *YouTubers* capacitados, dispostos a compartilhar suas experiências em áreas diversificadas de conhecimento. (Aulas de Inglês, de Matemática, de Música, de Artesanato, cuidados com as plantas, marcenaria etc.)

Como tem sido sua rotina literária durante a pandemia do Coronavírus?

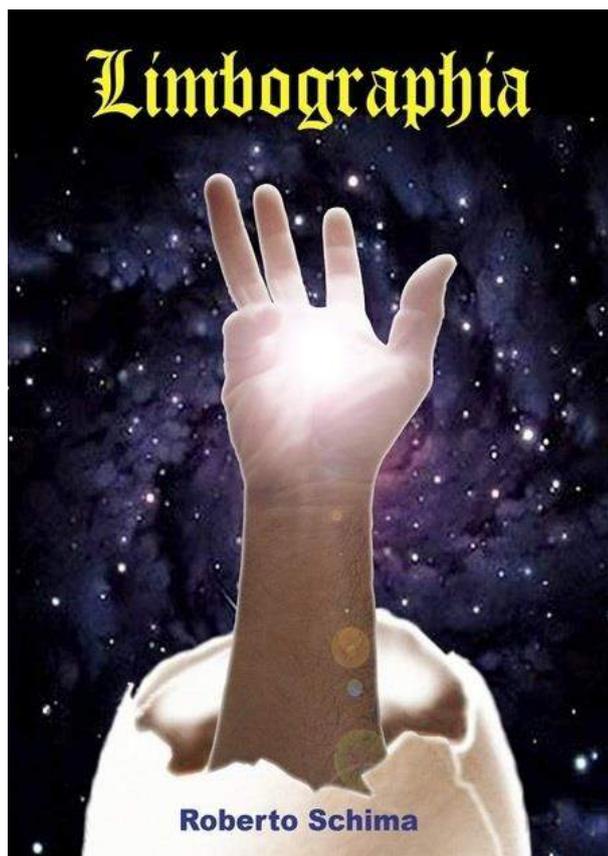
Roberto Schima: Conforme mencionei, em fins de 2019 descobri a possibilidade de participar de antologias. Isso foi providencial, pois logo surgiram as notícias sobre a pandemia. Como me encontro no grupo de risco, procurei manter o isolamento social. Então, posso dizer sem receio de errar que nunca escrevi tantos contos em minha vida como tenho feito nos últimos dezoito meses. Desse modo, minha rotina literária tem se constituído em procurar compor histórias para as antologias que vão surgindo e, também, continuar a colaborar mensalmente com a revista digital “*Conexão Literatura*”. Ocasionalmente, tenho escrito para as revistas digitais “*LiteraLivre*” e “*Projeto AutoEstima*”. Por último, mas não último, é relevante citar o apoio constante de minha esposa, Márcia Cristina Dias Schima, sem a qual nada disso seria possível.

Quais são seus planos para quando a pandemia passar?

Roberto Schima: Sair da toca! Desculpe ser tão lacônico, porém, calculo que seja o anseio de todos nós. Fazer uma boa caminhada sem me preocupar em usar máscara (de preferência, sem ser assaltado) e dar espaço para os olhos, sendo grato por ainda estar aqui e lamentando por aqueles que não tiveram essa oportunidade. Diga-se de passagem, participei de cerca de meia dúzia de antologias que tiveram a pandemia por temática, sendo relevante mencionar a obra “*2020: O Mundo Parou!!*”, publicada no final do ano passado pelo Projeto Apparere, que reuniu duzentos e quarenta e um textos entre contos, poesias, crônicas e artigos em mais de seiscentas páginas, escritos por autores de diferentes formações ou sem formação alguma (entre os quais me incluo), constituindo-se para futuros historiadores uma ótima amostragem do que tem sido esse período.

Quantos livros já escreveu e quantas coletâneas participou?

Roberto Schima: Além do primogênito “*Pequenas Portas do Eu*”, meus principais livros solo são: “*Limbographia*” (contos), “*O Olhar de Hiroasaki*” (romance), “*Sob as Folhas do Ocaso*” (contos) e “*Cinza no Céu*” (contos), todos através do sistema de autopublicação (agBook, Clube de Autores, Amazon, Uiclap). Pelas mesmas plataformas, lancei algumas noveletas em formato de livro de bolso, mas essas histórias podem ser encontradas nos livros acima. Futuramente, pretendo reunir meus contos esparsos em outras antologias solas. Ah, a título de acréscimo e para quem tiver curiosidade, tenho cerca de duas dezenas de



textos disponíveis no Wattpad. Quanto a coletâneas/antologias, das que fui selecionado e já foram publicadas, tomei parte de mais de setenta até o momento. Maiores informações poderão ser obtidas através do Google ou, mais especificamente em:

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

Quando começou com os desenhos?

Roberto Schima: O gosto pelo desenho iniciou-se na infância, tomando por base os desenhos animados, gibis e seriados. Fui um garoto que amava os monstros, fossem sobrenaturais ou o espaço sideral. Morria de medo deles, mas eram meus amigos. Então, desenhei vários deles, conforme os imaginava. Embora tivesse feito um curso por correspondência pelo Instituto Universal Brasileiro e estudado no Liceu de Artes e Ofícios, nunca concluí nenhum dos dois. Sentia dificuldade em me adaptar a regras necessárias ao bom desempenho de um ilustrador, o que é claramente visível em minhas deficiências. Após me associar ao CLFC, passei a contribuir com ilustrações não somente para o “*Somnium*”, mas para outros fanzines, tanto nacionais quanto estrangeiros. Desenhar sempre foi para mim um passatempo, não mais do que isso. Faz décadas que estou parado. Quem se interessar poderá ver alguns exemplos em:

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/2017/06/ilustracoes-de-roberto-schima.html>

Qual mensagem passaria para quem quer iniciar na vida literária?

Roberto Schima: Ler e escrever estão intimamente ligados. Quem gosta de ler, não necessariamente desejará se tornar um escritor, todavia, para quem gosta de escrever, é imprescindível gostar de ler. Ler pelo prazer da leitura, ler para aprender algo, ler para admirar as boas obras, a forma como foram escritas. Grandes livros têm muito a nos ensinar. Confesso que, na escola, detestava as aulas de língua portuguesa. Blasfêmia? Não

diria tanto, apenas incongruente em se tratando de alguém que desde a tenra idade gosta de colocar os pensamentos no papel. É um idioma rico, belo, complexo, cujas exceções são a regra e que, desde sempre, nos enlouqueceu. Sempre apanhei e continuarei apanhando. E, sim, odiei as alterações decorrentes da nova ortografia. Até hoje possuo diversas falhas e morrerai tendo. Posso dizer que, hoje, fiz as pazes, embora saia no tapa de vez em quando. Seja como for, em sendo o instrumento de nosso ofício, por assim dizer, é importante estar a par da gramática, procurar errar o menos possível. Para isso, novamente os avanços da informática vieram ajudar, pois, enquanto escrevo, fico conectado à rede e, em caso de dúvida em relação a grafia, a busca de um sinônimo ou pesquisa sobre determinado assunto, vou correndo consultar o São Google. A princípio, escrevo para agradar a mim, se outros gostarem, tanto melhor, mas é o autor que tem que gostar daquilo que está produzindo e do resultado final, pois se ele fez aquilo motivado, com emoção e, no final, for capaz de observar o resultado com orgulho e carinho, o restante será consequência. Escrevo porque gosto de escrever, de observar o desenrolar de pequenos mundos diante dos meus olhos. Ter a liberdade de dar vida e amar um mundo ao qual criou faz bem para a alma. Por mais piegas que seja, minha mensagem é: escreva por amor à escrita.

Perguntas rápidas:

Livro favorito? *“Fernão de Magalhães”*, Stefan Zweig

Filme favorito? *“Em Algum Lugar do Passado”* (*Somewhere in Time*, Jeannot Szwarc, 1980)

Ator ou atriz favoritos? Ricardo Montalban

Autor favorito? Carl Sagan

Roberto Schima: Houve outras entrevistas nas quais respondi a questões similares e, em geral, procurei fornecer respostas diferentes, pois não há exatamente um(a) que seja O(A) favorito(a) e nem seria justo. Várias obras, autores e atores desfrutaram de minha admiração.

Escreva abaixo um trecho de algum livro. Pode ser seu livro.

Roberto Schima: Um trecho que até hoje me é particularmente caro pode ser encontrado na história *“A árvore que queria voar”*, que fez parte do *“Pequenas Portas do Eu”* e foi reproduzido na antologia *“Limbographia”*. Trata-se de uma fábula e nela há uma reflexão de um velho jabuti diante de uma margarida:

... O dia sufocante cedeu lugar à brisa fresca da tarde. A temperatura estava caindo, trazendo o alívio a plantas e animais. Tirugo, recolhendo as patas, pousou seu casco suavemente no chão coberto de musgo castanho-avermelhado, num recanto úmido e sombrio da Lagoa da Meditação. Olhou a sombra de uma pequena margarida, agora mais longa que ela própria. Por um instante, passou-lhe na mente o pensamento de ir devorá-la, mas não o fez: "Que bela e efêmera é a vida", pensou, admirando o miolinho amarelo emoldurado pela coroa de pétalas brancas, agitando-se com o vento. "Com uma simples mordida posso fazê-la desaparecer para sempre, como se jamais houvesse existido. Posso apagá-la para sempre da

lembrança dos que a viram e interromper bruscamente o destino daqueles que a viam e a admirariam. Com uma mordida nada restaria senão um fino talo, mudo e triste, despido de sentido. E, passado alguns dias, esse talo murcharia, secaria e, por fim, desapareceria. O Nada é o derradeiro fim de todas as coisas. De que haveria servido esta pequena flor se sua vida fosse subitamente interrompida? Ainda não teve tempo de deixar descendentes. É jovem e bela, como o é a vida, eternamente revigorada. Há algum tempo atrás, ela teve uma outra flor que a gerou, esta, por sua vez, também e assim sucessivamente, indefinidamente, retrocedendo no tempo e no espaço. Milhares, milhões de gerações, milhões de margaridas, cada qual tendo vivido sua própria vida, cada qual com sua própria história, cada qual encontrando o Nada pelos seus próprios caminhos. Com apenas uma mordida, uma única mordida, posso destruir não somente uma flor, mas milhões de flores, toda uma linhagem que atravessou o corredor infundável do tempo para brotar aqui, neste chão, diante de meus olhos. E, destruindo-a, destruirei também outros milhões de flores que nasceriam nas gerações futuras. Que bela e efêmera é a vida. Que poder assustador existe numa mordida..."

Quem quiser ler a história na íntegra, poderá ir num dos links abaixo:

<https://www.wattpad.com/830481313-a-%C3%A1rvore-que-queria-voar>

https://www.efuturo.com.br/imprime_texto.php?cdPoesia=7172

Concluo esta entrevista agradecendo a Shirlei Pinheiro pela lisonjeira e preciosa oportunidade. Espero que as palavras acima possam trazer algo de positivo aos leitores, pedindo desde já minhas desculpas pelos excessos.

Shirlei Pinheiro:

Contato: shirleipinheiro71@gmail.com

Instagram: [@shirleipinheiro](https://www.instagram.com/shirleipinheiro)

Facebook: Shirlei Pinheiro

Blog: <https://jornalescritoresdaserra.blogspot.com/2021/05/entrevista-com-roberto-schima.html>

OBSERVAÇÃO:

A entrevista supra foi concedida à Shirlei Pinheiro, escritora e criadora do blog "*Jornal Escritores da Serra*", onde foi publicada em 01/05/2021. A ela expressei o meu agradecimento pela autorização de sua reprodução em outro veículo. Agradeço também ao editor da revista "*Conexão Literatura*", Ademir Pascale, pelo presente. Minha justificativa para a inclusão nestas páginas é o desejo de preservar o material em arquivo PDF, haja vista a volatilidade da Internet. E também porque aborda alguns assuntos não mencionados nas entrevistas realizadas nas edições nºs 37, 50 e 60 desta. (R. Schima - 01.07.2021)



Ilustrações de Roberto Schima

ENTREVISTA COM A ESCRITORA SHEYLA BAUM POR ADEMIR PASCALE



Professora, Psicopedagoga especialista em Neuroaprendizagem, Cognição e Psicomotricidade. Acredito, desde sempre, na formação do vínculo afetivo para o sucesso na aprendizagem e na importância das habilidades socioemocionais como mola propulsora da construção de uma boa convivência entre pares, levando a uma melhor formação do ser humano. Com vasta experiência em sala de aula, dediquei-me ao atendimento psicopedagógico escolar, trabalhando com crianças com dificuldades de aprendizagem, entre esses o Transtorno do Espectro Autista. Elaborei e implementei um Projeto de inclusão, já publicado no livro "Coordenador Pedagógico" na Editora Edicon. Sou autora dos livros "Dicionário Amoroso de Valores" e "A Caixinha da Vovó". Autora de artigos didáticos no livro "Entretecendo Saberes" volume 3 e no livro Contribuições da Neurociência para uma Educação integradora.

Entrevista

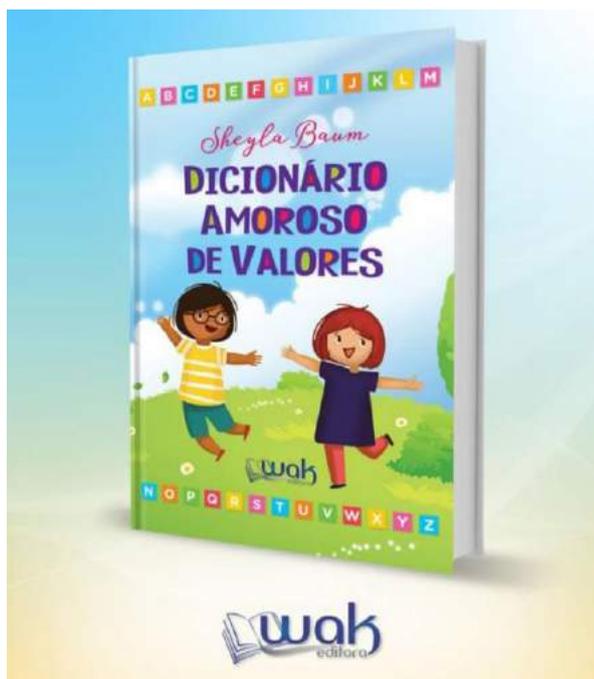
Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Sheyla Baum: Sempre gostei de registrar meu dia a dia na escola, elaborando relatórios detalhados sobre os alunos e repensando a minha prática. Foi assim que surgiu o Dicionário Amoroso de Valores, a partir de um Projeto Valores onde eu apresentei às crianças o que são Valores e a importância de praticá-los. Propus aos alunos um registro dessa atividade e enviei aos pais. Maravilhados com o conteúdo, fiquei inspirada a compartilhar com um maior número de crianças essa aprendizagem.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Dicionário Amoroso de Valores". Poderia comentar?

Sheyla Baum: Na minha segunda pós graduação, apresentei aos meus professores os registros dos meus trabalhos com os alunos. Além dos textos tinha também diversos jogos como a Roda de Conversa e Baralho das Chaves das emoções. Foi então que decidi procurar editora para os meus escritos em parceria com os meus alunos.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?



Sheyla Baum: Posso afirmar que o meu livro leva um pouco dos meus próprios filhos e de todos os meus alunos em 37 anos de trabalho em sala de aula. Uma vida em sala de aula praticando uma Educação com Amor.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Sheyla Baum: “Nossa mãe sempre nos contava lindas histórias. Não seria justo ficar com toda essa riqueza só para nós. Assim, temos a alegria de compartilhar com vocês o Dicionário Amoroso de Valores. Esperamos que todo esse afeto contagie cada um de vocês, leitores, assim como trouxe alegria e paz ao nosso lar. “Rodrigo, Guilherme e Leonardo, meus filhos.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Sheyla Baum: O livro está à venda na Wak editora e estou no Instagram e facebook Educação com amor by Sheyla Baum.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Sheyla Baum: Sempre!!! Sou palestrante sobre Inteligência Emocional e Competências Socioemocionais, tenho um e-book sobre competências socioemocionais e atividades lúdicas. Estou sempre estudando e pesquisando. Iniciei agora um curso sobre Eneagrama infantil e espero contribuir mais com os professores.

Perguntas rápidas:

Um livro: Longe da Árvore

Um (a) autor (a): Paulo Freire

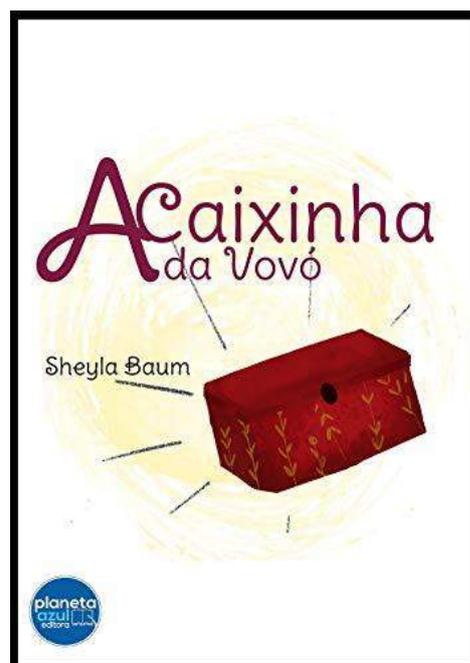
Um ator ou atriz: Bel Kutner

Um filme: Irmão Sol Irmã Lua

Um dia especial: todos os dias com saúde.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Sheyla Baum: Agradecer sempre as possibilidades infinitas que nos são dadas todos os dias e que conseguimos realizar. Perseverança e fé para realizar outros sonhos na hora certa.



CONTO: AUTORAL

POR BERT JR.



Conto

Sua fé naquele desjejum preparado com amor era inabalável. Os anos se sucediam e a pletora de sabores sobre a mesa não diminuía, nem perdia qualidade. No início da vida matrimonial ouvira de vários amigos, em tom de brincadeira, o mesmo alerta, de que os ritos do amor idílico não tardariam a perder o viço, o brilho, a força. Pois bem, não era o que ocorria com ele e Cibeibe, sempre a surpreendê-lo com um café-da-manhã que se fazia não apenas refeição, mas verdadeira cerimônia inaugural do novo dia a ser vivido juntos.

Cibeibe era um doce. Delicada no trato. Amorosa no último. Cuidava de todos os detalhes da casa e da vida doméstica do esposo. Para ela, era muito natural concentrar a sua atenção nele. Não tinham filhos. Achavam que não fazia falta. Além disso, filhos costumavam ter efeito aniquilador sobre o enlevo romântico, algo incogitável para o par. Os dois se completavam e isso enchia as medidas da relação conjugal.

Toda quinta-feira, ele saía do trabalho para ir tomar uma ou duas doses de uísque com os amigos até as 20 horas e 15 minutos, quando invariavelmente se retirava. Não gostava da ideia de descumprir o horário estabelecido para o jantar, servido às 20 horas e 30 minutos em ponto. Cibeibe esperando por ele sozinha em casa, além da hora de chegada, se mantinha como situação puramente hipotética.

Repetiu-se, na quinta-feira, o ritual do uisquinho com os amigos. Falaram de futebol, de economia, de política. Cerca das 20 horas, um deles criticou o comportamento da esposa, que ultimamente andava sem prestar atenção em sua necessidade de atenção. Outro dos amigos teceu crítica semelhante. Lá pelas 20 horas e 10 minutos, ele resolveu dar o seu depoimento sobre Cibeibe, antes que fosse demasiado tarde. Sua mulher era impecável, virtualmente infalível. No início da relação, se surpreendia ao vê-la adivinhar seus pensamentos. Agora, se comprazia mediante a satisfação de seus desejos antes mesmo de se tornarem conscientes para ele. Nos olhares que o cercavam boiava um misto de incredulidade e inveja. Como de hábito, ao levantar-se depositou uma cédula sobre a mesa, em valor que cobria com folga o seu consumo pessoal. Despediu-se e, ao dar de costas, ouviu um dos amigos exclamar, alguns decibéis acima do necessário: “Cibeibe não é deste mundo”.

Chegou em casa em cima da hora de lei. Cibeibe havia cuidado de preparar algo leve para a noite, que não requeresse *maridaje* alcoólico. Às quintas era assim, convinha evitar que ele viesse a sofrer os efeitos de uma saturação etílica, de conhecidos prejuízos à saúde e ao sono. Beijou a esposa e perguntou se a salada não poderia vir com feijão marrom em vez de branco. Cibeibe respondeu que sim, contudo estava segura de haver feito a melhor combinação possível para aquele prato, baseada em receitas consagradas internacionalmente. “Claro, amor, estava apenas brincando. Você sabe como fico depois de duas doses de uísque.” Claro que ela sabia. Por isso mesmo, decidira preparar a salada, acompanhada de chá de camomila gelado, para o jantar.

Despertou no dia seguinte com uma frase indo e vindo, feito pêndulo de borracha a golpear-lhe as têmporas. “Cibeibe não é deste mundo.” O que isso queria dizer? Claro que Cibeibe era deste mundo. De onde mais poderia ser? Porém, quanto mais tentava enterrar a frase na zona pantanosa do cérebro, mais a floravam borbulhas denotando sua sobrevivência. Cibeibe era perfeita. Assim havia declarado, implicitamente, na noite anterior. O amigo, autor da frase, tinha apenas verbalizado a afirmação. A perfeição, porém, era inquietante, despertava suspeitas. Afinal de contas, ninguém é perfeito. Portanto, quem for perfeito não é deste mundo. Mas será que Cibeibe era mesmo perfeita? Talvez não fosse, no contexto de uma relação diferente. Na que viviam, no entanto, ela era.

Durante sua jornada no trabalho, a perfeição de Cibeibe não arredava pé. Mesmo nos casamentos mais estáveis e equilibrados, pensava, as diferenças geram arestas. O amor, segundo dizem, é achar que a companhia do outro vale o trabalho de aparar os espinhos para que não firam o parceiro. Só que, com Cibeibe, não havia o que aparar. Ele não conseguia detectar defeitos nela. Tudo o que ela fazia produzia algum tipo de conforto em seu favor. Então, o que havia para criticar?

No trajeto de volta a casa, enquanto dirigia, um pensamento estranho começou uma manobra para vir estacionar em sua mente. Cibeibe não era, de fato, alguém normal, revestido de peculiaridades e maluquices. Não podia, portanto, ser uma pessoa. Pensando bem, ela não tinha o menor jeito de pessoa. Não falava mal de ninguém, não competia com as amigas, não desgostava da sogra, não reclamava do pastor alemão que ele quis colocar no lugar dos filhos, não reivindicava luxos, enfim, um verdadeiro bombonzinho. Cibeibe, concluiu, não era pessoa, era personagem. Convicto disso, fechou a sexta-feira.

Passou o dia de sábado sem sobressaltos. Saiu com Cibeibe para uma caminhada juntos, num ritmo marcado pelos arroubos juvenis do pastor alemão, que os levava a reboque. Depois, já em casa, ela lhe serviu um suco de manga gelado, enquanto ele via as notícias no celular. À tarde, os dois, risonhos, se refrescaram na piscina. Logo mais, se arrumaram, saíram para jantar, voltaram, transaram, assistiram uma série açucarada no laptop e coincidiram na sonolência. Um sábado perfeito, pensou, segundos antes de adormecer.

O desassossego levou-o a acordar mais cedo do que o normal para um domingo. Acabara de ter um sábado perfeito, lembrou, ao lado de alguém perfeito. Vê-la despertar feliz, sem sombra de mau humor por ter sido acordada cedo num domingo devido aos movimentos inquietos do marido na cama, veio confirmar sua convicção. Sim, Cibeibe era em essência uma personagem, que o seduzia a fazer parte, inconscientemente, de um enredo desconhecido. Sendo personagem, alguém a estava criando. Quem? Com que propósito?

- Quem está escrevendo o seu roteiro, Cibeibe?
- Meu roteiro? Do que você está falando, *bem*?
- Apenas me responda: o que você planeja fazer agora?

— Vou coçar suas costas e te levar para uma ducha juntos, antes de descer e preparar um café-da-manhã especial. Acordar cedo abre espaço para inventar algo diferente, não é?

— Tá vendo? É disso que estou falando. Não é normal. Você não é deste mundo, Cibeibe. O que você pretende comigo? Quem está te guiando?

— Ahhh! Você acha que estou tendo um caso com alguém... Que eu tenho um amante... — falou Cibeibe, enquanto se erguia da cama e prendia o cabelo.

— Não disse isso. Quem está dizendo é você!

— Essa discussão não tem o menor sentido, *bem*. Vou preparar o nosso café.

Desceu as escadas e foi para a cozinha, com ele atrás.

— Seja normal, Cibeibe! Diga alguma coisa que me irrite, faça algo que me tire do sério!

— Mas eu não sei ser assim. Você já devia saber.

— Esse é o problema. Eu, agora, sei que você se comporta assim, como se houvesse um *script*, uma programação. Alguém está escrevendo o seu papel e você só consegue atuar de acordo com ele. Qual a finalidade de me agradar tanto?

— Você viveria com alguém que quisesse ter filhos? Que detestasse a sua mãe? Que vomitasse ao limpar as porcarias do seu cachorro quando você sai para o escritório?

— Até que enfim! Essa, então, é você! A verdadeira Cibeibe...

— Essa é a Cibeibe que não viveria nunca com você. Que te odiaria. É ela que você deseja?

— Sim! Sim, sim, sim, mil vezes sim! Prefiro querer alguém que não me queira, a me relacionar com a personagem de uma história que não me pertence, não me enriquece, não me desafia!

Cibeibe sentiu uma tontura forte, uma náusea profunda, e a repentina ardência do sal nas vistas. Uma tormenta marinha de proporções mitológicas a engolfava, num barco em que só havia ela e o capitão. Um dos dois tinha enlouquecido. Talvez fosse ela...

Ao vê-la agarrar bruscamente a faca de cortar frutas e investir em sua direção com uma determinação assustadora e um brilho mortífero no olhar, ele compreendeu que acabava de escrever o seu próprio fim.

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS transferiu-se para Brasília, a fim de cursar Diplomacia no Instituto Rio Branco. Em sua experiência como diplomata já esteve em diversos países. Escreve poemas e contos, havendo publicado *Fict-Essays* e contos mais leves, seu livro de estreia na ficção, no final de 2020. Também compõe músicas e letras, considerando-se um “violonista amador intermitente”. Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos literários e musicais. Tenciona publicar, em breve, um livro de poesia e um segundo volume de contos.

Revista

PROJETO AUTOESTIMA

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

PORQUE TER AUTOESTIMA FAZ TODA A DIFERENÇA

A Revista Projeto AutoEstima foi criada em maio de 2020 pela publicitária Elenir Alves. As edições da revista são digitais e a periodicidade é mensal, abordando textos sobre incentivo, motivação, autoajuda, gastronomia, cultura, lazer, cinema, beleza, saúde, psicologia, bem estar e muito mais.

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima.

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

100%
ENERGIA

NASCIDA PARA O
BEM ESTAR DOS LEITORES

MOTIVAÇÃO

Venha **conhecer**
a **nossa** revista

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

CONTO: O LOUCO DOS RELÓGIOS PEQUENA NARRATIVA FANTÁSTICA

POR DANIELA S. TEREHOFF MERINO



Conto

Juro, senhores: não estou louco e posso provar! Apenas ouçam minha narrativa até o fim entenderão essa questão do tempo tal como a compreendo hoje e quem sabe até me ajud... Ora, não me julguem ainda. Se eu não controlar essa carroça-relógio, quem fará isso em meu lugar? A felicidade está justamente nisso, meus caros: no controle. O controle do tempo! Mas ninguém percebe essa questão. Se vocês se preocupassem em domar o próprio tempo, minha tarefa seria bem mais fácil. No entanto, percebam: as pessoas não prestam atenção ao que fazem com seus segundos, horas e minutos e com isso os dias delas se passam sem rumo, enquanto os meus se perdem tendo de controlar relógios alheios. Se ao menos eu tivesse algum ajudante ou sucessor, poderia até... Ah! Esperem um minuto, vou acertar este aqui. Só mais alguns segundos... mais alguns... Prontinho! Bem, como eu dizia, tudo começou há exatos 7 anos, 9 meses, 3 dias, 1 hora, 8 minutos e 4 segundos... Agora 5... Agora 6... Agora 7... e assim por diante. Numa época em que eu ainda tinha tempo para tudo, até para ver as estrelas, acreditem! Mas era praticamente um ocioso sem objetivos e não pensava sobre o meu próprio tempo e nem o controlava, o que quer dizer que eu era um grande infeliz, mesmo sem saber. Para a minha sorte, porém, essa infelicidade acabou na tarde em que conheci o “louco dos relógios”.

Naquele tempo eu estava de passagem na casa de uma tia em uma cidade praticamente perdida no tempo e no espaço. Passei 4 dias ali e, estando bastante entediado apenas com os livros, resolvi fazer turismo. Qual não foi minha surpresa ao observar como em toda parte os moradores daquela pequena cidade envolta em neblina repetiam com frequência:

— Se ainda não conhece o louco dos relógios e nem ouviu sua estranha narrativa, está perdendo tempo, meu caro. Você vai rir tanto quando ouvi-lo...

Falavam de modo tão enigmático, ilustrando-o como uma atração turística tão interessante que, impelido pela curiosidade, vesti meu chapéu detetivesco, olhei distraidamente para meu relógio de pulso e, com um livro de narrativas fantásticas debaixo do braço, fui até sua morada.

Chegando lá, espiei seu casebre pela fechadura antes de bater. O homem andava loucamente de um lado para outro, organizando os ponteiros de centenas de relógios de todos os tipos e materiais que se espalhavam por cada canto: pelos degraus, paredes, mesas, lareira, teto e até sobre a cama. Andava afogado em relógios, cada um destes, curiosamente a registrar um horário distinto, em total dissintonia. Olhando pela fechadura, estranhei sua atividade e achei que fosse mesmo um louco tal como diziam e... Ah, um minuto, senhores! Um momento... Pronto. Tudo certo com este aqui também.

Como eu dizia, estava observando a atividade absurda daquele homem e quase perdendo a coragem de bater à sua porta (ah! Mas como eu estava cego então!), quando um espirro me denunciou fazendo com que o louco corresse para me saudar:

— Um visitante! Ora, entre, por favor. Há quanto tempo não vejo ninguém... Chá? Oh! Espere um pouco! — continuou ele, com uma voz ligeiramente rouca, correndo para acertar um ponteiro de um relógio cuco que estava sobre a mesa — Mil perdões, senhor, mas eu me enganei: não há tempo para chás. Mesmo assim, fique uns minutos! O senhor

parece ser diferente... De onde veio? Não, não diga nada. Bem se vê que não é daqui. As pessoas daqui são obtusas, não me compreendem e nem querem auxiliar em minha tarefa árdua com os relógios. O senhor, no entanto, não se parece com essa gente da cidade: suas roupas, o chapéu, o relógio de pulso, o livro debaixo do braço... É um homem distinto, eu posso notar. Estou certo de que entenderá tudo assim que eu explicar. Vamos, sente-se... Não perca tempo!

Eu realmente não sabia o que dizer para aquele homem. Também não conseguia entender o porquê de o meu chapéu e o relógio de pulso terem chamado a sua atenção. Assim, passei a observar em silêncio o homem magro de longas barbas desgrenhadas, e estava ansioso por ouvi-lo. Sentei-me ante a lareira com o meu livro de narrativas fantásticas no colo, assenti com a cabeça, como que dizendo “Prossiga, homem!” e pus-me a escutar o tal “louco dos relógios”, fingindo mais interesse do que tinha na realidade:

— Tudo começou há muito tempo... — pôs-se o homem a contar para mim. — Exatamente 11 anos, 7 meses, 5 dias, 8 horas, 9 minutos e 2 segundos... Agora 3... Agora 4, 5... e assim por diante. Naquela época, meu caro, eu ainda tinha um chapéu como o seu. Sim! Olho para o senhor e posso me ver tal como eu era. Eu estava lendo uma história das mais fantásticas junto à lareira de meu casebre, exatamente onde o senhor está agora, quando reparei que meu relógio de pulso estava rachado. Então pensei: “Mas há um minuto estava intacto!” Mistérios indecifráveis, meu senhor! Foi quando uma voz rouca vinda dessa lareira invadiu meus ouvidos e... Ah! Outra vez! — interrompeu-se o “louco dos relógios”, repentinamente mais rouco e, por alguma estranha razão, também mais velho do que antes, correndo para virar uma ampulheta antes de a areia haver se esgotado de um dos lados — É necessário que eu seja rápido na execução de minha tarefa. Bem, continuando a história: eu estava lendo junto à lareira e aquela voz rouca me intimava tanto que resolvi ir até ela. Levantei-me e em questão de segundos, juro! E fui sugado por meu próprio relógio. Está entendendo, meu caro ouvinte? Sugado por meu relógio: um relógio de pulso que havia acabado de rachar! Quando dei por mim, estava voando em meio a um espaço negro cercado de estrelas. Creia-me: nesse estranho lugar havia também um velho, velhíssimo, com longas barbas desgrenhadas e... — e então esse tal “louco dos relógios” pôs-se a gargalhar de modo estranho, antes de prosseguir — Bem, o tal velho estava sentado sobre uma carruagem voadora guiada por 3 cavalos de tamanhos diferentes. Olhei para eles, estranhando tudo o que via. Foi então que o velho sorriu para mim, passou-me as rédeas dos cavalos e bradou: “Que bom que ouviu o meu chamado e veio até aqui. Agora preste bastante atenção: a partir de hoje o senhor domará essa carroça que gosto de chamar de Relógio. Domará ela e seus 3 cavalos, ou seja, a égua Hora, o cavalo Minuto e o pônei Segundo. Você, meu caro, deverá educá-los para que sigam sempre em frente em absoluta sincronia. Trata-se de um trabalho matemático imprescindível à humanidade. É preciso controlá-los, já que nem todas as pessoas querem saber de fazê-lo. Mas o senhor aceitou ser meu sucessor vindo aqui. Portanto, a partir de hoje, a sua tarefa é observar que cada um dos cavalos ande conforme a sua própria compleição: a cada 60 passos dados pelo menor dos 3, isto é, o pônei Segundo, o de médio porte, chamado Minuto, andarás apenas 1 passo. Este médio, por sua vez, deverá caminhar 60 passos antes que o maior de todos, a égua Hora, termine de avançar pela

primeira vez. Assim seguirão os 3 animais, lado a lado, até que o maior complete 24 passos. E então começará tudo novamente.”

Após dizer tudo isso, o “louco dos relógios” pareceu se esquecer de que havia um ouvinte em sua sala e silenciou. Em seguida, correu para olhar uma velha clepsidra, ajustou os ponteiros de um relógio de parede, observou atentamente o pequeno cuco sobre a mesa e só então voltou para frente da lareira e continuou a narrativa:

— Meu caro ouvinte, —prosseguiu ele — assim que o velho terminou de dizer tudo aquilo sobre os 3 cavalos, eu me espantei e disse a ele “Então esse serviço não acabará nunca. Quer dizer, ainda mais que estarei sozinho guiando essa carroça! Não é possível que outros não possam ajudar em uma tarefa tão importante.” Ao que o velho, velhíssimo me respondeu: “Já chamei outras pessoas, vivo chamando, na verdade. Todos os dias. Mas elas não ouvem ao meu chamado: estão sempre ocupadas, ou pior: desocupadas. Preferem largar a carruagem no meio ou voltam para trás. Por isso acaba sobrando tudo para nós, os altruístas. Alguém precisa domar esta carroça-relógio por todos ou a humanidade perderá a direção.” Fiquei confuso com a resposta do velho e perguntei: “Suponhamos que eu aceite a tal missão: e se eu falhar?”. Mas o velho riu e disse: “Ouça, o senhor não tem alternativa: enquanto ninguém cumprir a tarefa de guiar esses cavalos, a humanidade não terá controle sobre o seu tempo. E imagine quantas coisas maravilhosas o ser humano será capaz de fazer se Hora, Minuto e Segundo forem domados!” Foi então que eu entendi a importância de minha missão e, me sentindo o salvador do mundo, respondi ao velho: “Então não desistirei até conseguir.” Em seguida, sentei-me à carruagem Relógio e pus-me a controlá-la, sentindo como a minha vida ganhava sentido. Sim, meu caro ouvinte! Pois antes disso eu era um ocioso, tinha tempo até para dormir! Mas graças ao velho descobri a minha missão de vida: controlar não apenas o meu tempo, como o de todos! Todos do mundo! E lá fui eu, com toda a cautela: a cada 24 passos do gigante Hora, lá se iam 1.440 passos do médio Minuto e 86.400 do pequeno Segundo, ao fim dos quais eu pensava em desistir, juro! Mas se o fizesse quem ficaria em meu lugar? Era preciso prosseguir. Ser um verdadeiro altruísta! No entanto, as coisas não saíram exatamente tal como eu planejava. No terceiro dia, muito cansado, com fome, frio e sem conseguir distinguir quantos passos cada um daqueles animais andava, fechei os olhos por um instante sem querer e... Infame distração! Fui transportado outra vez para esse nosso mundo corroído pela falta de controle. Eu falhara. Desde então venho compilando todos os relógios que encontro e mexendo neles para que andem tal como os cavalos daquele espaço, como forma de controlar o tempo... Ah! Mas eu não dou conta de fazer isso sozinho. Por isso, tal como o velho da história, preciso de um sucessor. Já contei essa narrativa a todos da cidade, mas ninguém me compreende e nem quer me suceder. Sozinho é impossível! Já tentei falar com muita gente, mas não me ouvem: estão sempre ocupados ou, pior ainda, ociosos! Dizem que foi tudo um sonho meu, largam a carruagem no meio ou voltam para trás, apelidaram-me até de louco: “O louco dos relógios”! Mas se ninguém fizer direito essa tarefa, a humanidade perecerá... É preciso controlar! Controlar o tempo por todos e salvar a humanidade, não é mesmo? Tudo se resume a controle. A felicidade está nisso, meu caro! Por que me olha assim? Apesar de ser diferente, não acredita em mim também, não é? Já estou acostumado a isso...

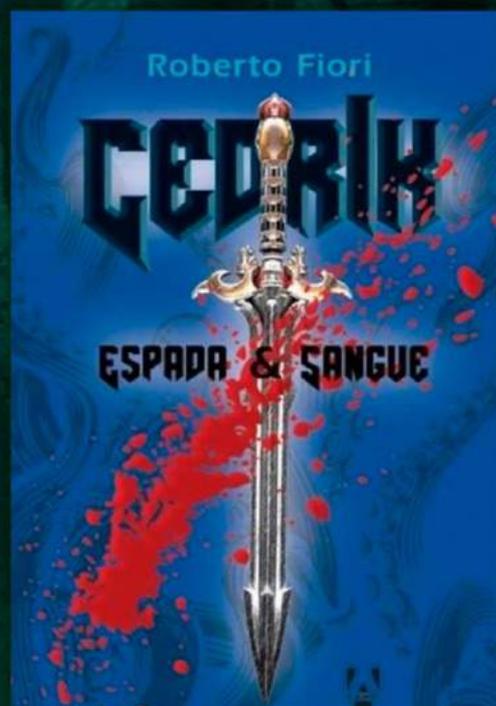
Então, após 35 minutos e 14 segundos falando, o “louco dos relógios” finalmente se calou por cerca de 20 segundos. Não sei que cara eu estava fazendo naquele momento, mas o fato é que estava chocado. Pois, vejam, meus ouvintes: além de o rosto do homem ter se tornado velhíssimo no decorrer de sua narrativa, olhei para o meu pulso e reparei que o meu próprio relógio havia se rachado... Compreendem? O meu relógio de pulso! Rachado!

O velho já não precisava dizer mais nada: eu havia entendido tudo perfeitamente. As portas da felicidade e do altruísmo estavam abertas para mim. Como não adentrá-las? Observando as barbas longas do homem parado a minha frente, os relógios espalhados pela casa, a lareira acesa e o livro fantástico em meu colo, tive certeza: eu era o sucessor e ele o velho da história!



Daniela S. Terehoff Merino nasceu em 1989 em São Paulo e hoje mora em Ribeirão Pires. Formou-se em Letras em 2013, é mestre em literatura e cultura russa e atualmente faz doutorado com bolsa FAPESP e orientação de Elena Vássina. É autora de “Sulerjítiski: *mestre de teatro, mestre de vida: sua busca artística e pedagógica*” (2019). Escreve peças teatrais desde 2011, ganhou 2 menções honrosas no Nascente e o 2º lugar no 1º Prêmio Travassos de Literatura. Hoje desenvolve projetos em parceria com sua irmã, a ilustradora Claudia A. Terehoff Merino no blog Masticadoresbrasil. Desde o começo de 2021, participa de várias antologias organizadas por editoras como a Ao vento editorial, Delicatta, Editorial Independente, A arte da Palavra e Pé de Jambo.

Cedrik, junto de seu fiel companheiro, Sandial, o Ancião e da bela Vivian, protetora do misterioso livro Necrofilium, embarcam em uma incrível jornada para salvar o seu povo de um destino cruel. Buscando inspiração no clássico trabalho de Robert E. Howard, Roberto Fiori cria um herói único, dotado de extrema força, músculos avantajados capaz de levantar em cada braço mais de 75 quilos e, ao mesmo tempo, escalar facilmente uma parede de 20 metros de altura. Com Cedrik: Espada & Sangue, Roberto apresenta um mundo fantástico e apaixonante perfeito para os fãs de bárbaros, magia e lutas épicas.



CEDRIK - ESPADA & SANGUE POR ROBERTO FIORI



ADQUIRA O SEU
CLIQUE AQUI



CONTO: O SONHO ROUBADO
POR ADAYL

Conto

Naquele dia, quando Joana e Luísa voltavam da escola, desviaram-se do caminho de casa. Foram dar uma olhada na vitrine do bazar ABC. Em tempo de Natal, havia muitos brinquedos expostos e enchiam os olhos das crianças. Ao chegar, viram um boneco e uma boneca. Foi encanto à primeira vista!

No dia seguinte, passaram de novo por lá. O rostinho dos bonecos era alegre e os braços e as pernas pareciam macios. Foram para casa, imaginando como seria bom pegá-los no colo.

Ao chegar em casa, contaram para a mãe. Descreveram com detalhes a roupa e a beleza deles. “O menino tem um boné, disse Luísa.

Assim, todos os dias, davam uma fugidinha até o Bazar.” Vamos batizá-los? A irmã de Joana escolheu o boneco e lhe deu o nome Pedro. Joana, que sempre teve preferência pela menina, chamou-a Alice.

Muitos dias se passaram. E as duas sempre voltando à vitrine, para ver os seus queridos. E agora, conversando com eles, como se já fossem da família.

Nas tardes, nos brinquedos de “casinha”, já eram os dois considerados participantes. “Mariazinha, falava Joana, para sua velha boneca, você vai ganhar uma irmãzinha, a Alice. E também um priminho, o Pedro.”

Nas brincadeiras, Luísa reforçava que precisavam fazer mais comidinhas para alimentar o Pedro e a Alice.

No último dia de aula, passaram pela vitrine e, um choque no coração! Não estavam mais lá. Joana sentiu um vazio, um buraco no peito. Luísa e Joana choraram.

Ao chegarem em casa, no lugar da alegria que sempre traziam, só tristeza e lágrimas! “Mãe, levaram nossos queridos. Alguém comprou. Nunca mais!”

Dali em diante, as brincadeiras ficaram sem graça. Sentiam a falta de alguém que poderia estar com elas e que nunca estaria.

Na noite de Natal, presentes debaixo da árvore, pais e irmãos reunidos. Cantaram Noite Feliz. E Joana e Luísa, tristes.

— Joana e Luísa —, falou o pai, — não vão ver seus presentes?

Sem muita vontade, elas se acercaram dos embrulhos com seus nomes, com a certeza que nada substituiria a perda dos seus tesouros.

Quando desembulharam e abriram a caixa... o amor devolvido! Lá estavam, o Pedro e a Alice!

Adayl Falconi Chiodi, professora aposentada, nasceu a 25/12/41 em Ijuí (RS). Concluiu o curso Magistério em 1959. Licenciou-se em Pedagogia em 1963. Fez Pós graduação em Orientação Educacional e Metodologia da Pesquisa na UNIJUI.

CONTO: BORBOLETAS AZUIS

POR FRAN PIGOSSO



Conto

Depois de tanto tempo, de tantos dias e noites escrevendo cada página de meu livro da existência, depois de tantas calmarias e tempestades, pegome admirando o voar das borboletas azuis. Tão pequenas, tão simples e tão frágeis, elas flutuam numa mesma dança leve, de harmonia e lembranças.

Estendo minha mão cansada na esperança que algum daqueles seres voadores não tenha medo do novo, e agracie-me com a confiança necessária para fazer de meus dedos um cais... Mas o tempo passa.

Eu lembro que era pequena quando entrei na sala onde meus pais conversavam baixinho. Daqui a cinco meses seria meu aniversário e, mesmo a data estando relativamente longe, contava os dias para a minha tão esperada festinha de sete anos. Minha mãe, vendo meu entusiasmo, já havia comprado os balões e painéis com fadas para colar nas paredes. Eu já tinha feito a lista de convidados: Sofia, Carol, Brenda, Bruna, Paulo e Luís (meus vizinhos), a professora Fabiana, meus colegas, meus avós, minhas tias, pai e mãe. Enfim, estava muito feliz naquela manhã de segunda-feira, e vi que os dois falavam num tom de voz diferente do habitual.

Logo de início estranhei um pouco que papai não tinha ido trabalhar naquela manhã e mamãe, quando fui me aproximando para dar-lhe um abraço forte, estava com os olhos vermelhos. Ela logo ergueu-se do sofá e sorriu, recolhendo suas lágrimas com os indicadores, a fim de que eu não percebesse que um dia caíram.

Ela, naquela manhã, abraçou-me mais forte do que o normal, e por mais tempo também. Papai nos envolveu igualmente em seus braços. Que estranho, será que chegou meu aniversário e eu nem percebera? Dormi tanto tempo assim? Quantas indagações surgiram em minha mente.

Mamãe aproximou seus olhos de meu olhar e disse, com sua voz doce:

— Querida, vamos fazer uma viagem. Mas não se preocupe, em pouco tempo voltaremos para casa...

— Adoro viajar. Aonde vamos?

— Para a capital.

— Vou arruma as malas — disse e corri para meu quarto, pois todos os anos realmente conhecíamos um lugar do país diferente, e ficávamos lá por uma semana.

Geralmente quando nos organizávamos para passear, meus pais sorriam bastante, faziam brincadeiras e passavam todos os detalhes possíveis do que veríamos lá. Desta vez o silêncio era cortante. Sem muitas interações, sei que, em pouco tempo, estávamos no carro indo até a capital.

A viagem foi muito diferente das demais. Entramos um prédio branco, muito grande, e logo fiquei com minha mãe numa sala, em companhia de muitas outras pessoas e suas caras abatidas. Eu não sabia o que pedir, só queria um abraço da mamãe. Em pouco tempo, uma moça vestida de branco, falou baixinho com meu pai, que estava próximo a um balcão. Em seguida ela nos levou até um quarto.

Eu deitei numa cama muito confortável, com lençóis azuis e uma parede branca logo a minha frente, com adesivos de crianças e animais interagindo felizes. Na janela, uma grande árvore surgia, repleta de botões prontos para florirem.

Meus pais ficaram um em cada lado da cama. Papai acariciava minha mão e mamãe alisava meus longos cabelos. Em pouco tempo ela começou a me explicar.

— Filha, essa é uma viagem diferente. Nós não vamos apenas conhecer um lugar novo, nós estamos participando de um teste. Bem, é como se fosse um trabalhinho que o Papai do céu pediu para nós fazermos. A professora da escolinha não pede alguns trabalhinhos para que você faça?

— Pede — balancei a cabeça positivamente.

— Então, às vezes Jesus também pede que nós façamos alguns trabalhos, e se Ele nos pediu, é porque conseguiremos fazer direitinho. Filha, você está com um probleminha aqui — ela passou os dedos levemente sob as minhas costas — mas vamos conseguir vencer. Quando Deus achar necessário, nós iremos para casa.

A forma com que minha mãe pronunciou cada palavra me transmitiu tanta calma que não deixei de acreditar um só minuto que tudo daria certo.

A partir dessa conversa os dias foram passando e o tratamento acontecendo. A primeira semana foi monótona. As moças de branco me conduziam para fazer exames clínicos, eu retornava para meu quarto. Todas as pessoas me tratavam muito bem, e uma vez por dia eu podia ir para uma sala com outras crianças, cada uma com seu soro e suas esperanças. Lembro que brincávamos com frequência que o suporte do soro era nosso cetro, e todos nós morávamos num castelo e pertencíamos à realeza, e o hospital era nosso reino encantado.

Outra lembrança feliz que tenho dessa época é o amanhecer. Quando o sol começava a surgir no horizonte, várias borboletas enfeitavam os galhos da árvore próxima à janela, e ficavam lá, dançando por um tempo. Com suas várias cores, suas asas iam formando uma aquarela de vida diante de meus olhos: amarelas, vermelhas, pretas, verdes e azuis. Essas últimas eram minhas favoritas: tão brilhantes e singelas que despertavam minha maior admiração. Em alguns momentos eu estendia meu braço, cheio de agulhas e canos, na esperança de ver mais de perto a vida, senti-la na ponta dos dedos. Mas era em vão. Certos dias eu mal conseguia mover um músculo, me sentindo fraca. De qualquer forma, aqueles pequenos animais me distraíam e consolavam.

Durante o tratamento eu não entendia a gravidade de minha doença, um tumor próximo à coluna, e agradeço aos meus pais e familiares por não terem me feito enxergar essa face temerosa dos acontecimentos. Algumas vezes fiquei pensativa, tentando entender sobre a razão de algumas crianças serem totalmente carecas, mas não tinha coragem de perguntar. Isso era como se fosse um mistério que eu não queria desvendar.

Um dia recebi em meu quarto o cabeleireiro da família. Quanto tempo! Ele era muito querido, sempre entregava balas após o corte de cabelo. Minha mãe não falou uma palavra, mas logo senti que eu me tornaria mais uma daquelas crianças diferentes da sala de brinquedos, e comecei a chorar. Ela então falou:

— Fique calma, estou aqui.... Isso é necessário. Depois que sairmos do hospital, pode ter certeza que seu cabelo crescerá bem mais forte e bonito.

Meus pais fizeram um árduo trabalho para que eu pudesse ver essa situação de forma positiva. Três vezes por semana papai trazia lenços novos para que eu estivesse sempre linda. E eu adorava cada um deles.

E o tempo continuou passando. Lembro que amava olhar pela janela, em especial para a árvore florida e suas visitantes. O voo delas me encantava. Sobre meus anjos, ninguém nunca chorou na minha frente, mas eu sentia que certos dias meus pais estavam mais cansados que outros.

Uma tarde, quinta-feira, o médico e as moças de branco entraram em meu quarto e de repente apaguei. Lembro que acordei no mesmo lugar em que adormecera. Quando abri os olhos, todos estavam ao meu redor, com balões e presentes. Era meu aniversário novamente? Provavelmente não. Eu já havia o comemorado no hospital.

— Parabéns, filha, você conseguiu vencer!

Quase nem acreditei: eu conseguira vencer, estava curada e finalmente podia ir para casa. Nesse dia todos choramos juntos, pois o trabalho que Deus havia nos pedido para realizarmos fora concluído. Eu não via a hora de voltar para minha casa, minha escola, minha vida.

Mamãe e papai arrumaram as malas com toda felicidade do mundo e, antes de sair do quarto, olhei pela última vez para a árvore e as borboletas. Timidamente acenei, dizendo adeus para aquelas que foram minhas companheiras em toda caminhada.

Tanto tempo.... Tantos dias e noites escrevendo cada página de meu livro da existência.... Tantas calmarias e tempestades... Mesmo depois de tudo, um sentimento não mudou: continuo admirando o voo das borboletas azuis. Mas não mais daquela janela do hospital: agora do meu próprio jardim.

Hoje ainda sinto o mesmo apreço que sentia quando menina ao olhar a dança desses bichinhos tão delicados. A doença, o hospital, as moças de branco, os médicos, as crianças, minha festa de aniversário de seis anos, meus pais, meus colegas, todos eles viraram borboletas azuis, que preencheram a minha vida e precisaram voar.

Nesse dia tão lindo de primavera recebo meus netos em meu jardim, fazendo questão de mostrar todas as flores, seus perfumes e suas borboletas, para que eles nunca se esqueçam de que a vida é mais forte que tudo; que mesmo depois do inverno tudo renasce mais forte e bonito.

Suspiro.... Uma voz de criança chama a avó para que entre na casa. Lentamente, Bárbara ergue-se e, passo a passo, segue para ver o que se trata. Em meio ao sol de primavera, trânsito movimentado, ruídos de anúncios publicitários, vozes de conversas pelas calçadas, uma borboleta azul pousa, delicadamente, despreziosamente, em seu ombro.

Fran Pigosso (Francieli Pigosso) é natural da cidade de Farroupilha, Rio Grande do Sul. Formada em Letras, desde cedo foi apaixonada pelos universos que surgiam em sua mente, os quais se materializavam em papéis e telas de computador. Em sua trajetória conta com vários prêmios literários, a grande maioria do Concurso Regional de Contos, Crônicas e Poesias Oscar Bertholdo (no qual foi parte da comissão julgadora em 2020), participação em antologias e outras publicações. É parte do Comitê Jovem Conectando Mentes e colaboradora com contos de terror na rádio gaúcha Putzgrila.

CONTO: A ESTRANHA

POR IRACI JOSÉ MARIN



Conto

Eu estava sentado numa cadeira de fórmica azul, que era moda nos bares, decidindo pedir mais uma cerveja, quando alguém passou por trás de mim e bateu de leve em minhas costas. Senti que era mão feminina. Sorri porque a estranha também devia estar sorrindo. Virei-me e era ela; se afastava com uma amiga. Não vi se sorria. Por que chamou minha atenção, se foi embora? Aliás, em outras ocasiões ela fez o mesmo, ou quase o mesmo. Teve uma vez que sorriu para mim, de longe. Parecia um convite, então eu fui na sua direção. Mas a perdi no meio do aglomerado que havia naquela noite de show ao ar livre, uma noite apropriada para algo mais íntimo. Fiquei chateado.

Chamei e ela parou. A amiga seguiu porta afora, atirando-lhe um beijo com a palma da mão. Sem olhar para trás, esperou que eu me aproximasse. Sabia que eu ia me aproximar dela?

— Por que você está com este comportamento?

— O quê?

— Você me chama, ou me olha e sorri, depois foge.

Eu não fujo. Eu sou gentil e civilizada, saúdo os amigos; por isto toquei levemente as costas dele. Por que eu tenho que lhe dar satisfação? Ele não quer só amizade, companheirismo. Quer mais, eu sei, quer comprometimento e alimenta outras intenções. Vislumbro isto muito bem em seu olhar, quando me encontra.

— Não vai dizer nada?

— Ah... me distraí.

— Não é a primeira vez que você chama a minha atenção, depois vai embora. Ultimamente, está se fazendo de difícil.

— Ué, que tipo de comentário é este? Acaso está me controlando?

— Não estou te controlando, nem tenho intenção. Mas por que tem este comportamento agora?

Ela me olhou de soslaio, nada disse e se pôs a andar. Eu segui, mais uma vez contrariado, e desta vez até um pouco irritado. O que se passa com ela? Está decerto preocupada com a mãe doente, com a carestia. Mas podia ser pelo menos agradável. O problema mesmo é ela, parece que se fecha numa solidão que inventou e não compartilha sua dor, suas dificuldades, suas dúvidas.

Eu estou me fazendo de difícil? Que coisa esta, agora! Eu apenas quis ser gentil, dizer “oi!” de uma forma carinhosa. Não estava a fim de conversar com ele. Aliás, só fui ao bar para passar o tempo da última aula da manhã, que enforquei, e me encontrar com Elisângela. Não estou precisando do aconchego de mais ninguém.

— Posso acompanhá-la até a casa?

Ela não respondeu. Seguiu devagar, mas sem parar — assim como uma flecha lenta. Como ela é enigmática. Dentro dela, é ela mesma que está? Os olhos duros contrastam com a linda boca. O andar leve contrasta com o comportamento insondável. Estar com ela é igual comer peixe e sentir gosto de cogumelos. Eu não a conheço, não consigo entendê-la. A não ser nas frivolidades, que pouco se mostram e interessam menos ainda.

Ele me acompanha e não diz nada. Melhor assim. Me acusa de ser difícil, fala de minhas dúvidas. Ora, a vida de todos nós está de tal modo conturbada que é fácil a gente se contaminar de dúvidas. É só observar ao redor. Ele mesmo. Se acha decidido e ajustado, mas está sempre à procura de alguma coisa. Talvez esta coisa

seja eu... Por isto ele põe os olhos nos meus seios redondos e firmes, olha para a minha boca e parece que já vai me beijar.

— A gente podia se encontrar num final de tarde, conversar, tomar alguma coisa, caminhar por aí...

— Pode ser.

Nunca comentei nada sobre ela com meus amigos. Nem eles falaram algo dela. É uma estranha no meio de nós. Sua aparência elegante talvez esconda uma grande insegurança.

Chegamos à casa dela e eu me dei conta de que procurava palavras, que na verdade não existiam, para expressar de forma mais completa a minha preocupação com ela. Despedimo-nos apenas com acenos de mão. Nenhuma palavra podia expressar aquela falta de sentimentos.

Um dia deu certo. Encontramo-nos no mesmo bar e saímos. Era o dia em que eu ia abrir o jogo com ela. Sentamos num velho banco, de frente para o rio, que naquela hora não tinha nenhum barco. Pouca gente caminhava pelo calçadão.

— Então, como as coisas vão?

Olhou-me e abriu um delicado sorriso, sem responder.

— Sabe, eu acho que você está passando por uma fase ruim. Eu falei algumas vezes que você se faz de difícil, mas pensei melhor e acho que o problema mesmo são os problemas que você enfrenta.

— Você *acha* demais. Não precisa criar preocupações comigo. Meus problemas são como os de todos. Eu não estou querendo ajuda. Não concordei em nos encontrarmos para pedir ou receber ajuda.

— Você tem a capacidade de esconder os problemas.

— Como você pode saber que os tenho e quais são?

— Pelo teu comportamento, sempre estranho.

— Estranho, o meu comportamento? Como assim?

— Ora parece que você me quer, ora se afasta, ora me evita...

Ela riu. Desta vez, riu a ponto de constranger-me. Fiquei magoado com aquela risada.

Um tempo passou. Eu queria respostas, aí perguntei:

— Me diz: qual é a tua?

— Quer saber? Quer saber mesmo?

Fiquei estupefato. De repente, eu ia ficar sabendo algo de sua vida enigmática. De repente, ela se dispunha a revelar. E meu coração disparou de ansiedade. Olhei para ela, que olhava para o rio.

— Então diz.

— Eu e Elisângela decidimos compartilhar nossas vidas.

Senti um baque no peito. Os olhos se turvaram, o rio parecia aumentar de tamanho e me absorver. Eu fui engolido por um enorme vazio.

IRACI JOSÉ MARIN - advmarin@gmail.com

Reside em Caxias do Sul – RS. Professor estadual aposentado, advogado. Coautor do livro *Histórias de Caxias do Sul* (2010); autor de livros de pesquisa: *Imigrantes poloneses afundados num mar italiano* (2014) e *A Polônia e os poloneses* (2019); e livros de ficção: *A margem do rio* (2015), *Conrado* (2017) e *A invasão* (2019). Está no prelo *Histórias de ontem - histórias para o mundo infanto-juvenil*.



CONTO: O BRAÇO EXECUTOR DE DEUS
POR OSVALDO LUIS MEZA SIQUEIRA

Conto**Proximidades da cidade de Drogheda, 1690.**

O confronto não podia mais ser vencido, o exército de Orange havia sobrepujado o inimigo em todo o campo de batalha. Guilherme III, o novo rei protestante da Inglaterra, impusera uma derrota esmagadora a Jaime II às margens do rio Boyne. Deposto em 1688 pelo parlamento inglês, o católico Jaime fugiu para a França e com colaboração do rei Louis XIV, tentou retomar o trono, iniciando seu ataque através do Condado de Ulster¹.

Em meio ao que restava do combate, o mercenário conhecido como *Fer Visage*² arrastou-se pelo campo de batalha repleto de corpos. Sangrava com abundância na altura do ventre. Estrondos dos tiros de canhão ecoavam ao redor dele e estilhaços das bombas cortavam o ar esfumaçado pelas explosões.

Era experiente o bastante para saber que estava à morte. Em meio à névoa negra do campo de batalha, viu um vulto aproximar-se e, temendo ser um soldado inimigo, ergueu a espada para confrontá-lo, mesmo que debilmente.

Mas o vulto não o atacou e, diferente disso, agachou-se ao lado como que para aguardar sua morte, feito um abutre à espera da refeição.

— Luta comigo — bradou *Fer Visage*.

Sem lhe responder, o vulto continuou a observá-lo com olhos que pareciam duas chamas.

— Vieste me ver morrer? *Es-tu l'ange de la mort*³? — zombou *Fer Visage* em sua língua pátria.

— Não, Olivier — respondeu-lhe uma voz profunda e potente — não sou a Morte.

Com estranheza, *Fer Visage* esforçou-se por desanuiar o olhar para que pudesse ver com mais clareza a figura encapuzada de olhos flamejantes.

— Como sabes meu nome?

¹ Atual Irlanda do Norte.

² Face de Ferro em francês.

³ É o Anjo da Morte, em francês

— Sei tudo sobre ti, Olivier.

— Quem és? — impacientou-se, tossindo ao sentir o sangue chegar-lhe à boca.

— Meu nome é Abaddon. Sou o Anjo do Abismo e da Destruição. Eu sou aquele que atacará a todos os mortais que não tiverem o selo de Deus quando o Apocalipse for anunciado.

— *Les anges non* existem — escarneceu *Fer Visage*, incrédulo. — Nunca vi nenhum, muito menos em um campo de batalha.

— Não olhaste bem — respondeu o vulto encapuzado e, diante dos olhos turvos do moribundo, abriu de sob seu manto grandes asas cinzentas.

— Então, se vieste levar minha alma para o Abismo por que *non* o fazes? — tornou a zombar *Fer Visage*, observando o anjo voltar a fechar as asas sob o manto. — As trombetas do Apocalipse acaso ainda *non* soaram?

Fendendo um sorriso cínico sob o capuz, o Anjo do Abismo respondeu:

— Eu gostaria, mas não me é permitido levar tua alma. A forma como obtiveste as cicatrizes que carregas em tua face me impede de fazê-lo.

Levantando a mão ensanguentada, *Fer Visage* tocou a meia máscara de ferro que portava sobre o lado esquerdo de seu rosto e sorriu ainda zombeteiro.

— *Pardon, ange. Non* terás minha alma, então.

— A tua não. Mas tenho a de alguém que conheces.

— Garanto que sim. Muitos que conheci devem estar ardendo nas chamas do Inferno.

— Não — respondeu Abaddon. — Refiro-me a uma alma em específico.

— Do que falas, *ange*? — tornou a tossir com o sangue começando a engasgá-lo.

— De alguém que te é muito especial. Louise é o nome dela.

— O que queres dizer? — sobressaltou-se *Fer Visage*, soerguendo-se sobre um dos braços com extremo esforço.

— Tu não sabias? Depois que partiste, ela não pôde mais conceber a vida sem ti com aquele cruel e desprezível marido. Então, ela tirou a própria vida — respondeu a voz profunda de Abaddon. — Sabes, não é, Olivier, para onde vão os suicidas?

— Tira-a de lá! — bradou *Fer Visage*. — Leva minha alma em lugar da dela. É isto que queres, *ange!* Toma a minha alma!

— Eu gostaria. Pena que não me é permitido. No entanto, vim com o intento de te propor um acordo.

— Que tipo de acordo?

— Um pacto, em verdade, se trabalhares aqui na Terra para o Senhor e para mim.

— Acaso *non* percebeste que estou morrendo? — debochou o moribundo.

— Isso pode ser mudado. A Morte, desta feita, não tocará em ti se concordares.

— E o que deverei fazer, *ange?*

— Matarás para mim, em nome Dele, todo aquele que portar na testa o estigma do mal. Em troca eu manterei tua amada Louise longe das aflições e dos tormentos do Inferno.

— Tens teu pacto — respondeu *Fer Visage* sem hesitar, engasgado com o próprio sangue.

— Serás o braço executor de Deus — ouviu a voz grave do Anjo do Abismo vaticinar enquanto também chegava-lhe aos ouvidos o estridular dos gafanhotos que estavam sobre seu peito. Então, sua visão escureceu e o mundo ao redor desapareceu no breu.

Estava morto.

Assim pensou, até que seus olhos voltaram a ver um brilho de luz e uma imagem difusa começou a se formar. Deitado de costas, viu no alto um teto simples de toras de madeira. Estava deitado em um leito rude de palha.

Sentou-se à cama, pousando os pés sobre o assoalho também feito de toras. Sentiu uma forte dor na altura do ventre que estava enrolado por ataduras de pano improvisadas. “Ainda estava vivo”, suspirou sem entender como. De alguma forma alguém o salvara da morte certa, constatou, pensando na alucinação que tivera no campo de batalha. Naquele

vulto que se apresentara a ele como o Anjo do Abismo. Teria sido apenas sua mente lhe pregando uma peça? Por certo.

Passou a mão pelo precoce cabelo grisalho e, titubeante, pôs-se de pé. Apanhou sua camisa de algodão e vestiu-a com certa dificuldade por conta do ferimento. Tornou a colocar o cinto com a espada de volta à cintura e, ainda um pouco zozzo, caminhou pelo único cômodo até a porta entreaberta.

Ao alcançar o lado de fora da cabana, a luz do dia, por um breve momento, ofuscou-lhe o olhar.

— Finalmente acordaste, Olivier! — ouviu alguém dizer-lhe em sua língua.

Voltando a cabeça na direção da voz, avistou a figura ruiva e desgrenhada de René, mercenário assim como ele, que também se juntara às forças cedidas por Louis XIV ao deposto Jaime.

— Como cheguei até aqui? — indagou.

— Eu encontrei-te. A princípio, pensei que estivesse morto, mas quando percebi que não, retirei-te do campo de batalha e carreguei até encontrar esta cabana.

— Obrigado. Quanto tempo fiquei desacordado?

— Três dias. — Depois, observando Olivier, o mercenário de cabelos desgrenhados e oleosos exclamou com admiração: — Tu pareces muito bem para quem estava à beira da morte!

— E a batalha?

— O exército do maldito Guilherme de Orange nos venceu. Jaime deve estar, a esta hora, ainda fugindo com o rabo entre as pernas — praguejou René com um sorriso de galhofa.

Sem nada dizer, Olivier desviou os olhos e fitou ao redor. A poucos passos, havia três corpos caídos sobre o chão: um homem, uma mulher e um pequeno garotinho. Provavelmente das famílias de colonos escoceses presbiterianos que décadas antes foram enviadas à região para facilitar o domínio da Inglaterra protestante sobre a Irlanda de população católica.

— Tive que dar um jeito nesses hereges — comentou René, acompanhando-lhe o olhar. — Foi o velho pai que costurou teu ferimento.

— O que fizeste? Tu mataste toda esta família?

— Sim. Quer dizer, não todos — respondeu René, erguendo de um arbusto uma jovem de cabelos louros acastanhados, seminua pelas roupas rasgadas.

Bastante machucada, com a pele alva maculada pelo arroxeadado de hematomas, a jovem encolheu-se, tentando, com pudor, cobrir seu corpo com os farrapos de seu traje de camponesa.

— Deixei-a viva para divertir-me um pouco — emendou René com um olhar lascivo, segurando-a pelo braço. — Já que estás bem melhor, não queres divertir-te também? Ela tem uma pele bem macia.

— Não — respondeu *Fer Visage* de forma seca.

Diante da negativa de Olivier, René fitou com desdém a garota encolhida e combalida.

— Sabes, já me cansei desta parva — emendou com frieza. Então, num ato contínuo, sacou a pistola de pederneira da cintura e fez um disparo na testa da jovem. Em seguida, atirou-a como um trapo sobre o solo empoeirado e recarregou a arma.

— Tu não precisavas ter feito isso — reprovou Olivier.

— Ora, por que não? Era apenas uma maldita herege — respondeu o ruivo com desprezo.

Segurando o ventre na altura do ferimento que quase o levava à morte, *Fer Visage* agachou-se diante da garota e, para evitar-lhe o olhar vítreo e sem vida, fechou-lhe as pálpebras.

— Por que te importas com essa vadia? — tornou René com um sorriso indiferente.

Olivier reergueu-se ainda fitando a jovem morta e voltou-lhe a atenção. A princípio, não acreditou no que viu. Fixou o olhar mais atentamente para ter certeza. Ali estava, na testa de René, entre os cabelos vermelhos escorridos, a marca, o sinal da besta, a chancela daqueles que não pertenciam a Deus, o 666.

Estaria delirando? Não. Não estava. Sentia-se bem consciente. Não era uma alucinação o que seus olhos viam. Sua mente não estava lhe pregando uma peça. Nem agora e nem antes...

O anjo no campo de batalha não fora um delírio. “A Morte, desta feita, não tocará em ti se concordares”, dissera-lhe Abaddon. Por isso ainda estava vivo, afinal.

“Matarás para mim, em nome Dele, todo aquele que portar na testa o estigma do mal.”

Por Louise... Precisava mantê-la protegida, fora dos tormentos do Inferno.

Baixou os olhos. Teria que matar René. E, afastando a mão de sobre o ventre ferido, desembainhou sua espada e apontou-a para o peito do companheiro. O gume da lâmina fina e aguda ficou a poucos centímetros do gibão⁴ com o emblema francês da flor de lis.

— O que fazes? — surpreendeu-se o ruivo.

— Pega tua espada — disse-lhe Olivier, com voz grave, voltando a fitá-lo.

— Enlouqueceste? — tornou o René, confuso.

— Pega tua espada.

— Estás fazendo isto por estes malditos hereges? Eu salvei tua vida! Retirei-te do campo de batalha! — exaltou-se René enraivecido.

— Por isso estou deixando que pegues tua espada.

A mão do mercenário desgrenhado buscou o cabo da pistola, mas *Fer Visage* o deteve.

— Não. Apanha a pistola apenas com dois dedos e joga-a para longe.

— Tu enlouqueceste! — tornou René enraivecido, enquanto arremessava a arma de fogo para o lado.

Recuando alguns passos, Olivier colocou-se em posição para o embate, com o flanco direito do corpo à frente e a espada em riste. Instintivamente sua mão pousou sobre o ventre ferido.

⁴ Espécie de camisa acolchoada e fechada por abotoaduras, com ou sem mangas, ajustada para salientar o peito e moldar a cintura.

— Idiota, eu vou te matar. Tu estás ferido e recém-costurado — disse o ruivo, desembainhando a espada com um sorriso mordaz.

O primeiro golpe veio de René. Um ataque rápido, rechaçado por um movimento leve de Olivier com a espada.

— Ora, te recuperas rápido, não é? — disse o ruivo com um recuo. Depois, retomou: — Assim será mais divertido matar-te, idiota.

Sem outro retrocesso, René sobreveio com movimentos rápidos e precisos, procurando uma brecha na ação defensiva de seu oponente enquanto esgrimiam.

Logo Olivier começou a sentir a ardência dos pontos se rompendo em sua carne e o escorrer quente do sangue. Com uma dor profunda, retrocedeu por alguns segundos ao embate.

— Sentindo dor? Sentirás mais antes de morrer — escarneceu René, voltando a atacar de forma a exigir de Olivier cada vez mais esforço para defender-se. — Idiota, não resistirás por mais tempo — debochou. — Sabes, deu-me mais trabalho salvar essa tua carcaça inútil do que matar-te agora. Adeus, *meu amigo*, morre junto a estes hereges.

Voltando a uma nova carga, arremeteu pelo centro da guarda de seu oponente e, em seguida, numa rápida mudança de percurso, rasgou o ombro esquerdo desprotegido de Olivier.

Mas, o ombro fora uma isca proposital. Um ardil calculado para atrair um inimigo pretensioso e descuidado. O ruivo desgrenhado atingiu o ombro de seu oponente debilitado, enquanto a lâmina fina e longa da espada de Olivier, num movimento preciso, enterrou-se em seu peito desguarnecido.

Os olhos de René arregalaram-se num estertor de surpresa e pânico ante a estocada fatal. Suas pernas se dobraram e ele caiu de joelhos.

Olivier arfou, sentindo-se exaurido pelo combate e, com a face crispada pela dor, sacou-lhe a lâmina do peito.

O corpo do ruivo bamboleou frouxamente e tombou inerte sobre o solo empoeirado, a poucos passos da garota e de sua família.

Com a mão pousada sobre o ferimento no ventre, Olivier deteve-se por um longo momento, procurando recobrar suas forças. Então, como no campo de batalha três dias antes, ouviu o estridular de gafanhotos...

Voltou-se. A poucos metros, no limite da clareira à frente da cabana, avistou o vulto daquele anjo sinistro e, mais uma vez, sentiu o peso de seus olhos flamejantes sob o capuz. O pacto fora firmado. Havia matado em nome de Abaddon e de Deus. Enquanto mantivesse sua parte Louise estaria a salvo.

Abrindo as enormes asas cinzentas sob o manto escuro, o Anjo do Abismo e da Destruição alçou voo e, subindo ao céu, sumiu por entre nuvens.



Oswaldo Luis Meza Siqueira é licenciado em História e Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Professor em duas Universidades, Colégios e cursos preparatórios para vestibulares e ENEM. Trabalha com produção de Material Didático e escritor de ficção-histórica e realismo fantástico. Autor do livro *Toledano o Senhor das Duas Espadas: Uma Cruzada de Homens e Deuses*, participou de algumas antologias e coletâneas de contos. Com um canal no YouTube “Universo da História Tuiuti” e integrante do Programa “Eureka no Rádio”.

CONTO: NO AR

POR DIÓGENES CARVALHO VERAS



Conto

Andreia Silva se deteve no amplo saguão iluminado artificialmente. Com a bolsa de napa preta do notebook atravessada no ombro esquerdo, ela agarrava a alça da maleta enquanto buscava a cafeteria.

As portas do refeitório do hotel só abririam aos hóspedes às seis e meia, conforme o aviso no cartaz em cima do balcão da recepção. Andreia tinha decidido abandonar mais cedo sua suíte e rumar de táxi ao aeroporto.

Que fome! — murmurou quando ouviu a própria barriga reclamar, enquanto digitava as informações no teclado digital do terminal de check-in.

A mão sobre a boca ocultou um bocejo — despertara praticamente de madrugada —, sentiu nos lábios o toque frio dos seus anéis trabalhados em ouro e o caro perfume adocicado exalando entre os dedos magros.

Após confirmar o horário do voo da companhia regional Poti Linhas Aéreas, programado para decolar às seis e cinquenta, enfiou o papel do embarque no bolso do seu terninho azul escuro engomado à perfeição.

Não foi difícil para Andreia distinguir a aglomeração reunida em torno da cafeteria situada ao fundo do corredor, a uns cinquenta metros de onde estava, perto das fileiras de carrinhos para bagagens.

Jogou para trás as mechas do cabelo liso clareado que lhe caíam charmosos sobre a face, e, inclinando levemente a maleta de bordo, começou a rodá-la naquela direção. O estômago roncou novamente quando o aroma agradável do café recém passado penetrou suas narinas.

Para desgosto do seu paladar, a atendente tinha adicionado ao leite mais café do que estava acostumada. Obrigou-se, então, a suavizar a mistura. Rasgou sem culpa dois sachês de açúcar mascavo e verteu-os no líquido, ignorando sua regra de satisfazer-se com a porção de um invólucro. E mordeu o pão.

Meu Deus! Depois disso vou ter que me matar na academia por umas duas horas sem descanso!

Primeiro, namorou a própria imagem refletida no vidro temperado da vitrine do balcão de alimentos do aeroporto. Depois, pagou com o cartão, pegou a bandeja e sentou-se ao redor da mesinha redonda de granito. Bastou um trago da bebida quente para encher-se de energia.

Animada, relembrou a recente cirurgia estética a que havia se submetido. Desfrutava ainda da deliciosa sensação de autoestima que lhe envolvia por dentro, após sobreviver ao seu “sacrifício da faca”.

Empenhara-se com gana em contar a história acerca de sua cirurgia a cada uma das amigas que a visitavam quase todos os dias, encorajadas a ouvirem-na durante o seu período convalescente. Andreia esquecia, nessas ocasiões, o abdômen duro e dolorido dos primeiros dias após a intervenção, encurvada no espaldar da poltrona instalada na suíte do primeiro andar.

Quando, então, o médico-cirurgião recebeu-a na luxuosa clínica situada no moderno Centro Comercial, estampando um sorriso encantador, apontou gentilmente a cadeira macia para que ela estivesse cômoda, encorajando-a de modo convincente. Sua decisão

em submeter-se ao procedimento cirúrgico valeria a pena, disse ele, em pouco tempo ela se sentiria uma nova mulher.

— Sua satisfação não tem mesmo preço, dona Andreia! Além do mais — garantiu —, é uma técnica segura. Evidentemente — ressaltou —, a senhora se alimentará, doravante, de forma adequada, para que perdurem os resultados.

— Claro, doutor! Seguirei suas orientações à risca. Aliás, eu só vim aqui — confessou, em tom alegríssimo — porque o senhor foi super bem recomendado por duas das minhas melhores amigas!

— Ora, obrigado! — Andreia percebeu-o baixar a vista por um segundo e estudar o volume dos seus seios sob a finíssima bata branca que a enfermeira a tinha feito vestir. — Também deverá se exercitar regularmente — disse, alçando a vista —, mas não se preocupe, eu indicarei o momento certo após a cirurgia. — E dispensou outro amável sorriso. — Bem, agora vamos a isso? — levantando-se, indicou-lhe a pequena cama ao lado. — Deite-se, por favor, vou examiná-la.

Lembrou-se do momento em que o cirurgião lhe retirou definitivamente a cinta envolta à cintura. Tinha corrido imediatamente a medir-se frente ao espelho do consultório.

— Ai, como estou feliz, doutor! — A intervenção lhe pareceu realmente o melhor investimento em que havia apostado.

Ela apreciou o volume, o contorno dos seios e a linha espetacular do abdômen. Já não havia rastros da passagem dos três filhos: a de 27, o de 14 e a de 12 anos.

— Não posso mais, de jeito algum, exagerar nas quantidades que como — ressaltou à melhor amiga —, e botar tudo a perder agora que posso exibir a barriguinha plana de quando eu tinha vinte anos, minha querida! Não mesmo! — tinha prometido, ainda tesa na poltrona do quarto, e ambas gargalharam.

No aeroporto, escancarou as páginas da agenda e começou a programar as providências consideradas urgentes. Sorvendo goles do café quente.

Uma delas era contar ao marido e aos três filhos: Paula, Anderson e Mariana, assim que pusesse o pé na soleira da porta de casa naquela mesma manhã, o interessante teor de um dos e-mails lidos na noite anterior.

Darei uma boa notícia para toda a família, disse eu não tenho qualquer dúvida!

Ligara para o marido no dia anterior e comentara por alto suas pretensões, mas tinha preferido não lhe adiantar nada. Diria pessoalmente. Tudo estava saindo melhor do que planejava.

Considerou a decisão. Não se equivocava ainda que a relação com Mateus não fosse das melhores nos últimos meses. Se o marido se agarrara a ideia de tocar firmemente seu plano, ela, por outro lado, tivera cuidadosamente outro aspecto em conta, e não queria provocá-lo.

Bem, tratarei de fazer a minha parte, ninguém poderá me acusar do contrário se as coisas não funcionarem!

Arqueou a vista e suspirou profundamente. Ao fim e ao cabo, tinha ponderado o futuro dos três filhos, sobretudo dos pequenos: Anderson e Mariana. Paula, a mais velha, já podia perfeitamente se valer por si.

Levou mais alguns minutos registrando outras tarefas a cumprir, de que podia se lembrar, nos horários e dias correspondentes nas folhas da agenda. Bebeu, por fim, o conteúdo da xícara. Durante o trajeto até Natal, o único lanche que costumavam servir a bordo era o pacotinho de biscoito.

Apenas cinquenta minutos... não comerei nada mais até o almoço!

Suspenso pelo fio de aço pendendo do teto moderno, o relógio retangular do terminal do aeroporto mostrava precisamente 6:34 quando Andreia deslizou sua maleta até o portão de embarque.

Foi a antepenúltima a mostrar o bilhete de embarque ao bonito comissário de gravata vermelha (não pôde deixar de notar a discreta beleza do rapaz), amável e ereto atrás do balcão móvel da companhia.

Cruzou a porta envidraçada e avançou vários metros sobre a pista do aeroporto, obedecendo a fila indiana até subir a escadinha retrátil da pequena aeronave.

O céu tropical tingira de vívido azul a agradável manhã.

Justamente às 6:50, o bimotor modelo LET-410, com 14 passageiros e dois tripulantes, taxiou na pista principal enquanto a aeromoça esguia e impecavelmente vestida se equilibrava sobre saltos no corredor estreito da aeronave, entediando os passageiros com normas de segurança. Dois minutos depois, o avião acelerou sobre o asfalto. Através da janelinha, Andreia viu as faixas brancas pintadas simetricamente ao longo da pista passarem por ela cada vez mais velozes. Por sorte, chegaria mais cedo em casa após ter trocado o horário do voo.

Quase no final da pista, o avião levantou o nariz negro para alçar voo. Da torre de tráfego aéreo, os funcionários ouviram o que pareceu ser um retumbante tiro de canhão rasgando o ar. Mas a aeronave azul e branca de seis toneladas ganhou altura e seguiu.

— Deve ter sido fogo de artifício do lado de fora do aeroporto — comentou, ao companheiro, um dos técnicos que monitorava o radar, após o silêncio prolongado do piloto.

Ele não ignorava as centenas de residências cercando o perímetro da pista do aeroporto, praticamente metido na zona urbana densamente povoada da cidade do Recife, e então associou o som a tardios festejos juninos.

Nem bem passou-se um minuto, o piloto alertou pelo rádio a falha no motor esquerdo. Tinha deixado de funcionar após soluçar com força suficiente para estremecer a fuselagem por alguns segundos:

— Vamos voltar! — anunciou ele à torre. Conforme as instruções de praxe, o controlador de voo autorizou o retorno da nave avariada à pista do aeroporto. Era uma emergência. O comandante deveria regressar pelo mesmo trajeto por onde baixavam os aviões que aterrissavam. Só agora o técnico havia compreendido a origem do estrondo, mas sabia que, naquelas condições, seria perfeitamente possível ao piloto pousar a nave valendo-se apenas de um dos motores.

— Permissão concedida ao voo 4896.

— OK, retornando — obedeceu, lacônico, o comandante, torcendo o manche com dificuldade para tentar dar a volta.

Um minuto depois, ele se deu conta de que a turboélice da asa direita também não tinha força suficiente para impulsionar sozinha o avião de fabricação tcheca.

— Torre! — chamou outra vez. — Não há como chegar ao outro lado. O motor direito não está respondendo com a potência necessária.

Estamos praticamente planando! — informou com voz trêmula.

Reagindo ao tom aflito do piloto, o controlador umedeceu os lábios e tentou aliviar a incômoda pressão. Precisava se esforçar ao máximo para controlar o nervosismo, contando com calma suficiente para ajudar o piloto na difícil missão que se avizinhava.

— Autorizado a pousar na cabeceira da pista 2! — instruiu ele firmemente, depois do que pareceu um longo silêncio vindo da cabine compacta do bimotor.

Acomodados nos assentos, os passageiros pareciam inocentes à gravidade, acostumados às ligeiras turbulências rotineiras do bimotor, e habituados ao vaivém semanal entre uma cidade e outra da costa oriental do Nordeste brasileiro.

Arriscando a manobra, o experiente piloto acentuou o giro da curva, contando apenas com a reduzida velocidade de arrasto do aparelho. Dada a extrema condição, aterrissaria por onde havia subido, em vez de tentar alcançar o asfalto pelo outro lado, como lhe havia instruído inicialmente a torre. Ciente, porém, de que correria o infortúnio de chocar-se com outra nave que por desventura decolasse em sentido contrário naquele instante, caso se equivocassem. Confiaria cegamente nas informações do controlador.

A sucessão de estalidos no rádio e, a seguir, o nervosismo das vozes solapadas entre o comandante, seu auxiliar de cabine e o técnico na torre:

— Emergência! Não chegarei... não há força suficiente para..., tentarei sobrevoar a praia! — gritou o comandante.

— 4896, relate sua posição! — disparou o técnico.

Do outro lado, o desespero tomou conta, o avião era pesado demais para atuar como planador.

— ... baixe o nariz, baixe o nariz, pelo amor de Deus! — berrou desesperado o copiloto, quase ao mesmo tempo em que o companheiro grudado ao manche gritou qualquer coisa. Luzes vermelhas ao lado dos mostradores no painel não paravam de piscar.

— ... tentando... porra... me ajude aqui!

Meu Deus... — foi a última frase que ouviram o piloto gritar.

Olhando para cima e vendo que o avião voava rente à cobertura dos prédios luxuosos e sem aparente ruído, o pedreiro de uma obra próxima ligou rapidamente a câmera do seu celular, focou no céu e começou a gravar.

— O avião vai cair! — gritou aos companheiros, enquanto filmava.

Segundos depois, o bimotor enfiou por detrás dos edifícios da orla de Boa Viagem e desapareceu momentaneamente do alcance da tela do telefone, em direção à praia.

O operário e os dois colegas acabavam de trocar de roupa para começarem a trabalhar, e decidiram ver o que tinha acontecido do outro lado do prédio, que lhes obstruía completamente a visão.

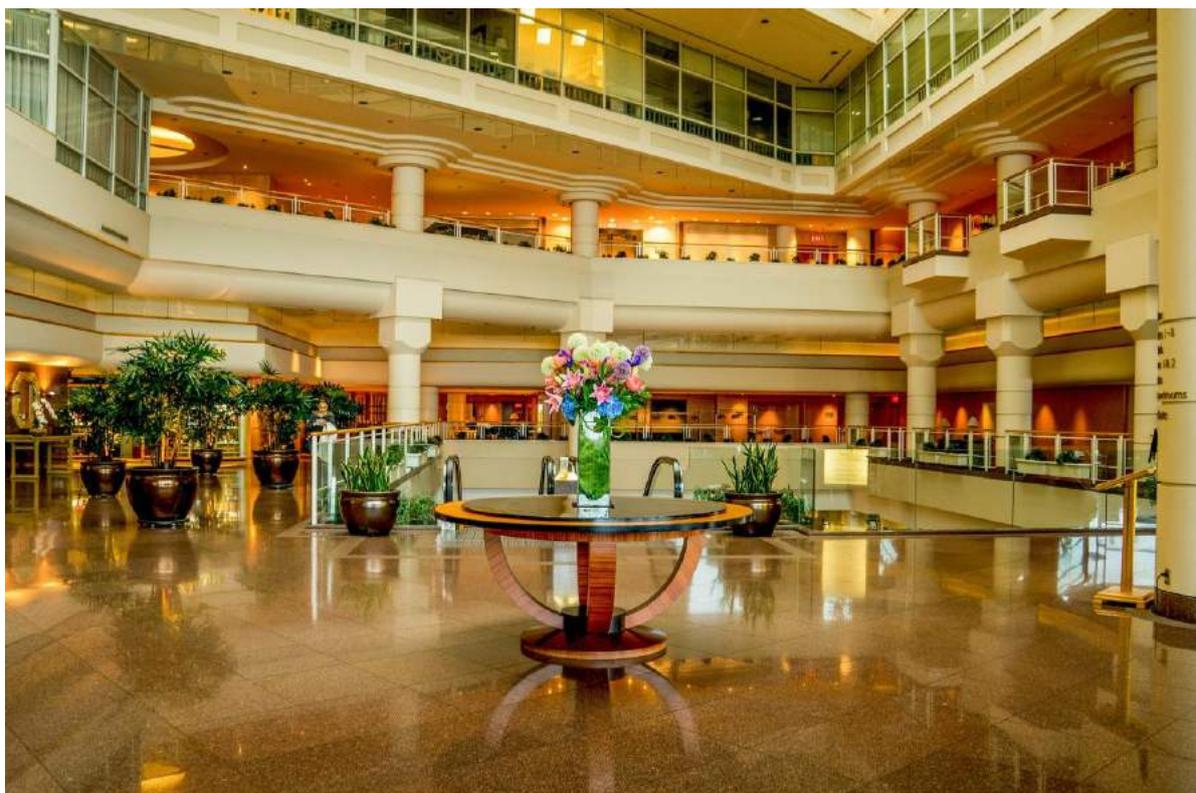
No afã da correria, o solo estremeceu sob seus pés. Foram as primeiras testemunhas ante o único terreno baldio existente entre o paredão de arranha-céus e o oceano Atlântico à frente. Boquiabertos diante do emaranhado de metais retorcidos como tecidos dobrados, fios e cabos pendurados, cadeiras destroçadas e a poeira subindo dos objetos desconjuntados, formando um acúmulo de ferro velho desgrenhado.

Cerraram os dentes e correram em direção ao que permanecia de pé, a cauda branca do avião, despontando do matagal igual a um pavilhão voluntarioso.

Em suas mentes, só havia o desejo de socorrer os acidentados. Distinguindo uma silhueta humana, quase como um fantasma, no meio da cortina cinzenta, a cambalear entre as ferragens tentando escapar dos destroços, o operário gritou:

— Olha lá, é uma mulher! — e avançaram em sua direção.

Mas recuaram bruscamente ao experimentarem nas faces a explosão instantânea e ensurdecadora de toneladas de ar quase atirando seus corpos para trás, sufocando-os de calor abrasador, e, em seguida, a visão ofuscada pelas ameaçadoras labaredas do fogo começando a arder ferozmente no que havia sobrado.



Diógenes Carvalho Veras

2004-2006: Crônicas e contos, em jornais e revistas impressas do Rio Grande do Norte;

2006: Professor História, Secretaria de Estado da Educação e da Cultura RN;

2009: Contos da cidade do Natal, GráficaSul & Editora, 69 p., Natal-RN;

2016: Doutor História Antiga, Universidade Complutense de Madrid;

2016: 2ª edição Contos da cidade do Natal, Letras de Autor, Madrid;

2017: Poemas selecionados em certames literários, e publicados em revistas, livros e e-books do Brasil;

2017: Poema Luz, 1º lugar numa das categorias do Festipoema, Prefeitura de Pindamonhangaba-SP.

2020: No ar (Romance), em www.amazon.com.br

E-mail: diogenesveras@hotmail.com

CONTO: PARA SE PENSAR

POR GÉSSICA MENINO



Conto

Aqui acompanhamos a história de Lucinda e Marcos, dois sujeitos, que embora não houvesse ligações hereditárias ou de qualquer tipo de afeto, carregavam em si, a marca do passado, não qualquer passado, mas sim, um passado de feridas, de descontentamentos, desmotivações e desilusões, tudo isso, acompanhado com um toque de ignorância adjacente com a pobreza efetivada, ou ao menos temporária.

Lucinda era assim, simpática, quieta, menina de bom gosto, apesar de não conter a sorte do destino, ainda tinha a possibilidade de tentar ela mesma o fazê-lo. Nascida ao acaso, criada ao acaso e jogada ao acaso. Essa era a vida de Lucinda, tudo ao acaso, a tratavam-na como o próprio acaso, indivíduo que não havia propósitos, sentimentos, ideias..., a marca desta opressão era simbolizada por sua madrasta e reforçada pela figura do pai, pouco atento e presente na vida da filha e a vida doméstica que estes lhe impuseram, fora as opressões psicológicas e emocionais que a coitada sofria.

Temo dizer que ela não duraria muito, não naquele contexto de opressões e amarguras, até que venho por meio deste veículo, dar voz à Lucinda, vamos ver onde isso tudo vai parar:

Dentro de mim carregava o fio da esperança, o que mais me resta, aqui enjaulada no mergulho da maldade alheia? Já não me resta esperar, tenho que lutar, nem que pra isso, me reste apenas o fracasso, este ainda é bom fruto, perante meu presente desamparo.

Fugi, assim que pude o que me restava?! Não tive um futuro enfeitado, mas conquistei uma paz invejável. Sai estrada afora, por este país, enorme e esverdeado, não restando tão boas lembranças do meu fardo representativo, mas como carregava dentro de mim, uma superação de um passado, qual deletei assim que pude de imediato, ainda armazenava um grão de felicidade, felicidade própria, sem qualquer agrado. Conhecendo gente de diversas origens e passados, constitui dentro de mim, um saber irrevogável. Trabalhei como garçoneiro, faxineira, atendente de comércio e supermercado, juntava um dinheiro assim que podia e me mudava para outras cidades.

Conheci a natureza tão aqui espalhada, vi o descaso, o omissivo e o fracassado, vi o sorriso no rosto maltratado com as mãos calejadas, mas com um espírito revigorado. Estudei pouco, mas assim que pude regressei aos estudos que encontrei pelo caminho, até que pude ao menos completar um curso, que alguns rotulavam com uma risada e um olhar de deboche, essa é a futura escrava diziam.

Com minhas poucas despesas, conheci o país todo, um país de fora não me interessava, tendo em vista, que conheci vários turistas, durante minhas suadas pegadas na praia, à venda de um queijo, de um sorvete, de um camarão... aprendi a falar - Buenas Tardes! Assim como, - Yes, yes, here you go... Alguns me encaravam com um olhar de pena, outros de desgosto ou franziam o nariz ou a testa, já alguns reviravam o olhar, e a boca parecia que despejava um amargo ressecado de outrora... Não me importava, com meu boné e um lenço abaixo, ainda tentava manter um ar de feminilidade, com um batom discreto talvez, embora minha pele, rugas já apresentassem e minha roupa curvas não mostrassem. Consegui comprar uma pequena casa, a alugava, quando havia tempos em que naquela cidade não permanecia.

Particpei de manifestos, rebeliões, conquistas e ações pró à segurança, à saúde, à educação, à criança, ao adolescente e até ao idoso; uma prima minha de longe grau, acompanhou-me em alguns eventos desta jornada, até que se afastara e o acaso lhe tomara conta. Tive pena, e como tive, mas tive que seguir em frente numa esperança que para ela já estava perdida, enquanto para mim, embora emudecida ainda resistia. Não me casei, não tive filhos, preferi seguir um caminho no qual, não que neste não se encaixava, mas preferi assim, embora minhas colegas de trabalho, até os homens mesmo, diziam que me arrependeria que sentiria falta. Pois não me arrependi e muito menos senti falta, embora quando visse uma criança, uma multidão de sentimentos e pensamentos me ultrapassava o corpo todo, mas logo iam embora, quando incessantemente nos horários vagos e calmos, sem nenhum festejo, me compromissava na leitura dos best-sellers, que as moças do supermercado, tanto falavam e tinham a esperança de ser a mocinha do enredo, em que tudo de repente sem o menor esforço acontecia, se realizava, como um passe de mágica, algumas se tornavam ricas, outras encontravam o príncipe encantado, enquanto outras só conheciam o mundo por causa do marido. Até que eu me cansava, e ia eu mesmo reforçar a minha busca de construir a sorte da minha vida, com ou sem príncipe encantado.

Naquela época apenas me embelezava de fato, com um vestido florido, um colar discreto e um par de brincos pequenos, mais uma sapatilha e um batom claro quando ia à missa, poucas vezes frequentada na realidade. Gostava de ir para comparar a igreja dessas com a daquela outra cidade, qual que parecia ser mais rica, qual tinha uma missa menos comprida, qual tinha menos fofoca e qual tinha um coral um pouco menos ríspido. Tive vários vizinhos, muitos sendo gente agradável, de bom feitio, de boa índole, simples e educados, com hábitos de domingo, nos quais sempre me convidavam. -Vem para o churrasco, diziam. Nas rodas de conversas cochichavam, como se eu não ouvisse: Ela veio de outro estado. Em outras rodas: Não tem família, tadinha. Enquanto outros descaradamente já diziam: Não é perigoso não, andar por aí sozinha... Respondia com um leve sorriso segurando um sentimento de não é da sua conta à beira da explosão, mas me retinha era o melhor a ser feito. Assim que me cansava, voltava para meu pequeno aconchego e ali ficava.

No final das contas, não fui doutora, não fui advogada, não fui donzela, não fui miss... No asilo que me colocaram, em virtude dos anos carregados, com os internatos eu compartilhava minhas fotos de viagens, das igrejas que conheci, dos gringos que poucas palavras troquei, de amigos, de vizinhos... Todos ficavam surpreendidos, especialmente o Lucas, que sofria de perda de memória repentina, as apreciava e dizia que ele mesmo fora quem viajara.

Meu caro, nesta história simples compartilho não um fardo, que me fora supostamente consignado pelo destino, mas sim, minhas vivências singelas, que resultaram de uma rebeldia interna e gratuita e que me frutificaram na maçã, que Arlindo, menino mirrado e sardento, acabara me comendo numa tentativa de fuga da polícia, dentro de um cemitério, aqui do interior de São Paulo.

Agora, sigamos com a história de Marcos, que graças ao acaso, apenas trocara algumas palavras com Lucinda, ao comprar um queijo, durante sua venda desesperada contra certos obstáculos (ora um copo, ora um canudo, ora um palito) ao decorrer da areia

úmida e desproporcionada. Sigamos com sua versão da história, um sujeito simples de aparência, embora um tanto rabugento e ao mesmo tempo de estilo temperamental, por incrível que pareça:

Bebo e bebo, só bebo... é assim que me rotulam: o bebum. Numa experiência corriqueira de bar, quase me acabo, me enlouqueço, brigo com todos, um dia desses quase fui morto, mas mesmo assim, ainda bebo. Está no sangue, está na raça, filho de bebum, bebum é fazer o quê? Não escolhi nascer nessa desgraça!

Tenho dois filhos insuportáveis, quando estou cheio de ódio, não me custa dar uma chinelada, até mesmo uma cintada, na realidade várias mesmo, quanto a Aurélia, minha esposa, eu arrevento em mil pedaços, chora de vez em quando, mas só isso. A autoridade costumava visitar minha propriedade, mas logo ia embora, quando principalmente percebia o meu impacto movimentado no bairro.

Sou conhecido como o duro do pedaço, gasto e gasto. Como sou o fruto do acaso, meu pai dono de propriedades, me deixara apenas essa fazenda, outros dizem que fora minha mãe, compadecida pelo filho indesejado, quanto aos demais irmãos o restante dos bens levaram, minha esposa de vez em quando, vive a pedir esmolas para eles, no tempo de difícil gado, difícil colheita, difíceis tempos de fartura...

Quando estou sóbrio, me reencontro perdido no desconforto da minha existência, volto a beber e a beber, é neste estado que me encontro totalmente tomado num esforço revigorado, com uma energia maligna, uma força independente, indestrutível. Não sinto as consequências de meus atos, de vez em quando até agrado a família; mato um porco que a mulher logo servirá no prato e ao bairro vendo o leite com um desconto inacreditável, vendo dois pares de alface pela metade do preço e trinta ovos por apenas dez reais. Todo domingo doo a igreja dois sacos de laranjas, um saco de milho, mais um par de galinhas e recebo até uma benção do padre.

Não me resta mais nada, sou o duro do pedaço. Assim permaneci por anos, até que a mulher e os filhos se mudaram, a fazenda abandonada ficara, mas e eu me preocupava? Não havia tempo para isso, a energia maligna de meu estado é o que agora me sustentava, uns entravam em minha propriedade e roubava o que me restava, mesmo que fosse apenas uma galinha ou um porco. E eu me importava? Desde que me trouxessem meu combustível, poderiam levar tudo, eu até agradecia.

Sou a desgraça do meu próprio destino, fiquei sabendo que meus filhos se formaram, já eram homens crescidos, a maldita da mulher com outro se casara e diziam que estava até mais bonita. Sou o duro do pedaço?! Rio comigo mesmo e debaixo da sombra da mangueira, bebo o restante que me resta, até o entardecer. Ah, que delícia maldita! Descalço com os pés rachados, fedendo a cigarro, com a calça jeans rasgada e a camisa um tanto quanto, a barba mal feita, os cabelos negros encaracolados rípidos e arrepiados, com as unhas afiadas e negras de sujeira, assim meu corpo padece debaixo da mangueira, protegendo-me um tanto razoável das gotas finas que caem do céu, até que estas aumentam e se tornam violentas, deixando-me todo encharcado e assim me desfaço com um olhar pouco vívido direcionado ao tempo nublado, reunindo-me com meu outro eu, que já jazia num longo e perdido tempo transfigurado, no meu último abraço sóbrio em meu neto que me visitara semana retrasada. Sou o duro do pedaço.

Eis a história de Lucinda e Marcos, dois sujeitos, que embora não havia ligações hereditárias ou de qualquer tipo de afeto, carregavam em si, a marca do passado, não qualquer passado, mas sim, um passado de feridas, de descontentamentos, desmotivações e desilusões, tudo isso, acompanhado com um toque de ignorância adjacente com a pobreza efetivada, ou ao menos temporária. Fica a cabo de você meu caro leitor, interpretá-la. O que valeu a pena?



GÉSSICA MENINO, uma das vencedoras do concurso literário nacional “Novas Contistas da Literatura Brasileira”, pela Editora Zouk, com o conto “As curvas do tempo”, publicado em 2018 e uma dos ganhadores do Concurso Literário Internacional da Academia Fluminense de Letras 2018, na modalidade conto, com o texto intitulado: “A vida de um casal de professores”. Autora do conto “Sem perder o ritmo”, publicado em 2020 na antologia “O lado poético da vida” e autora de dois poemas publicados pela 12ª edição da Revista Inversos “Eis O Verão” e “O Sublime” em 2020. Acadêmica Correspondente à Cadeira 239, da Alpas 21 (Academia Literária Internacional), tendo como conto em destaque “A maçã reluzente”. Autora dos poemas “Seu Nome” e “Isolamento Social” na Antologia Poética “Só depende de mim”, publicada pela Revista Inversos em 2020, poemas a respeito de COVID-19 e autora do poema “Bem-vindo, Christopher!”, publicado através do Podcast “Toma Aí Um Poema” em 2021.



CONTO: LOBISOMEM
POR IDICAMPOS

Conto

A Lua cheia enche os limites desta folha de papel...
 Diretamente da Coreia, em Mesquita, abraçado na pobreza carioca; um menino, ainda ingênuo, sonha em ser policial militar. Defender a lei, botar a ordem (assim como arrumar um por fora) completava a sua sina.

João, natural da baixa renda, resulta da influência dos violentos filmes americanos e da truculência da polícia.

A adolescência do favelado testemunhou as incursões do aparato repressivo na comunidade, contribuindo com a sua formação psicológica, pois o cotidiano, naquela cabeça, transformava a dor do outro em banalidade.

Em época de eleição, os candidatos sobem o morro, oferecem cesta básica, cerveja barata, churrasco de carne de segunda e muita mentira.

Ele assistia ao comício do pretense deputado federal, na cabeceira do morro, quando ao invés de aperto de mão, o político mordeu o seu pescoço... Tonteou, saiu do corpo, voltando a si com uma enorme cicatriz.

Misteriosamente, mais tarde (como já de costume) aparecia a lua cheia: os pelos cresciam, a careca transformava-se em cabeleira, olhos vermelhos, dentes afiados, bastante ódio; compunham o lobisomem da Coreia.

O DNA do espírito sem luz, a herança do candidato, agora deputado, corria livre nas veias da vítima, uma alma penada, naufragada no pecado.

Primeiro a transformação acontecia só em lua cheia; logo a frente de 72h em 72h... Era o pesadelo da área!

Aprovado de cara no concurso de ingresso aos quadros da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. O sombrio herói trazia legalidade à perversidade.

O destino, implacável, flagrava um urubu concentrado, repousado numa árvore triste, mantendo o soldado vigiado...

O pássaro negro, oriundo do lixo, alimentado de carniça, acompanhava os passos do genocida.

João Messias, além de malvado, era cumpridor dos seus deveres, mantinha as botinas engraxadas — propina do oficialato em dia — farda engomada, cabelo cortado, barba feita: praça exemplar!

O sangue subia os caninos do lobisomem, uivava de prazer:

— Aum! Aum! Aum!

Não livrava a cara de ninguém... Na comunidade matava tudo que respirava... Sentia orgasmo diante da morte.

Pego de surpresa, apenas num episódio macabro de extermínio de morador de rua, mas nada consta na delegacia — justiça não foi feita para pobre — possuía costas quentes.

O urubu, constantemente, observava-o, servia-se das sobras dos defuntos...

O agente da lei subiu rapidinho, logo, sargento Messias, porém a maldição continuava: o suor despencava da face, o mal crescia dentro dele; então, o cheiro de velório parecia inevitável... Os colegas da viatura, fadados à contaminação, apoiavam o assassino.

Num daqueles espetáculos de cena de terror, o policial foi interpelado pelo urubu. O bicho manifestou-se ao repressor, transmutou-se no deputado federal eleito (terno italiano, sapato de couro alemão, gravata das cores da nação) o autor da fadada mordida...

Os apertos de mão — o convite para ser assessor de gabinete — a cervejinha, o teco na branquinha, o salgadinho de farinha de trigo, as fotos de enterro, o cheiro das flores mortas; um grande cenário preenchia a confraternização dos meliantes...

Juntos propuseram a reforma do ambiente: venderam gás, cobraram água, roubaram luz, instalaram TV a cabo, trouxeram internet, construíram prédios no bairro da Muzema; garantiram o conforto do povo! Através desta milícia (falsa segurança).

lavavam o dinheiro desviado do gabinete do mandato, conhecido por “rachadinha”.

Aliados aos conservadores foram batizados na igreja, recrutados em célula nazista, proliferaram homofobia, espancaram criancinhas, apoiaram o extermínio dos índios, etc.

Os crápulas ganharam vulto na sociedade, instituíram a maledicência, invadiram Brasília, expandiram os negócios, legalizaram a propina, fizeram acordo até com o diabo.

O arquétipo da assombração virou mito na globalização da pandemia; os parceiros receberam o status de criminosos internacionais por crime contra a humanidade.

O mandato vai chegando ao fim, já tem gente querendo limitar o surgimento da lua cheia; no entanto, o terror resiste, muda de partido, abandona o satélite natural, o pavor caminha na escuridão.

Os vampiros — mas também todos os monstros — reivindicam uma fatia do bolo, o inferno da política nacional está montado, os zumbis apresentam as plataformas eleitorais, lançam seus representantes, a sorte está lançada; contudo, o azar continua no páreo...

Final do ano, nova eleição, faixa esticada aos pés do morro:

“JOÃO MESSIAS SENADOR”

Quem pode mete a mão, se não tem condição, vai ser tira...



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

A large three-masted sailing ship with white sails is the central focus of the image. The ship is positioned on a dark, calm sea. The sky is filled with dramatic, dark clouds, with some light breaking through, creating a moody atmosphere. The ship's sails are fully deployed, and the rigging is visible. The overall scene is captured in a cinematic style, with high contrast between the white sails and the dark background.

CONTO: LIBERTAÇÃO

POR MÍRIAM SANTIAGO

Conto

*Correntes que nos prende
e aprisiona a algo.
A liberdade existe de fato?
Então o artefato, neste caso,
nada mais é do que pura ficção!*
(Míriam Santiago)

Aproveitamos a ida da família real em 1808, para que, junto de mais famílias portuguesas, pudéssemos desembarcar no Brasil. O novo mundo nos encantou, pois em Portugal muito se falava dessa conquista e a promessa de uma vida melhor nos foi ofertada. Meu marido e eu então partimos em uma nau, ao todo foram três embarcações que saíram logo ao nascer do sol levando em cada uma delas, além de quase 1.500 pessoas, a Esperança.

E assim deixei o Velho Mundo, o meu amado país, as lembranças de uma terra fértil de rica plantação para a incerteza, sentimento que carregava dentro da alma, mas que não deixava transparecer ao meu marido, que diferente de mim, não se cabia de felicidade em tentar uma nova vida.

No décimo dia de viagem eu já não aguentava mais. Como nasci e permaneci sempre no mesmo vilarejo, não tinha ideia do que seria viajar para tão longe sem nenhuma acomodação, com higiene precária, comida fracionada, sem banheiro, tudo era contado e os mais abastados financeiramente conseguiam se alimentar melhor e até dispunham de pinicos, limpos por seus escravos, já que na embarcação o dinheiro “falava” mais alto.

Dormíamos em um minúsculo espaço e só conseguimos ampliá-lo porque o casal que dividia o ambiente conosco desapareceu, nos deixando acomodar melhor nossos sete filhos.

E mesmo após tantas gestações, ainda continuava uma mulher atraente, com o cabelo ruivo à cintura, mas que o mantinha sempre num coque, olhos claros, assim como a cor da pele, foram os atrativos que ofuscaram as vistas do capitão no décimo quinto dia de viagem. Não podia subir ao convés que o capitão se juntava a mim vindo a puxar conversa. Consegui por vezes me esquivar, mas numa noite em que não conseguia dormir e a angústia em chegar à terra prometida me levou até o convés e não me dei conta do perigo que rondava o local. Ao fugir de dois marujos bêbados, fui parar no corredor da cabine do capitão, que ao barulho abriu a porta expulsando os homens e me colocando para dentro.

A cabine ficava ao final do navio, em ponto estratégico e o único a ter certas regalias. Uma tina ao canto com toalhas limpas, assim como onde dormia. O aposento também era o único local a cheirar bem, diferente de onde me instalara com minha família, que cheirava a mofo, doença, com percevejos, carrapatos, baratas e ratos, que disputavam a pouca comida e o cheiro da morte que entupia nossas narinas e nos levava a vômitos. Assim era todo o local dos aposentos, desumano e nojento, tão insalubre que muitos adoeciam e morriam.

O capitão chamava-se Leandro, um rapaz forte, alto, bem apessoado e educado. Sentei-me à mesa, serviu-me comida e uma taça de vinho. Sentou-se em frente a me olhar; não puxou conversa, apenas observava meus olhos e nem notei quando o sono foi tomando conta de meu ser. Acordei com o meu marido me chacoalhando, gritando porque os meninos estavam com fome. Ainda tonta, de pronto não me dei conta do que havia acontecido depois do vinho, mas ainda podia sentir o perfume do ambiente e das roupas limpas da cama.

Depois de 50 dias dentro daquele “inferno” aportamos no novo mundo. As três naus ancoraram na Baía de Guanabara e para irmos a terra fomos conduzidos a botes que desembarcavam passageiros e mercadorias e recebiam mantimentos e água. Logo que pisamos “em terra firme” olhei ao redor e tive um mau pressentimento, um lampejo e cenas horripilantes invadiram minha mente, vi morte, sangue e destruição, agarrei o braço de meu marido, mas nada falei, assim como os enjooos que anunciavam que o oitavo filho estava por vir.

Depois de uma semana nos ajeitamos em nossa casa, as crianças corriam e pareciam felizes, assim como eu também tentava ser. E finalmente conseguimos ter nossa primeira noite de amor após 60 dias desde que deixamos Portugal, ansiava por ela, pois em breve já não conseguiria esconder a situação, nem a barriga.

— Patrícios, venham comemorar o nascimento de meu filho Rodrigo, o único em terras brasilienses. É um dia feliz para mim, pois marcará para sempre nossa conquista nesse lugar, que até gosto, não posso negar — brinda meu esposo com os vizinhos. E a cada semana, um vizinho também felicitava o nascimento do primeiro filho nascido no Brasil.

Havia certa magia em nós mulheres, pois assim como eu, as outras sete também escondiam um segredo, mas nenhuma de nós deixou transparecer. Ao total éramos em 20 casas e formamos uma vila ao sopé de um morro, que lá de cima podíamos ver as embarcações chegando e partindo e todo o movimento do cais. As crianças nos ajudaram a plantar árvores frutíferas, construímos jardins e aos poucos fomos deixando o local mais parecido com nossa amada terra natal.

— Mulher, disse meu marido, estou chateado, pois os nossos sete vizinhos mais chegados por conta de nossos filhos brasileiros estão partindo da vila.

— E para onde irão? — perguntei-lhe com certa angústia. Falaram em povoar todos os cantos do Brasil e cada um está partindo para um território diferente, esclarece meu marido José Pereira Martins.

A festa de Rodrigo, que completara 13 anos de idade estava animada e os moradores da vila participavam da comemoração. Rodrigo, porém, não estava feliz, pois os outros sete amigos inseparáveis não estavam presentes. Ele era o mais velho, mas todos os outros também completariam a mesma idade.

Ao apagar as velinhas, abracei meu filho, ao fechar os olhos, a recordação daquela noite veio aos poucos, do gentil Leandro me conduzindo à mesa, me servindo até a cama, que entre os lampejos conseguia sentir seus beijos e minhas roupas sendo tiradas com delicadeza. Mas a memória falhava e era reavivada em *flashes*.

Entre carícias já não via mais os cabelos louros do belo capitão e sim, uma penugem branca em minhas mãos, e entre meus braços um corpo defeituoso, todo

enrugado e torto... Abri os olhos e ao ver meu filho o empurrei e sai correndo, indo vomitar na rua, bem distante ao me lembrar daquele rosto deformado também com dentes tortos e nojentos. Sim, aquele era o pai de Rodrigo e não o belo Leandro. Mas quem seria ele afinal? Nunca saberia, com certeza. O homem por minha visão da memória teria ficado daquele jeito em razão de uma doença.

A lua cheia despontava no céu de março e a festa ainda prosseguia animada, os vizinhos comiam um porco preparado especialmente para a ocasião, daquela noite quente de verão. Rodrigo, o aniversariante sentia-se indisposto e levei-o para dormir, já que os adultos animados nem notaram a sua presença. Deixei o menino dormindo e fiquei na porta da casa observando a festa. Nisso, um barulho ensurdecedor se escuta vindo de longe. Tão alto, que fez com que muitos vizinhos tremessem.

Mas o bom vinho e o porco, a salada de lentilha, entre outros pratos foram mais apetitosos e todos deixaram para lá. Da porta escutei um som estranho de plantas arrancadas aos passos de alguém se aproximando, e vinha depressa. Mais perto da vila novamente o barulho ensurdecedor, que nitidamente se assemelhava a uivo, fez com que as pessoas parassem de comer novamente. E tão próximo foi o barulho e a rapidez de um vulto que logo se fez presente bem perto de nós. A lua encoberta entre nuvens escureceu a vila. E rapidamente a criatura ou o bicho selvagem, sabe-se lá o que era, começara atacar os moradores. Os mais frágeis foram os primeiros a ser degolados. A criatura era enorme, peluda, que usava de toda força para morder e sorver-se de sangue. E corria em quatro patas ou pés, pulando em cima da próxima vítima, retalhando-a até as vísceras. E quando a lua despontou reluzente, havia corpos e muito sangue por toda parte, tão qual minha visão ao chegar ao Brasil.

Na reconstrução do povoado, os soldados do imperador vieram e levaram Rodrigo, chamados pelos vizinhos, que apontavam meu filho como a fera, o monstro da lua cheia por ser o oitavo filho de sete meninos posteriores; era a lenda do lobisomem que os atormentava, sendo apedrejado em meio a prisão.

Desolados, eu e meu marido tentamos de tudo para salvar Rodrigo, que julgado foi condenado à morte.

E assim como aconteceu na aldeia onde morávamos, nas outras partes do país, onde as outras famílias foram habitar o episódio foi o mesmo. No aniversário dos 13 anos, início da puberdade, o lado inumano despontou naqueles meninos, filhos obscuros, concebidos de uma doença.

Quando tudo parecia voltar ao normal, no mês seguinte, o mal rondou a vila novamente e a criatura despertou entre o esconder da lua cheia, matando e devorando mais vizinhos até que os poucos sobreviventes mudaram-se para perto do cais.

Não tão longe dali, os soldados à caça da criatura encontraram uma choupana no meio da mata com roupas femininas e correntes, além de alimentos. Os homens desistiram, já que não havia pegadas a seguir e nem pistas a investigar...

... Caminhavam mata adentro sem sapatos e com folhas grudadas aos pés para não deixar rastros mãe e filha, uma adolescente doente, com o corpo magro e curvado de nascença, dificuldade para falar e se comunicar. A mãe esconderia a moça em um lugar mais seguro até o próximo momento de libertação.

— Pronto minha filha, fique com provisões até que eu consiga voltar.

Despediu-se e no caminho de volta à vila toda a sua vida foi sendo detalhada, desde jovem em Lisboa quando de sua paixão pelo vizinho, a mão prometida ao marido, um homem detestável para ela que nunca a respeitou na quarentena dos filhos, engravidando-a até no resguardo. A infelicidade em ter que largar a terra natal para vir tentar a sorte num lugar provinciano. A humilhação naquela nau, na sujeira e expondo as crianças a qualquer tipo de doença, até ter se sujeitado à cama do capitão gerando os gêmeos. Mas o pior foi presenciar a morte do pobre Rodrigo e de Conceição, a única filha, que o marido mandou enterrar viva ao nascer por causa da doença, sendo salva por uma escrava que a guardou a mando dela. Tudo em sua vida foi lastimável!

— A cada vez que Conceição se liberta ao transformar-se por meio dela eu me sinto livre também de tudo isso que odeio.

E novamente a lua cheia despontou no céu estrelado, despertando medo e incerteza nas pessoas e libertação no coração dos sofredores.



Miriam Santiago: jornalista - atua em Assessoria de Comunicação - e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados, porém, sua predileção é o fantástico. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog:

<http://miriammorganuns.blogspot.com> - Contato: miriammorganuns@hotmail.com



**CONTO: LABIRINTO ESPACIAL OU
MENTAL?**

POR ROBERTO MINADEO

Conto

O título parece apontar a uma impossibilidade, ou a uma complicada montagem em três dimensões. Não se trata de nada disso. Na verdade, por ser real – ao menos na vida do Hélio – é bem pior.

A pane em sua mente foi iniciada aos poucos, o Hélio não saberia dizer quando nem como. Chegar à casa passou a apresentar crescentes dificuldades. Não, não imaginem que ele estaria chafurdado no vício da bebida, nada disso, nosso personagem era bom e pacato, um simples trabalhador. Mais do que isso, sentia um legítimo orgulho pelo que fazia: como engenheiro mecânico de uma das estatais da eletricidade, respondia pela manutenção da qualidade da prestação de serviços a vários bairros da megalópole paulista, na qual crescera, se formara e vivia. Tampouco estaria ele acossado por bandidos na vizinhança – morava em um bairro razoável.

Ao se separar, foi a um bairro novo, dado que foi preciso comprar um novo apartamento, enfim, retomar a vida. Nenhum problema, acontece com tanta gente, não havia nenhum drama nisso, e a tarefa não trouxe dificuldade alguma. Então nosso engenheiro se mudou da Vila Mariana – tão comodamente servida pelo Metrô – para a Casa Verde.

O fato de viver um pouco mais distante do centro não representava nenhum inconveniente para um engenheiro que chefiava uma equipe importante, e que, portanto, gozava de total liberdade de horários, que lhe permitia evitar os momentos de trânsito mais intenso. Em algumas ocasiões de inspeções a campo, nem utilizava seu carro, sendo buscado por uma pick-up da firma.

O prédio em que passou a viver era recém-construído, aliás com vários cheiros de novo – importantes pontos de referência na vida de um engenheiro. Detinha outras vantagens em relação ao local em que vivera sua vida de casado, como salão de jogos e piscina.

Os problemas que advieram não eram ligados ao edifício nem às comodidades que oferecia. Os diversos médicos que procurou não conseguiram ajudar de modo definitivo, todavia, atribuíam à mudança um elemento que poderia ter destruído as referências do Hélio.

Tudo começou quando em certa ocasião o seu motorista combinou apanhá-lo às nove e meia da manhã. Corriam os anos 1980, nada de celulares nem de chamadas frequentes de telefone fixo para telefone fixo apenas para dizer algo como “cheguei à hora combinada”. Marcava-se um horário, chegava-se à hora aprazada. Pronto, nisso consistia a vida profissional de engenheiros ligados ao fornecimento de energia elétrica – que não poderiam imaginar atrasos, mais ligados à vida boêmia de artistas, tais quais músicos ou atores.

O tempo foi passando, nosso motorista ficou preocupado quando seu relógio marcou vinte minutos de atraso. Resolveu estacionar o carro e tocar a campainha do 202 – no qual vivia o Hélio. Ninguém atendeu. O prédio, por ser pequeno e modesto, não contava com porteiro, o que deixou o motorista mais e mais preocupado, e com a adicional chateação de ter de esperar na calçada. Desnecessário dizer que justamente neste dia a tradicional fina garoa paulistana marcava o tempo, e que o motorista, sem guarda-chuva, não gostou nem um pouco de ficar encharcado enquanto aguardava.

Às dez e cinco saiu uma moradora com o carrinho da feira, que teve a infinita paciência de ouvir a narração do problema. Nessas circunstâncias, o uniforme e o carro funcional atuavam com maior eficácia do que um “abra-te sésamo” do mundo da

fantasia. Lá se dirigiu nosso porteiro prédio adentro, rumo ao 202. Nada. Tocou, chamou e nada. Chegou a chamar relativamente alto, como se estivesse a acordar alguém que tivesse perdido a hora. Nada.

Voltou à rua, procurou um “orelhão” e perguntou à secretária da firma se havia algum recado, se o Hélio fora ao médico ou se informara de problemas de saúde na família. A secretária se surpreendeu mais ainda do que o motorista, pois nosso engenheiro vivia com a maior regularidade imaginável, e, ainda na faixa dos quarenta e poucos anos de idade, era tido por “diretorável” – jargão para os executivos com potencial de chegarem à tão sonhada posição de direção da empresa, algo bastante marcante por se tratar de um grupo com milhares de trabalhadores.

Após essas providências, não restou ao motorista senão retornar. Ao dia seguinte, o Hélio voltou com um respeitável atestado médico. Envergonhado, não quis entrar em detalhes.

Entretanto, todos notaram que o Hélio fazia questão de ir com o próprio carro naquelas ocasiões em que normalmente seria acionado novamente o motorista. Nenhum problema, desde que chegasse, o que começou a deixar de acontecer. Primeiro vieram os atrasos, depois as faltas – sempre sucedidas dos atestados de psicólogos e de psiquiatras.

O Departamento de Recursos Humanos se viu compelido a chamar o Hélio para conversar. O que na atualidade é algo rotineiro, naquele tempo era raro. Então nosso engenheiro ficou envergonhado e com medo de ser marcado pela firma ou de perder a tão aguardada promoção.

Nada disso ocorreu: a profissional que o atendeu foi discreta e conseguiu convencê-lo de que de fato a firma estava preocupada com a saúde de todos. Dessa forma, o nosso engenheiro foi encaminhado aos médicos da própria firma para ser acompanhado, e para que a sua situação fosse conhecida – afinal, lidava com uma equipe grande e que realizava tarefas complexas e de elevado grau de risco. À primeira conversa, o Hélio ganhou sessenta dias de afastamento para tratar de sua saúde.

O que pareceria a qualquer pessoa uma oportunidade de cuidar da saúde para melhorar, ao nosso engenheiro representou a pá de cal que faltava para enterrar sua carreira, apenas guardadas as aparências de dignidade.

Quais eram os fatos? Quais eram os malditos problemas que faziam nosso atormentado engenheiro vagar em vão de psicólogo em psicólogo e de psiquiatra em psiquiatra? Com uma frequência crescente e assustadora, o Hélio não mais conseguia se localizar espacialmente, algo terrível para o trabalho que desempenhava, ou melhor, estava agora tentando recomeçar a fazer.

Então o seu simples prédio de três andares, com duas escadarias e oito apartamentos por andar se convertera em algo aterrorizante, com inúmeras entradas aos apartamentos em cada andar, ao invés da única porta, com acesso à sala de estar. Além disso, ele se deparava com inúmeras torres de elevadores e de escadas, todas maiores do que o próprio prédio. Tudo isso constituía uma pavorosa fonte de confusão. Quando conseguia sair à rua, os arredores eram sempre sombrios e sinistros, mesmo nos dias mais ensolarados.

Na prática o Hélio perdia horas. Por exemplo, no dia fatídico que marcou a última ida de seu motorista para buscá-lo, houve uma tentativa de chegar pontualmente à portaria, o que representaria sair do apartamento e descer dois lances de escadas – até porque seu prédio sequer dispunha de elevador. Pois para seu mais completo

desespero, nesse dia saiu do apartamento e vagou pelos corredores e escadas, ignorando por onde andou. Quando soube que o motorista o procurou e bateu em seu apartamento, ficou desesperado, pois poderia estar perfeitamente apenas um andar acima.

Os médicos não sabiam como equacionar o problema, aliás, não sabiam sequer entender qual seria o maldito problema. Todos os exames existentes à época foram feitos. Nada se encontrou que pudesse sugerir problemas de ordem neurológica ou física.

Os sessenta dias de afastamento representaram o pior mal possível, a ser acrescentado à doença: a ociosidade. Hoje, graças à abençoada realidade do onipotente computador e de seus subprodutos, existem seriados e de filmes que poderiam facilitar o gozo desse período e a eventual recuperação da saúde, sem falar em cursos ou em inúmeros blogs sobre todos os temas imagináveis. Todavia, naquela jurássica década no tocante à tecnologia, enquanto não estava indo de médico em médico, o Hélio mais e mais ficava deprimido. Os psiquiatras agiam, pois, a depressão já era conhecida, e havia remédios para tratá-la. Infelizmente tal doença se aprofundava em função do prazo dado para que ele fosse curado...

Nosso devastado Hélio passou pela maior humilhação da vida: conversou com uma vizinha para relatar seu problema de saúde. Pediu apoio para se abastecer de alimentos e de remédios. Na prática, quando ela ia às compras, o alertava, e procuravam ir juntos.

Passaram-se os sessenta dias, a vizinha acompanhou o Hélio à empresa. Todos os atestados e resultados de exames foram apresentados aos médicos de sua companhia, que foram unânimes em constatar a impossibilidade do retorno ao trabalho e de aconselhar mais três meses em casa.

Ingênuo, nosso engenheiro quis visitar o pessoal de seu departamento. A experiência foi terrível. Por um lado, ele mesmo estava cada vez mais distante e deslocado. Por outro lado, havia sido forçosa a busca de um titular para a vaga que ele vinha ocupando com tanto brilho. Constatar que havia outro em sua sala e em sua mesa representou um duro golpe a um já debilitado Hélio.

Sua sorte foi ter o braço amigo da vizinha, que o conduziu em segurança à casa. Todavia, este apoio era limitado, restrito a cerca de uma compra ou acompanhamento a algum médico a cada semana.

Ao longo das semanas seguintes, entrou em desespero. Passou a ficar cada vez mais trancado em casa, com medo de se perder. Chegou a pensar em comprar um cão guia, mas as primeiras consultas foram recebidas de forma negativa, dado que tais animais eram muito raros e reservados a deficientes visuais. Sem ter atividades às quais se dedicar em casa, sua situação foi piorando. Assim, a confusão espacial começou lenta e progressivamente a se alastrar a outros campos.

A primeira confusão entre palavras foi a de “joelheira” com “candelabro”. Não conseguiu se recordar do contexto desse diálogo, todavia o fato foi suficientemente grave em sua mente, a ponto de não deixar de reportá-lo à psiquiatra que o tratava.

Os médicos se assustaram porque os sintomas não eram exatamente os mesmos do “Mal de Alzheimer”, e porque o paciente estava com apenas quarenta anos de idade.

Ao longo dos noventa dias adicionais de repouso, o Hélio não conseguia mais ficar preso em casa ou à espera do semanal apoio da vizinha. Começou a tentar aventurar-se pelos corredores do prédio. Seu estado de alheamento mental não

permitia que tomasse consciência dos perigos a que se expunha, e, muito pior, sequer notava estar vagando pelos corredores e pelas escadarias do prédio durante horas e horas – períodos em que de forma crescente confundia não mais apenas palavras como também conceitos e ideias.

Em certa ocasião, um morador do prédio que jamais vira o Hélio se assustou com o que viu. Balbuciando termos desconexos pelos corredores, malvestido e cheirando mal, foi tomado como um morador de rua que invadira o prédio. O síndico foi acionado; já conhecia a situação, tendo sido informado pela amistosa vizinha que tantas vezes acompanhava nosso pobre engenheiro.

Nosso engenheiro foi acompanhado ao pronto socorro e depois aos médicos que o atendiam habitualmente, sendo internado em uma das melhores clínicas da capital para estar em observação – dado que já atingira o infeliz ponto de colocar-se em perigo caso permanecesse entregue aos seus próprios cuidados ou pensamentos.

Mesmo após receber a visita de vários médicos, nenhum diagnóstico dotado de alguma consistência veio a ser obtido. Desnecessário acrescentar que a esta altura dos acontecimentos a aposentadoria definitiva já fora decretada.

Todavia, apesar da ausência de se conhecer o mal que acometia o Hélio, os profissionais que o atendiam – reunidos em uma respeitável junta médica – não o poderiam liberar. Resolveram aprimorar ainda mais a possibilidade de um diagnóstico, com o apoio dos mais renomados psiquiatras da megalópole. Foram seis meses de novas consultas e dos mais sofisticados exames. Tudo em vão. As doenças conhecidas foram afastadas. Por outro lado, por ser ainda jovem e pela ausência de traumas de qualquer natureza, foram também desconsiderados os distúrbios psicológicos habituais, tais como paranoias ou esquizofrenias.

A troca de conceitos em meio às conversas mais banais foi o elemento que mais impressionou aos profissionais da saúde. Nomes de alimentos ou das peças de roupas deixaram de fazer sentido. As cores e alguns dos verbos mais usuais deixaram de ser captados pelo pobre Hélio.

Ocorreu o inesperado: o doente fugiu. Os bombeiros e a polícia foram acionados, no que constituiu a maior busca jamais vista do gênero. Um exército de cães farejadores vasculhou a cidade, após ter cheirado as roupas de nosso arruinado engenheiro. Tanto a imprensa televisiva quanto a escrita noticiaram amplamente o fato em diversos horários, para ajudar nas pesquisas – a tal ponto que a foto do Hélio se tornou nacionalmente reconhecida.

À medida em que o tempo transcorria, a preocupação de todos se ampliava, pois a dura realidade do relógio não trabalhava propriamente a favor. Vários de seus colegas chegaram a dedicar alguns tempos dos finais de semana para auxiliar nas buscas.

Meses depois, uma enorme surpresa envergonhou a todos os envolvidos nas buscas: o Hélio foi visto vagando nos intermináveis corredores e escadas do seu próprio prédio – exatamente aonde tudo começara e onde ninguém jamais imaginaria procurar. Sua perspicácia em evitar os horários dos moradores era portentosa, ao se considerar o deteriorado quadro de saúde que apresentava.

De tanto andar, e com péssima qualidade da alimentação, tratava-se de uma pálida lembrança do que fora. A inanição era tamanha que os médicos foram unânimes em afirmar que o Hélio apenas veio a ser encontrado por um de seus vizinhos pelo fato de ter ficado fraco demais, a ponto de ter sido obrigado a caminhar mais devagar. Por outro lado, a surpresa prosseguiu: a forma de alguém com um tão grave

empobrecimento de conceitos conseguir sobreviver durante meses circulando em seu próprio prédio sem ser visto continuava sendo um tremendo mistério.

Seu vocabulário fora reduzido a uma única ideia, obsessivamente dominante: o relógio... o despertador...

Os psicólogos continuaram atônitos, afinal o Hélio exercia um cargo de chefia e detivera a condição de poder marcar seus horários de acordo com a própria conveniência. Um novo período de internação levou a uma sensível melhoria no tocante à saúde física, estando, porém, a saúde mental em uma situação de difícil retorno, conforme a avaliação da equipe médica.

Susana, uma das mais novas enfermeiras da clínica, ficou cheia de pena ao vê-lo falar tanto de relógios e resolveu arriscar a trazer um velho despertador, daqueles mecânicos grandes, com um mostrador de uns quinze centímetros de diâmetro. Houve um imediato desejo do paciente em desmontar o pequeno aparelho. Uma chave de fenda foi emprestada e a enfermeira ficou próxima e atenta, a fim de evitar que possíveis danos ocorressem. Para surpresa das enfermeiras, o aparelho foi rapidamente desmontado, limpo e remontado.

A chave de fenda seria levada embora, quando se percebeu que o Hélio começou a conversar. Pediu que pudesse refazer a “operação” no velho despertador. As enfermeiras se revezaram, abismadas perante o verdadeiro renascimento do paciente: à medida em que “operava”, retomava novos conceitos. Aos poucos, veio a pedir alguns pratos que gostava, coisas simples que sabia serem disponíveis em uma clínica.

Passou o tempo; os médicos, aterrorizados, constataram um equilíbrio da saúde mental do Hélio, em um patamar mínimo, desde que estivesse “operando” relógios. Chegaram à constatação de que os labirintos físicos haviam chegado a se apoderar de sua mente, que se encontrava absolutamente presa e aferrolhada, dentro da caixa dos medidores de tempo.

A promoção do “diretorável” Hélio jamais ocorreu, todavia, em poucos meses, Susana galgava o posto de enfermeira-chefe da clínica.

Roberto Minadeo fez revisões e traduções de obras técnicas sobre negócios, além de publicar obras sobre Marketing e Estratégia.

Em 2020 lançou a antologia onírica "Sonhos Fulgurantes", na Amazon. Link dessa obra:

<https://www.amazon.com.br/dp/B088P8D8RK>

Em 2021 lançou o romance/drama "Duas Irmãs".

Escreve habitualmente para diversas coletâneas. É membro da ANE – Associação Nacional de Escritores, criada em 1963, em Brasília.

Sua página profissional de Escritor é:

<https://www.facebook.com/Roberto-Minadeo-Escritor-105594060914033>

Seu e-mail: rminadeo@gmail.com

Outras redes sociais em que participa:

<https://www.instagram.com/robertominadeo>

[researchgate.net/profile/Roberto_Minadeo](https://www.researchgate.net/profile/Roberto_Minadeo)

CONTO: OS QUATRO ELEMENTOS

POR ROBERTO SCHIMA



Conto

Quatro.
Quatro são os pontos cardeais.
Quatro são os ventos que sopram.
Quatro são todas as estações do ano.
Quatro são os cavaleiros do Apocalipse.
Quatro são os reinos espirituais na Cabala.
Quatro são os elementos a formar o Universo.

Trechi.

Era uma mansão no alto de uma colina rochosa. O terreno ocupava uma área de sessenta mil metros quadrados. A construção possuía três andares emoldurados por varandas em todos os lados as quais permitiam uma vista ampla da cidadezinha lá embaixo, das colinas, dos campos e das lavouras. O quintal abrigava um bosque particular, duas piscinas — numa delas vertia uma cascata —, uma fonte, uma quadra esportiva, uma adega, uma área para churrasqueira com espaço para acomodar trinta comensais. Seus jardins gramados eram ornamentados por palmeiras, ciprestes italianos, oliveiras e caizucas. Todo o perímetro da propriedade era cercado por um muro de três metros encimado por arames farpados. Por qualquer ângulo que se visse, era um imóvel obscuro diante da parca situação econômica dos habitantes da região.

Agora, estava em ruínas. Vândalos haviam penetrado e depredado o quanto puderam.

Os atuais proprietários — um consórcio de empresários do ramo imobiliário —, pretendiam restaurá-lo e fazer dele um hotel de alto padrão. Todavia, demandaria muito dinheiro e, enquanto tal não acontecia, deram a permissão para que um grupo de quatro *youtubers* apaixonado por casas velhas visitasse o local. Após as exclamações de admiração ante as dimensões da mansão, um deles perguntou ao velho caseiro que tomava conta do lugar na companhia de um enorme cão negro:

— Por que abandonaram tudo isso?

— Quem disse que abandonaram?

O *youtuber* franziu a testa.

— Foi um dos donos que falou.

O velho de aspecto frágil sorriu.

— Ele e seus sócios têm dinheiro, compraram o imóvel num leilão. De resto, não sabem de nada.

— E o senhor sabe?

O idoso silenciou. Remoheu os pensamentos, divertido. Depois, respondeu de modo evasivo:

— O que eu sei, eu sei. O que eu não sei... quem sabe? Só falo se nada do que eu disser for gravado. Não quero meu nome circulando nessa tal Internet. Combinado?

— Combinado! — disseram em uníssono.

— Pois bem...

A Mansão Trechi destacava-se no alto da colina como se fosse um castelo medieval.

O pouco que se sabia de seus donos originais era que se tratava de quatro mulheres estrangeiras. Elas e somente elas viviam na imensa propriedade. Seria necessário um batalhão de empregados para cuidar do lugar, todavia, até onde a gente simples da cidade sabia, somente elas ficavam por lá. Que trabalho tinham? Todos ignoravam. Qual a origem de suas fortunas? Nenhum banco na cidade tinha a resposta. Onde compravam mantimentos? Nenhum feirante ou gerente de supermercado sequer imaginava. As mulheres não mantinham qualquer contato com a cidadezinha e, nas raras ocasiões em que uma de suas limusines desfilara pela rua principal, foram motivos de comentários para uma semana inteira. Até surgira como destaque de primeira página no jornal local.

— Então, deve ter motorista!

— Não vi nada pelo vidro fumê.

A falta de informações e a aura de mistério só contribuíram para gerar as mais desenfreadas hipóteses. Seriam estrelas de cinema? Viúvas bilionárias? Amantes de políticos? Prostitutas de luxo? Contudo, o boato que mais se disseminara era a de que seriam bruxas ou feiticeiras e que seu sigilo devia-se ao fato de realizarem cerimônias profanas e libidinosas.

As línguas falavam e falavam. A imaginação rolava solta feito o vento. Como poderiam saber que, malgrado as fantasias masculinas a respeito de orgias, dessa vez estavam certos?

As quatro beldades se chamavam Zemlya, Vody, Pozhar e Vozdukha. Eram esguias e voluptuosas. Costumavam trajar vestidos longos e pretos a exhibir suas costas, ombros e braços de tonalidade marmórea. Possuíam fartas cabeleiras longas e lisas cujas cores variavam entre preto, ruivo, castanho e louro acobreado.

Sim, eram bruxas.

Isso explicava em muito a riqueza que acumularam, mas também fizeram uso de todos os ardis do espírito e do corpo, concebíveis e inconcebíveis. Formavam mais do que uma irmandade, pois dividiam tudo, incluindo os desejos carnis. Entre a fonte e a cascata da piscina realizavam seus rituais à luz do luar e ao redor de uma fogueira. Assim, entravam em comunhão com todos os quatro elementos fundamentais: terra, água, fogo e ar. Estavam no alto e distantes demais da cidade para que as pessoas pudessem ouvi-las cantarolar seus hinos profanos, recitar suas orações diabólicas ou gemerem a dezesseis mãos e quatro línguas.

No início, sacrificaram ratos, os quais ninguém deu por falta.

Depois vieram os gatos e uma ou outra idosa se queixou.

Quando os cachorros sumiram, as crianças choraram.

Então, foi a vez da criança, e a cidade toda calou.

Namanari era o seu nome e aparentava ter apenas dez anos de idade. Levou algum tempo para que a notícia de seu desaparecimento se espalhasse, afinal, era filha de uma

camponesa que vivia na zona rural e raras vezes vinha até o centro da cidadezinha, geralmente para adquirir frutas, condimentos, peças de vestuário ou produtos de limpeza.

— Namanari! — surgiu a mulher certa manhã, gritando pelas ruas. — Namanari!

Ninguém soube dar qualquer informação sobre o paradeiro da menina, contudo, mais de uma pessoa deixou transparecer seus temores e lançou olhares de suspeita para o topo da colina, em direção à exuberante Mansão Trechi.

Hannya — era esse o nome da mãe — reparou e, diante de certos boatos, compreendeu. Em vez de desespero, seu semblante esboçou discórdia. Os olhos refletiram a muralha a rodear a propriedade.

Era noite de Lua Cheia.

O ar estava leve, sem vento.

Ouvia-se o cair da água na fonte.

As quatro mulheres estavam reunidas ao redor de um altar erguido no local dos rituais. Sobre ele, a menina chamada Namanari estava deitada e previamente drogada para não causar problemas.

Zemlya, a bruxa de cabelos negros, começou:

— Aqui estamos reunidas para nos elevarmos em mais um estágio de nossos poderes.

— A escuridão é o nosso limite! — disseram as outras três em coro.

— Ofertamos esse sacrifício àquele que nos tem guiado.

— Receba a nossa oferenda! — recitou o coro.

— Dê-nos o dom da imortalidade!

— A ti clamamos, oh, trevas!

— Somos os elementos!

— A nós é o mundo!

Uma lâmina luzidia foi erguida com ambas as mãos no alto da cabeça de Zemlya. Seus olhos arregalados brilhavam num transe enlouquecido. O busto subia e descia no compasso da respiração. Pele arrepiada. Mamilos intumescidos. Quando estava prestes a desferir o golpe, ouviu-se um ruído de dentro do bosque.

— Quem se atreve? — gritou.

E eis que, da mata às escuras, emergiu Hannya. Mulher franzina, músculos tensos e rosto lívido, aproximou-se sem hesitar, sendo banhada pela luz da fogueira.

— Acabem com essa infeliz! — gritou Pozhar, a bruxa de cabelos castanhos.

Zemlya fez a terra estremecer sob os pés de Hannya.

Vody ordenou às águas da fonte que se voltassem na direção da intrusa.

Pozhar comandou a chama crepitante da fogueira e esta reavivou-se ameaçadora.

Vozdukha, em gestos circulares, roubou a quietude da noite, e um vendaval agitou o chão poeirento.

Os quatro elementos atenderam às bruxas, reuniram-se e conspiraram contra a mulher que, sabia-se lá como, conseguira escalar o muro de três metros e saltar para o interior dos jardins da mansão.

— Tremei diante de nosso poder sobrenatural, camponesa! — gritou Vozdukha, a loura.

A mãe de Namanari não tremeu. Parou a poucos metros das bruxas de negro, cercada pela terra, fogo, água e ar. Subitamente, a um gesto seu, todas essas manifestações cessaram.

As proprietárias da mansão ficaram boquiabertas.

Hannya falou e sua voz era estranha, rouca e de inúmeros timbres:

— Das portas das trevas vocês vislumbraram as frestas. Acham-se magnânimas, detentoras dos negros segredos dos quatro elementos. Ah, meretrizes da arrogância, da vaidade e da estupidez! De tais portas, eu escancarei! E, em vez de estar do lado de fora, emergi de seu interior!

Soltou uma gargalhada para as estrelas.

A seguir, uma massa negra surgiu da vegetação às escuras e fragmentou-se em dezenas de contornos disformes. Amostras das profundezas do abismo. Cercaram as bruxas, agora atônitas e impotentes.

Zemlya, não se dando por vencida e expondo toda a maldade que enlameava sua alma, voltou-se novamente à criança, na tentativa de apunhalá-la. Quando atacou, sentiu seus pulsos serem aprisionados por um par de mãos infantis, mas dotados de força descomunal. O contato ardia feito mil urtigas. Eis que a criança deitada no altar se ergueu e revelou a sua verdadeira natureza: não era humana. E as palavras ditas por Hannya reverberaram no cérebro da bruxa: "... De tais portas, eu escancarei! E, em vez de estar do lado de fora, emergi de seu interior!..."

— De seu *interior*... NÃÃÃOOO!

— Sim — disse a menina e sua voz não era de criança. — Estamos no panteão daqueles que vocês veneram. Mas, para nós, de nada prestam, tampouco representam e muito menos significam. Pelo atrevimento de vocês, serão punidas.

Namanari juntou-se a Hannya. Sorriram uma para a outra. Mãe e filha. Irmãs, Companheiras. A seguir, fixaram seus olhos nas bruxas. Olhos vermelhos feito brasas. Exibiram dentes longos e pontiagudos de criaturas abissais, chifres e línguas bipartidas.

— AAAAAHHHHH! — gritaram as quatro mulheres, aterrorizadas.

Nada puderam fazer quando, uma a uma, pagaram o preço do sacrifício que pretendiam realizar.

Vozdukha viu-se privada do ar em seus pulmões e morreu asfixiada.

Pozhar caminhou contra a vontade até as chamas e ardeu feito tocha.

Vody, igualmente, foi levada até o fundo da piscina e lá permaneceu.

Zemlya, a cruel líder, viu abrir o chão a seus pés e foi enterrada viva.

Os quatro elementos.

Cada segundo foi, de propósito, retardado ao equivalente a uma eternidade.

Hannya e Namanari desfrutaram o espetáculo. Foi uma delícia de assistir.

— Oh, isso sim é sacrifício — murmurou Namanari.

— Sim, minha pequena.

A poeira assentou novamente. A água evaporou. O fogo extinguiu. O ar aquietou.

A Mansão Trechi caiu no abandono. Vândalos invadiram o local, roubaram o que puderam ou picharam tantas paredes quanto conseguiram até que a sensação de não serem bem-vindos vergaram seus espíritos e de lá fugiram para não mais retornar.

O caseiro concluiu sua história:

— Conhecem o ditado: "Quem com ferro fere..." Pois é. Por vários anos a propriedade ficou largada até ser arrematada no ano passado. É isso aí, criançada. Agora, vão fazer o que têm que fazer. O tempo passa rápido e eu tenho minhas ordens.

Os *youtubers* começaram a gravar as dependências e os inúmeros cômodos da mansão. Eram quatro adolescentes e todos se espantavam mais e mais a medida em que se davam conta do luxo e esplendor de deveria ter sido o lugar em seus áureos tempos.

— O que acharam da história do velho? — falou um deles.

— O cara tem muita imaginação.

— Contou aquilo para nos assustar.

— Deve ser lorota para atrair turistas.

— Claro! Como poderia saber detalhes?

— Bem que gostei do lance dos peitinhos!

Havia muitas pichações feitas pelos vândalos. Colocaram suas iniciais ou símbolos tribais. Em alguns casos, tentaram escrever seus nomes, mas, frequentemente, estavam inacabados.

E um deles percebeu.

— São os nomes mais longos, viu? É como se não tivessem tido tempo para terminar. Como se algo interrompesse...

— Ah, para com isso! Tá falando que nem o caseiro.

Havia uma escadaria na parte mais baixa e fria da Mansão Trechi, nas proximidades da churrasqueira. Desceram e depararam-se com uma porta de madeira maciça. Estava emperrada, porém, via-se por uma fresta que devia se tratar da adega.

— Vamos, ajudem-me a empurrar.

Tiveram que forçar e suar um bocado até conseguirem.

As primeiras coisas que avistaram foram os nichos das garrafas à direita, todos vazios. Havia centenas de cacos de vidro espalhados pelo piso empoeirado. Entre eles, destacavam-se algumas pegadas a mostrar que saqueadores estiveram ali. Mas não se aventuraram muito mais ao fundo.

— Dê-me a lanterna!

Ao iluminarem a adega ou, pelo menos, até onde a luz conseguia alcançar, descobriram o porquê: à esquerda, sobre um monte de esqueletos de roedores, gatos e cães jaziam os ossos de quatro seres humanos, cujas órbitas vazias dos crânios voltavam-se para eles.

Correram de lá aterrorizados. Passaram pelo caseiro e seu cão sem ao menos agradecerem.

O velho sorriu e fitou afetuosamente o animal, acariciando a pelagem escura. Os olhos de ambos brilharam; um brilho intenso, vermelho.

— Quem disse que abandonaram? — repetiu o caseiro, referindo-se à mansão.

— Verdade, mãe — respondeu o cachorro. — Verdade.

Riram a valer.

Um a um, os proprietários faleceram de maneira misteriosa. Da documentação do imóvel não se teve notícia. O projeto do hotel de luxo jamais saiu da prancheta.

Nos anos que se seguiram, por mais que as ruínas não deixassem de se projetar sobre a cidadezinha, seus habitantes evitavam a custo olhar para o alto. E as janelas das casas que davam em direção à colina permaneceram com as cortinas cerradas ou jamais foram abertas.

A queimada queimou.

A terra se assentou.

O vento soprou.

A chuva caiu.

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. E apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fui um garoto que amava os monstros, sobrenaturais ou do espaço. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu* etc. Participei de mais de oitenta antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

CONTO: SIRIBEIRA: A MULHER MARAVILHOSA

POR ZILMARA SOARES DE BRITO



Conto

Já tinha ouvido falar da esposa do Ataíde. Já tinha ouvido algumas coisas vagas aqui e ali, mas não tinha certeza de nada do que lhe contavam. Em toda a sua vida enquanto pescador, nunca havia encontrado nada de sobrenatural em seu caminho, embora tivesse ouvido muitas histórias de seus parceiros.

Vida difícil, família grande para sustentar, o rio cada vez mais *panema* para peixe. Certa tarde, quando já estava voltando para casa, triste e com a rede miada, aportou num rancho, sentiu um cheiro doce de flores, “mas ali não tinha flores”, o único cheiro mais forte era o do mangue. De repente... viu uma mulher sentada. Morena, olhos castanhos, cabelos lisos, um encanto de mulher para os olhos de qualquer pessoa. Ela sorriu, ele ficou acanhado, afinal, de onde surgira aquela mulher? E sozinha?

— Pescaria difícil hoje?

— Tem um tempinho que tá muito ruim mesmo, panema de só o diacho.

— Muitos netos que moram contigo?

— Uns 3.

— E tu parece ser tão jovem pra ser avô. E o que tu vai fazer agora? Voltar pra casa assim?

— O jeito é ir assim mesmo, vou ver se arrumo uma farinha e esse aqui dá pra janta – aponta para o peixe que havia pescado.

— Já pensou em ganhar muito dinheiro?

— E quem não pensa?

— Eu digo, ganhar dinheiro com a pesca...

— Nesse rio aqui? Ah, isso não existe, dona... daqui a gente só tira mesmo o da comida.

— Após a pescaria, volte amanhã, nesse mesmo lugar para me ver de novo.

No outro dia foi pescar e pescou tanto peixe como nunca em sua vida, voltou cedo para casa e ao passar pelo rancho do dia anterior, lembrou da mulher, mas não lembrava mais da conversa que teve com ela, passou olhando, não viu ninguém no lugar, continuou seu caminho.

Na próxima pescaria, ao contrário da última, não pegou um peixe sequer e ainda foi picado no corpo inteiro por várias cabas. Louco de dor, sem perceber, aportou novamente naquele rancho. Lá estava a mulher, parecia mais velha, ele tomou um susto enorme quando a viu, mas a dor era tão grande que quase não conseguiu falar com ela.

— Você me enganou, te esperei e não apareceu – disse a mulher.

— Eu olhei e não vi ninguém.

Ela se aproximou e as ferroadas pararam de doer, de repente ela lhe deu um beijo e disse:

— Vá, não conte nunca para ninguém que me conhece. Volte amanhã, a sua noção de dia é uma eternidade pra mim.

Ele a olhou, seu rosto já não era mais novo, estava com algumas rugas, lembrou que até então não sabia seu nome, perguntou e ela disse que não poderia dizer, para não correr o risco de ele contar a alguém. No entanto, poderia falar seu nome, mas apenas quando confiasse nele.

Todas as vezes que ele ia pescar, trazia peixes como nunca e sempre passava naquele rancho para encontrar aquela mulher e, misteriosamente, ela ficava a cada dia mais jovial e bonita. Com o tempo, o rancho simples de antes se transformava aos poucos numa casa à margem do rio. Na cidade, a vida do pescador se transformava da noite para o dia, não sabia como, mas estava enriquecendo aos poucos, mesmo sabendo que aquilo que pescava não dava para enriquecer. Percebeu que tudo se dava por conta da amante que adquirira e jurou jamais contar a ninguém o que se passava. Percebendo a fidelidade do pescador, ela resolveu falar seu nome, “Siribeira. Mas jure que jamais contará a ninguém”. Ele jurou, jurou com os olhos.

Olhares curiosos e invejosos passaram a rondá-lo, era muito estranho, muitos queriam saber onde ele pescava, queriam ir junto, outros perguntavam deslavadamente de onde aquele simples pescador tirava tanto dinheiro. Estaria vendendo drogas? faziam de tudo para que falasse, mas ele nunca dizia nada.

Certa noite, os irmãos de sua esposa insistiram e ele foi a um aniversário de um conhecido, lá beberam a ponto de se embriagar. Novamente, um dos curiosos lhe perguntou de onde tirava tanto dinheiro. Bêbado, e inconsciente da promessa fatal, contou de um lugar no meio do nada, onde há uma mulher e que, desde que a conheceu, sua vida só fez melhorar. Ninguém acreditou, mas um deles perguntou o nome dela.

— SIRIBEIRA! – berrou para todos ouvirem.

No outro dia, lembrou do que havia contado, mas tudo estava no seu devido lugar, ninguém acreditou na conversa de que existia uma mulher encantada que proporcionava riqueza. Mas logo tratou de se arrumar e ir para a maré. Lá chegando, lembrou de visitar Siribeira. Quando chegou no local, não havia ninguém, apenas um grande silêncio. O sol de 10h da manhã lhe ardia às costas como se estivesse à beira de uma fogueira, o vento soprava quente. Já estava triste e decidindo a ir embora, quando teve um calafrio e sentiu um fétido odor, olhou em volta e experimentou um forte golpe na face esquerda. Estando no chão, começou a apanhar incessantemente, olhava para os lados e não via absolutamente nada, começou a desferir golpes contra o ar, até que conseguiu se livrar de algo que o prendia, saiu correndo todo ensanguentado, sem rumo no meio do mangue, sem entender o que estava acontecendo. Ao chegar à margem do rio e subir na canoa, olhou para trás e viu, um homem gigante, cheio de pelos pelo corpo, com um olho no meio da testa e seu órgão genital descomunal, logo percebeu que se tratava de Ataíde e pensou “o que fiz para ele estar furioso comigo?”, olhou para o lado do monstro e viu Siribeira, com um sorriso maligno de ódio e rancor, metamorfoseando-se em um monstro idêntico a Ataíde, a diferença estava nos seios, que eram tão grandes que ela precisou jogá-los para trás para correr. Os dois perseguiram o pescador, que logo tratou de sair dali em sua rabeto o mais rápido possível e pelo caminho rezava todas as orações de que se lembrava.

Desde então, ficou traumatizado com tudo, passava o dia contando o que tinha acontecido consigo e de como havia conhecido Siribeira. Ninguém nunca acreditou. Com o passar dos anos, corria nos quatro cantos da cidade dizendo que estava sendo perseguido, implorando que alguém o escondesse. Um dia, encontraram-no, sozinho no pátio de uma casa abandonada, um pobre coitado deitado, vestido nuns trapos rasgados, no meio de seus próprios excrementos, morto, abandonado à própria sorte.

Zilmara Soares de Brito – professora. Escritora de contos e crônicas nas horas vagas. Gosta do gênero Realismo maravilhoso.

CONTO: A CHAVINHA...

POR MÓNICA PALACIOS



Conto

Ela estava lá, entre folhas avermelhadas e restos de um ninho caído. Até combinava. Natureza, vida e metal. Decidi não mexer e só registrar a cena em uma foto. A chave me intrigou.

As crianças chegaram e tudo é alegremente revirado. Até o trio que deixei descansando no jardim.

As crianças dissolveram essa trilogia e multiplicaram as opções. O ninho do pássaro azul virou chapéu. As folhas avermelhadas um macio colchão para os super heróis e a chave, para abrir o baú do avô.

Essa tarefa que requer coragem e foi programada para a noite.

A tarde foi correndo e as ideias borbulhando entre risos e gargalhadas. Até que, já escuro, alguém pegou a chave e o baú se abriu... nele apareceu um olho azul que começou a circular pela sala e eles corriam para tentar o pegar.

Esse olho piscava, subia e descia. Até girava rapidamente, encostava nas janelas, se escondia entre as cortinas e nada de alguém pegar ele. Ninguém o atrapava, era muito, muito ágil.

Orgulhoso de sua agilidade, embora cansado, ofegante, subiu no último dormente da sala e desde lá... piscou algumas vezes até que soltou um pó ainda mais azul que foi escrevendo...

Estava muito preso, agora feliz... também quero brincar.

Mónica Palacios

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.



CONTO: A CURA VIAJA NA CARRUAGEM DE QUIRÓN...

POR MÓNICA PALACIOS

Conto

Como escolher, qual é a escala mais oportuna? há tantas escalas, sejam visíveis e invisíveis mais sempre nos questionando frente a sítios e situações enigmáticas?

Não... não posso permitir visitar sítios sombrios nem abrir portas barulhentas, enferrujadas só nos transmitem pânico, isso é destrutor. Melhor é continuar olhando só pelo buraco de luz em aquela quina da parede do fundo que da cara ao sol, assim, por ele, podem entrar informações necessárias, originais e até divertidas.

Consigo até enxergar aqueles rostos, olhares e miradas quase todas iguais, com aquele carimbo do medo... todas elas sumam emoções que nos desafiam a sensibilizarmos.

Não podemos nos engessar, a proposta e para nos mobilizar, vejo que há outras portas lá fora, luminosas. Estas, ávidas de acolhimento, esperando sorrisos, e há uma vermelha, grande, gótica que é maravilhosa, diferente, muito brilhante e tem uma mão doando uma flor.

Continuo indecisa...

Volto ao buraco e vejo bilhetes espalhados que nos indicam o percurso, sim, de dentro da casa até o exterior da casa, dos objetos até as lembranças, dos sonhos até os desejos uni e multipessoais. Sem dúvida, existe uma intenção latente no ar, parece soletrar repetidamente... n ó s , n ó s , n ó s .

Volto a me preocupar pela próxima viagem e vejo que nossa carruagem está repleta de gente com enormes bagagens que até parecem amarradas em halos de luz e provocam curiosidade a quem as observa. Esta viagem propõe um passar lentamente pelas almas e circuitos do coração de cada um.

Quantas viagens poderemos realizar? como as programar? Claro, há uma condição! cada passageiro deve carregar sua bagagem com o melhor que descobre, que consiga preparar e esteja disposta a usar, compartilhar e doar.

Acabam de partir...

Voltando, organizaremos outras.

Mónica Palacios

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

PORQUE
AMAMOS
LIVROS

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.09.2021

PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura